

ELAINE MARIA DE SOUZA LIBERATTI

**O COMPORTAMENTO DA NEGAÇÃO EM TEXTOS
DA LÍNGUA ESCRITA DO PORTUGUÊS DO BRASIL**



Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",
Câmpus de Araraquara, para a obtenção do título de Mestre em
Letras (Área de Linguística e Língua Portuguesa).

0300046772



Orientadora:

Prof.a Dra. Maria Helena de Moura Neves

Handwritten signature of Maria Helena de Moura Neves.

ARARAQUARA
2000

RETOMBADO

Handwritten date: 4/6.02

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, pela paciência, pelo carinho e especialmente por ter me mostrado o verdadeiro significado do sim e do não.

À Prof.a Dra. Maria Helena de Moura Neves, pela orientação amiga e competente.

Aos professores do Curso de Pós-Graduação da UNESP - Araraquara.

A todos os colegas do Curso de Pós-Graduação da UNESP - Araraquara.

Ao CNPq, pelo auxílio financeiro.

“The universe can be given a complete but not pragmatically useful description without using negation”

(Apostel 1972: 209)

ÍNDICE

Resumo.....	06
Introdução.....	07
Capítulo I: A noção de “escopo” no tratamento da negação.....	13
1.1. A Gramática Tradicional: o caráter de modificador da negação.....	13
1.2. O tratamento lógico da negação: surgimento da noção de escopo.....	16
1.3. A noção de escopo na literatura linguística.....	19
Capítulo II: O modo de expressão da negação em português: os níveis de manifestação da negação.....	23
2.1. Nível sintático-semântico.....	27
2.1.1. Negação predicativa.....	27
2.1.1.1. Negação predicativa frasal.....	27
2.1.1.2. Negação predicativa de constituinte.....	28
2.1.2. Negação de relação semântica ou relacional de constituinte.....	30
2.1.3. Negação exclusivo-restritiva.....	31
2.2. Nível morfológico: negação prefixal.....	33
2.3. Outros empregos do operador de negação.....	35
2.4. Contextos de duplicação e intensificação do operador de negação.....	41
Capítulo III: A operação de negação na língua em uso.....	48
3.1. A proposta funcionalista para os níveis de manifestação do operador de negação.....	48
3.1.1. Níveis de manifestação da negação.....	49
3.1.2. A negação como critério de distinção de tipos de satélites na estrutura hierárquica da cláusula.....	54
3.1.3. Integração dos níveis de análise da Gramática Funcional.....	57
3.2. Uma proposta cognitivista para identificação do escopo da negação.....	60

Capítulo IV: Características gramaticais e funcionais dos textos em estudo	71
Capítulo V: As relações entre escopo da negação, referencialidade e grau de definitude dos nomes	77
5.1. Os conceitos de referencialidade e definitude na Gramática Funcional	78
5.2. As relações entre escopo da negação, referencialidade e grau de definitude dos nomes observadas na literatura linguística	81
Capítulo VI: A combinação da negação com expressões modais	93
6.1. A modalidade na Gramática Funcional	93
6.2. Comportamento da negação com expressões modais	98
6.2.1. A combinação de negação e modalização deontica	100
6.2.2. A combinação de negação e modalização epistêmica	104
Capítulo VII: O escopo da negação nas estruturas de complementação e o processo de alçamento da negação	110
7.1. Estudo do escopo da negação nas estruturas de complementação: o processo de alçamento da negação na literatura linguística	111
7.2. Comportamento e escopo da negação em estruturas de complementação: classes de predicados motivadores e não-motivadores do alçamento da negação	118
Capítulo VIII: Negação metalingüística: propriedades e relações de escopo	132
8.1. O conceito de negação metalingüística	133
8.2. Propriedades semânticas e pragmáticas dos enunciados que envolvem negação metalingüística	139
8.3. Diagnósticos formais que detectam o uso metalingüístico da negação	143
Capítulo IX: Funções lingüístico-textuais da negação	147
Capítulo X: Exame da manifestação e do funcionamento da negação nos textos da língua escrita	159
Conclusões	222
Bibliografia	229
Índice dos Quadros e Gráficos	242

RESUMO

Esta pesquisa analisa o comportamento da negação em frases sintaticamente negativas de textos do português escrito contemporâneo do Brasil.

A partir da concepção funcionalista de uma gramática que integra os diversos níveis de análise, investigam-se os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos no funcionamento da negação em ocorrências reais encontradas em três tipos de texto: técnico, oratório e dramático.

Os resultados da investigação revelam especificidades de uso e multiplicidade de funções da negação correlacionadas à diferente natureza e função comunicativa de cada tipo de texto.

ABSTRACT

This research aims at analyzing the behavior of negation in negative constructions of written contemporary Brazilian Portuguese.

As general aim, this work intends to describe and analyse the occurrences of not (*não*) of negative constructions in three different kinds of texts (dramatic, technical and formal oratory exposition) in order to achieve a characterization of those texts, in their effective use.

The analysis is based on the Functional Theory. It considers the discourse level in which the negative constructions are effectively used taking into account the involved syntactics, semantics and pragmatics aspects.

The results reveal that a certain textual type has inherent characteristics favouring different types of use and functions of negation.

INTRODUÇÃO

A expressão da negação é básica, já que permite ao falante recusar, contradizer, mentir, fazer ironias, distinguir verdade de falsidade.

A negação pode aparecer de múltiplas maneiras nas nossas práticas discursivas, quer se trate de discursos de especialistas quer se trate de discursos “comuns”. Ela está presente no seio da língua em quase todos os níveis - morfológico, lexical, proposicional, enunciativo - e suas funções no discurso são muito numerosas. Face a essa riqueza e a essa diversidade, o estudo da negação na Gramática Tradicional parece particularmente limitado, para descrever os múltiplos aspectos que revestem essa operação nas línguas naturais. Apesar dos subsídios oferecidos pela Gramática Tradicional para os estudos das formas de negação, a descrição proposta não possibilita uma sistematização da natureza, do comportamento e funcionamento da negação nos diferentes tipos de texto. Não há referência às funções lingüístico-textuais nem às especificidades de uso da negação nas diferentes modalidades textuais da língua escrita.

Numa tentativa de sistematização dos principais empregos e funções lingüístico-textuais da negação, esta dissertação objetiva estudar a manifestação da negação em frases sintaticamente negativas de textos da língua escrita, contribuindo, assim, para o estudo da expressão e do funcionamento da negação no português contemporâneo do Brasil.

O exame da manifestação da negação permite a distinção de um amplo conjunto de tipos de negação, considerando-se precisamente o que é negado, os

- (i) textos de caráter interativo e de estrutura dialógica (literatura dramática);
- (ii) textos de caráter expositivo ou informativo (literatura técnica);
- (iii) textos de caráter essencialmente argumentativo (literatura oratória).

Acredita-se que as principais relações que se estabelecem entre a negação e o material em seu escopo refletem uma escolha, por parte do falante ou escritor, baseada nas necessidades e condições da situação comunicativa em que o discurso se insere.

Propõe-se um estudo do comportamento da negação fundamentado no modelo funcionalista, o qual extrapola o nível sentencial da análise, pois considera o nível discursivo, em que as frases são efetivamente realizadas, levando em conta, em conjunto, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos.

Para o exame da manifestação e funcionamento da negação será utilizado um corpus de língua escrita composto pelos três tipos textuais discriminados acima, pertencente ao banco do Centro de Estudos Lexicográficos da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Espera-se que a natureza peculiar e as características específicas de cada tipo de literatura favoreçam um determinado tipo de uso da negação em detrimento de outros.

Este trabalho constará, basicamente, de duas partes. A primeira parte compreende os oito primeiros capítulos que apresentam a fundamentação teórica.

O Capítulo 1 traz um breve histórico de como a noção de “escopo” da negação, originariamente pertencente ao campo da lógica, passou a fazer parte do terreno das reflexões gramaticais. Apresenta, ainda, como a noção de “escopo” é tratada nos estudos tradicionais da negação.

Apresentam-se, no capítulo 2, o modo de expressão da negação em português e os níveis de manifestação da negação.

O capítulo 3 descreve o tratamento que a negação recebe nos estudos funcionalistas e discute a integração dos níveis de análise da Gramática Funcional, imprescindível para a caracterização funcionamento da negação em textos reais.

O capítulo 4 apresenta o perfil dos textos que compõem o corpus de análise.

Uma investigação de base funcionalista do funcionamento da negação nos textos da língua escrita requer a verificação da possibilidade de o operador de negação afetar a referencialidade de argumentos nominais que ocorrem em frases sintaticamente negativas. Indaga-se quais são os efeitos da negação sobre os argumentos nominais e qual é o tipo de relação que pode ocorrer entre o escopo da negação, a referencialidade e o grau de definitude dos grupos nominais. A discussão das relações entre escopo da negação, referencialidade e grau de definitude dos nomes que ocorrem nos enunciados sintaticamente negativos é realizada no capítulo 5.

O operador de negação não deve ser estudado isoladamente. Uma investigação do comportamento da negação nos diferentes tipos de texto da língua escrita deve considerar sua interação sistemática e complexa com os outros operadores lógicos, por exemplo, com os modais.

O estudo da combinação da negação com expressões modais, deônticas e epistêmicas implica o exame do comportamento de expressões modais e dos significados que emergem quando os modais aparecem sob o escopo da negação.

Como hipóteses de investigação pertinentes à análise dos contextos em que há combinação de negação com modais epistêmicos e deônticos, pretende-se verificar se a posição da partícula de negação exerce um papel na interpretação e escopo do modal. A combinação da negação com expressões modais é analisada no capítulo 6.

Uma interação entre o escopo da negação e as expressões de modalidade epistêmica e deôntica pode ser detectada a partir do exame da manifestação da negação nas estruturas de complementação, em termos do conhecido fenômeno de alçamento da negação, em que o operador da negação é transferido, ou alçado, do predicado da cláusula encaixada, à qual semanticamente ele pertence, para o predicado da cláusula principal, dessa forma enfatizando e realçando o escopo da negação. Indaga-se se esse processo é produtivo nos textos da língua escrita do português e se esse fenômeno da negação está ligado a um tipo específico de discurso.

O capítulo 7, além de discutir o comportamento da negação nas estruturas de complementação, caracteriza e analisa o processo de alçamento da negação nos textos escritos do português.

Para o estudo do funcionamento textual da negação contribui-se com o exame de um tipo peculiar de negação: a negação metalinguística, que possui um caráter interacional, não atua sobre o valor de verdade de uma proposição, mas sobre a condição assertiva do enunciado. O oitavo capítulo é destinado ao estudo das propriedades semânticas e pragmáticas dos enunciados que envolvem negação metalinguística.

Objetiva-se verificar as características peculiares e/ou particulares da negação metalingüística, bem como as relações de escopo desse tipo de negação, examinar os contextos de ocorrência de negação metalingüística em cada tipo de literatura, e, afinal, analisar as propriedades semânticas e pragmáticas dos enunciados que envolvem esse tipo de uso da negação.

A segunda parte da dissertação é composta por dois capítulos destinados ao exame da manifestação e do funcionamento da negação nos textos da língua escrita, objetivando a investigação do comportamento da negação em ocorrências reais dos textos da língua escrita do português contemporâneo do Brasil. O capítulo 9, que pretende ser uma contribuição para o estudo das funções que a negação pode desempenhar num texto, investiga a atuação da negação sobre o valor argumentativo dos enunciados. O capítulo 10 destina-se a apresentar e discutir os resultados obtidos na análise do corpus.

CAPÍTULO I

A NOÇÃO DE “ESCOPO” NO TRATAMENTO DA NEGAÇÃO

Afirmção e negação - duas categorias conjugadas e polares - são matéria de estudo de linguistas, lógicos, psicólogos e filósofos.

Sob o ponto de vista linguístico, o termo negação é, mais freqüentemente, utilizado para descrever um fenômeno semântico que extrai suas propriedades da lógica: negação equivale a inversão do valor de verdade ou a passagem do verdadeiro ao falso. O termo negação também costuma designar, de maneira metonímica, as palavras que são utilizadas para se obter esse valor semântico.

Os estudos de negação em português seguem um esquema descritivo geral. Tradicionalmente eles têm-se centrado em aspectos lógicos, sintáticos e morfológicos, sem considerar a natureza, o uso e funcionamento da negação nos textos.

1.1. A Gramática Tradicional: o caráter de modificador da negação.

O critério tradicionalmente utilizado para o reconhecimento da expressão da negatividade é a presença de uma partícula negativa e seu aparecimento numa localização sintática específica.

De maneira geral, as formas de expressão da negação são consideradas pela Gramática Tradicional como pertencentes à classe dos advérbios. Essa categorização é efetuada por três critérios, utilizados na tradição gramatical para delimitar a classe dos advérbios:

- (i) critério morfológico: palavra invariável;
- (ii) critério sintático: palavra relacionada sintaticamente ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio;
- (iii) critério nocional: palavra que indica modificação e circunstância.

Um breve exame das referências e observações sobre as formas de negação encontradas nas gramáticas da língua portuguesa revela que há posições divergentes quanto à colocação das palavras que expressam a negação na classe dos advérbios. Enquanto alguns gramáticos propõem que essas palavras sejam classificadas como “advérbios de negação”, outros as consideram como “palavras denotativas”, “palavras de classificação à parte”, alegando que (i) elas não atendem a alguns dos critérios formulados pela Gramática Tradicional; (ii) a conceituação de advérbio proposta pelos critérios tradicionais não é compatível com o comportamento e as características das expressões de negação; (iii) os critérios tradicionais são inadequados para qualificar expressões de negação como advérbios.

Apesar da falta de acordo entre os gramáticos quanto à classificação das formas de expressão da negação, a maioria dos autores considera as palavras negativas como pertencentes à classe dos advérbios, compartilhando a definição tradicional de advérbio que faz menção da propriedade de “modificar” itens de outras classes - ou mesmo de “modificar o próprio advérbio”. A referência ao caráter de “modificador” da negação é encontrada tanto nas gramáticas antigas como nos estudos gramaticais mais recentes.

Segundo E. C. Pereira (1918: 159), as palavras que exprimem a negação são consideradas palavras modificativas, que têm por função modificar os adjetivos, verbos e advérbios.

Oiticica (1953:45-50), no seu *Manual de Análise*, mostra-se contrário à inclusão do não entre os advérbios. Para ele “o advérbio modifica o verbo exprimindo as circunstâncias que cercam ou precisam uma ação”. Segundo essa definição, palavras como não, nunca, nada e outras que exprimem negação não podem ser consideradas advérbios, pois não expressam “circunstância”, apenas modificação do verbo. Por isso, Oiticica prefere chamá-las de palavras denotativas.

Nos *Serões Grammaticaes* de Ernesto Carneiro Ribeiro (1955), as palavras negativas são classificadas como advérbios, que têm natureza invariável e função de “modificador”.

A referência à função de modificador da negação também é recorrente nas gramáticas tradicionais mais recentes, como as de Cegalla (1966), Chaves de Melo (1970), Macambira (1970), Rocha Lima (1972), Cunha (1986), Kury (1990).

O caráter de modificador implica que o elemento que opera a negação tenha um âmbito de incidência ou escopo. A noção de “escopo da negação”, definida como o segmento de frase em que a negação exerce o seu efeito, ou seja, como o conjunto de conteúdos afetados pelo operador de negação, mostra-se útil para caracterizar semanticamente as construções em que ocorrem itens de negação, contribuindo, assim, para a análise do comportamento da negação nos textos.

Apesar dos subsídios oferecidos pela Gramática Tradicional para os estudos das formas de negação, a descrição proposta não possibilita uma

sistematização da natureza, do comportamento e funcionamento da negação nos diferentes tipos de texto. Não há referência às funções lingüístico-textuais nem às especificidades de uso da negação nas diferentes modalidades textuais da língua escrita.

A investigação do comportamento da negação nos diferentes tipos de textos será iniciada a partir da discussão do surgimento da noção de escopo.

1.2. O tratamento lógico da negação: surgimento da noção de escopo.

O tratamento da negação tem ocupado um lugar central na lógica. Desde Aristóteles, numerosos autores se esforçaram para limitar sua significação, suas funções e os mecanismos de pensamento nos quais ela opera.

O tratamento tradicional da negação na lógica se reduz à correlação entre o operador de negação “não”, de uma parte, e o valor de verdade, da outra. A negação é considerada apenas em termos de valor de verdade; isto é, como um operador que inverte o valor de verdade de uma proposição.

Os estóicos foram os primeiros a discutir o escopo da negação, embora essa noção esteja implícita em Aristóteles. Atribui-se também aos estóicos a primeira formalização ocidental da lei da negação dupla (Horn 1989:2).

A negação na lógica proposicional é definida como tendo seu escopo sobre a proposição inteira: se p é verdadeiro, então não p é falso. Essa interpretação é frequente nas línguas naturais, como em (1), mas não é a exclusiva, já que a negação pode atuar sobre diversos constituintes da frase:

(1) Os alunos **não** quebraram as vidraças.

a. Os alunos **não** quebraram as vidraças, não é verdade que eles fizeram isso.

b. Os alunos **não** quebraram as vidraças, quebraram as carteiras.

c. Os alunos **não** quebraram as vidraças, sujaram as vidraças.

d. Os alunos **não** quebraram as vidraças, foi um invasor da escola que quebrou.

Assim, a proposição expressa pela frase em (1) autoriza uma primeira interpretação (1a) em que a negação atua sobre a proposição inteira: não é verdade que/ é falso que os meninos quebraram as vidraças. Permite ainda outras interpretações: (1b) a negação incide sobre o complemento: os alunos quebraram outra coisa que não as vidraças, por exemplo as carteiras; (1c) a negação atua sobre o verbo: os alunos fizeram outra coisa com as vidraças, eles as sujaram; (1d) a negação exerce seu efeito sobre o sujeito: não foram os alunos que quebraram as vidraças, foi um invasor da escola. É impossível saber qual das quatro interpretações corresponde às intenções do falante ou do escritor, se a proposição expressa pela frase em (1) for examinada isoladamente do seu contexto de produção.

No domínio próprio da lógica, a negação permanece indiferenciada, sob sua forma radical e simples. O quadro da negação que o tratamento lógico nos entrega (isto é, negação como uma função de verdade de p) refere-se apenas a um tipo de uso da língua no qual o operador de negação está envolvido. Mas há outros usos

em que o operador de negação está envolvido e nos quais um valor de verdade não é o que está principalmente em jogo.

Assim, as propriedades lógicas da negação estão sem dúvida refletidas na língua, mas apenas de um ponto de vista. A incidência lógica da negação está manifesta, por exemplo, quando o operador de negação está em interação com operadores modais. Entretanto, a lógica capta apenas uma pequena porção do que a negação faz na língua. A visão comum, emprestada da lógica, é que o escopo da partícula de negação não é a sentença inteira ou o predicado, e que a negação forte, ou negação de predicado, pode ser sempre reduzida a negação de sentença. Givón (1979:92) procura mostrar que a negação na língua não se comporta meramente como a negação na lógica proposicional, apontando que ela carrega um imenso componente pragmático que não pode ser predito a partir das propriedades estritamente lógicas das operações de verdade envolvidas.

Para ele, as sentenças afirmativas e as suas correspondentes negativas na língua não diferem apenas pelo seu valor de verdade, mas também por um elemento adicional - pragmático -, nomeadamente por suas *pressuposições discursivas*. Em outras palavras, quando um falante enuncia uma sentença negativa no discurso, ele supõe mais sobre o que o ouvinte sabe do que quando ele enuncia uma sentença afirmativa. As sentenças negativas, segundo Givón (1979:139), são enunciadas em contextos em que a sentença afirmativa correspondente já foi discutida, ou nas situações em que o falante crê ou está propenso a crer na sentença afirmativa. Não é a verdade da afirmativa que está em questão, mas a

familiaridade com uma certa proposição afirmativa, ou a probabilidade de sua crença nela.

1.3. A noção de “escopo” na literatura lingüística.

Muitos estudiosos de teoria lingüística também se ocuparam da questão do escopo da negação.

Na literatura lingüística, a noção de escopo possibilita a compreensão da negação como uma operação significativa que não afeta necessariamente todos os conteúdos da frase em que ocorre, e permite distinguir uma negação de frase de uma negação de constituinte.

Foram os transformacionalistas, precisamente Klima (1964) e Jackendoff (1969) que distinguiram esses dois tipos de negação e propuseram critérios de distinção. O primeiro se coloca numa perspectiva puramente sintática, o segundo demonstra que se trata sobretudo de um problema semântico.

Klima propõe diferenciar negação de frase de negação de constituinte por meio de critérios sintáticos. Sua proposta baseia-se exclusivamente na observação da estrutura superficial da sentença.

No português, seguindo-se os critérios propostos por Klima, há negação de frase em construções que permitem a coocorrência do operador de negação não com nem, ou em construções que apresentam expansões com nem mesmo ou tampouco, ou ainda naquelas em que a negação coocorre com uma interrogativa de apêndice (*tag question*) afirmativa, como nas ocorrências abaixo.

(2) Os irmãos **não** nascem nem permanecem todos iguais: uns são fortes, outros fracos; uns inteligentes, outros incapazes. (ma-lo)²

a. Os irmãos **não** nascem tampouco permanecem todos iguais: uns são fortes, outros fracos; uns inteligentes, outros incapazes.

(3) Hélio **não** veio jantar (a-lr)

a. Hélio **não** veio jantar nem Paulo.

b. Hélio **não** veio jantar nem mesmo Paulo.

c. Hélio **não** veio jantar tampouco Paulo.

d. Hélio **não** veio jantar, veio?

Quando esses testes sintáticos não são aplicáveis a uma frase que contém a partícula negativa, não se está diante de uma negação de frase, mas de uma negação de constituinte.

Para fazer essa distinção entre negação de frase e negação de constituinte, Jackendoff (1972) propõe um teste semântico que considera que há negação de frase quando é possível realizar a paráfrase da frase como: “não é o caso que x” ou “é falso que x”. Assim, há negação de frase se (3) significa que (3e) é falso:

(3) Hélio **não** veio jantar (a-lr)

e. Não é o caso que Hélio tenha vindo jantar. / É falso que Hélio veio jantar.

² As siglas indicam, respectivamente, o título da obra e o tipo de literatura a que essa ocorrência pertence.

Jackendoff (1972:326) examina um tipo de negação de constituinte que não havia sido analisado por Klima, ilustrado pelo contraste entre (4) e (5), em que se nota a presença de um quantificador no sujeito³:

(4) **Não** muitas flechas atingiram o alvo.

(5) Muitas flechas **não** atingiram o alvo.

De acordo com Jackendoff, o exemplo (4) contém uma negação de frase porque permite a paráfrase

(6) **Não** é o caso que / É falso que muitas flechas atingiram o alvo.

enquanto em (5) há negação de um sintagma verbal.

Segundo Attal (1971: 103), a interpretação dessas frases depende da posição de elementos lógicos como a negação e os quantificadores na estrutura superficial. A ordem dos quantificadores e da negação na estrutura superficial é determinante para o sentido de uma frase, inclusive para a identificação do escopo da negação, ou seja, do conteúdo que é afetado pela negação.

O teste semântico proposto por Jackendoff é considerado por Attal (1971: 175) como insuficiente para distinguir os dois tipos de negação. Como argumentos que justificam sua posição, ele observa primeiramente que esse teste não pode ser aplicado a frases que contêm verbos como “querer” ou “dever”.

(7) Você **não** deve dizer essas bobagens na frente dessa menina. (f-Id)

³ Exemplos de Jackendoff (1972:326), tradução minha.

(8) É falso que você deve dizer essas bobagens na frente dessa menina.

O teste semântico, segundo Jackendoff, não pode ser aplicado à negação de constituinte. Attal verifica, entretanto, que certos exemplos de negação de constituinte admitem a paráfrase em questão. Cita como exemplo adjetivos que comportam afixos negativos, como em (9), que admite a paráfrase (10):

(9) É impossível separar a fotografia do tema fotografado (fot-lt)

(10) É falso que é possível separar a fotografia do tema fotografado.

Essa paráfrase não é utilizável para os adjetivos negativos formados com o prefixo “não” como “**não-competitiva**”, que aparece na ocorrência seguinte:

(11) Supomos ser este último um regime de economia pós-capitalista, **não-competitiva**, não sujeita a leis de mercado (mh-lt)

Feitas as considerações sobre o tratamento que a negação recebe na Gramática Tradicional, e traçadas algumas observações sobre o tratamento concedido à noção de escopo da negação na literatura linguística, busca-se explicitar e sistematizar no capítulo seguinte o modo de expressão da negação em português, considerando-se os níveis de manifestação e os diferentes empregos que o operador de negação pode apresentar nos textos.

CAPÍTULO II

O MODO DE EXPRESSÃO DA NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS: OS NÍVEIS DE MANIFESTAÇÃO DA NEGAÇÃO

Para a descrição do funcionamento da negação nos textos, faz-se necessário examinar, primeiramente, o modo de expressão da negação em português.

Na língua portuguesa, a idéia de negação pode ser expressa por meios lingüísticos diversos. Os vários tipos de produção de sentido negativo, e em certa medida, a determinação do escopo da negação estão associados aos níveis de manifestação da negação.

Segundo Mira Mateus *et al.* (1983:153), formalmente, a negação é uma operação de modificação que atua quer no nível dos elementos constituintes de uma proposição (modificação da predicação) quer no nível sintático-semântico de uma frase, quer ainda no nível pragmático.

Dentro do sistema da língua portuguesa, a partícula negativa não é o elemento básico que opera o processo de negação. No nível da frase, outros adverbiais negativos, como nunca e jamaiz, também produzem negação:

(12) O deputado não queria assustar os companheiros (v-lr)

(13) Nunca o acampamento ficava totalmente vazio (arr-lr)

(14) Com palavras ou com simples leis de superfície jamaiz poderemos resolver os graves problemas que nos afligem (g-lo)

Mira Mateus *et al.* (1983: 156) notam que elementos adverbiais de negação como nunca e jamais só podem ter como escopo um sintagma verbal, ao contrário de não e nem, que podem incidir sobre sintagmas nominais e preposicionais.

Os elementos pronominais negativos (como ninguém, nada, nenhum) que negam quantificando, atuam dentro do sintagma nominal. O valor de quantificador fica bem evidente no uso do pronome nenhum em:

- (15) Em nenhum lugar esta palavra sincera se faz mais necessária e mais enérgica do que no ambiente universitário (jk-lo)

Do ponto de vista semântico, o quantificador pronominal negativo ninguém atua como sujeito negativo (= nenhuma pessoa), como em (16), e é usado também para quantificar negativamente todo um conjunto de pessoas, como em (17):

- (16) Ninguém deve esperar soluções milagrosas do Governo que hoje se instala (g-lo)

- (17) Todo mundo foi embora e ninguém me disse adeus (mpf-ld)

O quantificador pronominal negativo nada, utilizado como complemento negativo (= nenhuma coisa), é o quantificador universal negativo para não-animados:

- (18) Nada temem as mulheres como eu (vp-ld)

Diferentemente de ninguém e nada, que são núcleos de sintagma, nenhum é utilizado para quantificar qualquer classe de elementos, tanto animados como não-animados, e funciona:

(i) como adjunto adnominal, geralmente anteposto, como em:

(19) no caminho do Calvário, nenhum homem se condeou do Cristo, enquanto as mulheres deram demonstração pública de fidelidade (ne-lo)

(ii) como núcleo do sintagma nominal (x), com complemento partitivo (x), como em:

(20) Nenhum dos presentes lhe disse qualquer palavra (vb-lr)

(21) Nenhum deles é disponível comercialmente no Brasil (ant-lt)

(iii) sozinho no sintagma nominal (x), por elipse do substantivo ou partitivo, como em:

(22) Cabo: - Quase todo malfeitor acabou na minha mão: Tiradentes, Lampião, Corisco e até Zumbi! A todos eu que entreguei, com uma corda no pescoço!

Dono do Bar: - E nenhum tentou fugir? (pem-ld)

O pronome positivo algum, quando posposto na função de adjunto adnominal, adquire valor negativo:

(23) Força alguma, dentro ou fora do vale conseguirá desfazer o seu mau destino (ml-lr)

A preposição privativa sem é utilizada para expressar a idéia de negação por exclusão, como em:

(24) Fiquei sem compreender coisa alguma (a-lr)

Outro elemento muito usado para negar é nem, sempre anteposto. Diferentemente dos outros elementos de negação, nem funciona não apenas como elemento adverbial, como em

(25) Com medo de comprometer-se, nem quer que se fale em seu nome (vp-ld)

mas também como conjunção coordenativa, ocorrendo entre segmentos de valor negativo, como em

(26) Mas como era sujeito distinto, não telefonou nem procurou pessoalmente Monticelli (vn-lr)

A negação pode ocorrer em construções em que o conjunto formado por sujeito e predicado vem encaixado na estrutura negativa não (é) que, como em:

(27) O mundo está cheio de ladros. E aqui a coisa parece pior. Não que as pessoas daqui sejam diferentes, piores do que as outras. O homem é o mesmo em qualquer lugar. (boi-lr)

A negação pode atuar ainda como uma operação em nível categorial. Nomes, adjetivos e verbos adquirem sentido negativo por anteposição de elementos de sentido negativo, prefixos de negação tais como a-, des-, i-, in- em:

(28) moral → amoral; favorável → desfavorável; mortal → imortal; feliz → infeliz.

Quando a frase é negativa e não apresenta marca explícita de negação, ocorre a chamada negação “implícita”. Embora não apresentem elementos formais de negação, alguns enunciados funcionam como enunciados de sentido negativo relativamente ao contexto em que são proferidos e ao discurso que imediatamente os antecede. É o caso, por exemplo, de respostas expressas por frases positivas que, no processo específico de interação são interpretadas como negativas.

Esse estudo limita-se ao exame dos enunciados que contêm o operador típico da negação, ou seja, aqueles que contêm a partícula negativa não.

2.1. Nível sintático-semântico.

Como já foi observado, no sistema da língua portuguesa a negação pode operar em qualquer nível da frase. Quando a negação atua sobre as relações sintáticas e semânticas que se estabelecem no interior da frase, distingue-se, em primeiro lugar, uma negação que atua sobre a **relação predicativa**⁴.

2.1.1. Negação predicativa.

2.1.1.1. Negação predicativa frasal.

⁴ Essa subtipologia e toda a sua explicitação está apresentada em Neves, M. H. M. Gramática de Usos do Português (GUP) São Paulo: Editora da UNESP, no prelo. A parte 2.1. deste trabalho, com suas subdivisões, é uma reprodução de parte dessa obra.

A negação predicativa pode ser:

(i) Negação predicativa frasal, que age no nível da própria frase. A negação pode atuar sobre a relação sujeito-predicado ou agir sobre o próprio evento (o predicado). No primeiro caso, nega-se o vínculo existente entre sujeito e predicado, afirmando-se que não é legítima a atribuição de um determinado predicado a um determinado sujeito, como em (29). Nega-se, no segundo caso, o estado de coisas designado pelo predicado. Esse tipo de negação é encontrado em frases apresentativas em que não há sujeito, ou em frases em que o predicado não é atribuído a nenhum sujeito, seja porque o sujeito é indeterminado, seja porque a frase não tem sujeito, como em (30):

(29) O diplomata não é um espião. (dip-lt)

(30) O mundo das imagens estava para nascer, não havia ainda luz elétrica, nem cinema, nem televisão (fot-lt)

A frase é sintaticamente negativa, contendo necessariamente o operador de negação, e é considerada o contexto típico da negação.

2.1.1.2. Negação predicativa de constituinte.

(ii) Negação predicativa de constituinte. Quando o âmbito de incidência da negação se restringe a um constituinte da frase, a relação negada é do mesmo tipo da que ocorre entre sujeito e predicado, isto é, é uma relação predicativa (x), por exemplo, a relação adjetivo-substantivo. A negação pode atuar sobre diversos tipos de constituinte:

(31) Sai-me bem, o não criminoso foi absolvido, o resultado final foram as pazes entre os rivais (am-lo) escopo → substantivo

(32) Tião: - Quem tem de sustentá mulhé sou eu, não eles! Problema é meu, não deles! (en-ld) escopo → pronome

(33) Não nos referimos aqui aos abortos clandestinos, feitos por pessoas não qualificadas, mas ao aborto legal, onde é permitido, realizado por médicos (foc-lj) escopo → adjetivo

(34) Apesar de não beber, peço uma cerveja que adormece em meu copo (men-lj) escopo → verbo

(35) O veneno, difundido na água e levado por eventual correnteza, após algum tempo produz o efeito desejado: numerosos peixes vêm à tona, estonteados, não raro flutuando de ventre para cima. (beb-lt) escopo → advérbio

(36) Não poucos arqueólogos dão razão aos comentários acima (arq-lt) escopo → quantificador

Uma frase em posição de SN também pode cair sob o escopo do operador de negação:

(37) O não ver claridade, o desdenhar tons gritantes, o só reagir aos surdos apelos das meias-tintas corresponderia à atitude dos parnasianos que viam no Brasil mais ciprestes e Partenons do que senzalas e mangueiras. (am-lo)

Além da negação da relação prediativa, pode ocorrer a negação de qualquer outra relação semântica existente entre constituintes da frase.

2.1.2. Negação de relação semântica ou relacional de constituinte.

Nesse tipo de negação, o que ocorre é uma correção, que resulta numa refutação, o que marca esse emprego como particularmente implicado na função interacional.

Dois tipos de negação entre as relações semânticas de constituintes podem ser apontados:

(i) Nega-se que um dado constituinte mantenha com o resto da oração um particular vínculo semântico. A negação pode atuar sobre relações como as de tempo, de causa, de companhia, etc.

Quanto à ordem, pode ocorrer que o que é negado na primeira parte da oração seja afirmado, e, portanto, corrigido na segunda:

(38) Comecei a imaginá-lo não como um amante, mas como um filho a quem eu ensinasse as coisas e apontasse os perigos deste mundo (cca-lr)

A correção pode preceder aquilo que é refutado:

(39) Quero dizer, bem alto, como vejo um Ministro de Estado. Vejo-o consagrar-se, de toda a alma, à sua imensa tarefa - como um fim, não como um meio. (me-lo)

(ii) Nega-se que um determinado constituinte deva entrar na oração. Nega-se o constituinte ilegítimo e, a seguir, afirma-se o legítimo, isto é, apresenta-se o constituinte que deve entrar no lugar do outro, configurando-se uma correção:

(40) Embora personalidades bem distintas, tanto Castello como Costa e Silva não eram representantes do povo, e sim delegados de um poder de emergência, de um sistema militar que tomara conta do Governo (ol-lt)

A ordem não é necessariamente essa, já que se pode primeiramente afirmar o constituinte legítimo e depois negá-lo, fazendo, pois, a correção por antecipação:

(41) O povo se convence com os fatos, com as razões e com os argumentos que temos de apresentar, e não com ameaças. (ar-lo)

O segundo constituinte pode ser depreendido do contexto linguístico, ou da situação. Não estando expresso o constituinte que explicita o mecanismo de correção, fica implicado que é a entoação - na fala - ou a entoação suposta - na escrita - que revela a existência de um constituinte afirmado/ aceito em confronto com outro negado/ não-aceito.

2.1.3. Negação exclusivo-restritiva.

A **negação exclusivo-restritiva** é uma negação na qual o mais importante não é o que é assegurado na frase, e sim a existência de eventuais alternativas ou de uma alternativa oposta. As alternativas são apresentadas em um segmento

negativo introduzido por elementos do tipo de que não, a não ser e senão, após uma oração negativa ou interrogativa:

(42) Jamais tive outro pensamento que não fosse o de evitar que o país pudesse sofrer as desgraças de uma guerra entre irmãos (g-lo)

(43) Marx dizia: “A História não é outra coisa que uma modificação constante da natureza humana” (si-lo)

(44) Eu não pretendia senão avaliar o relógio de ouro que foi do meu pai (afa-lr)

(45) até agora, ainda não vi nem ouvi ninguém, a não ser Mário com quem passei brincando toda a manhã (a-lr)

(46) Um exercício não é verdadeiramente higiênico senão quando a criança ou o homem o realiza com alegria. (ae-lt)

Tais ocorrências poderiam ser parafraseadas, respectivamente, por:

(42a) Só tive o pensamento de evitar que o país pudesse sofrer as desgraças de uma guerra entre irmãos (não outro qualquer)

(43a) Marx dizia que História é uma modificação constante da natureza humana (não é outra coisa)

(44a) Só pretendia avaliar o relógio de ouro que foi do meu pai (não outra coisa)

(45a) Só vi e ouvi Mário (ninguém mais)

(46a) Só é verdadeiramente higiênico um exercício quando a criança ou o homem o realiza com alegria (não quando isso não ocorre).

Algumas construções comparativas negativas também possuem valor exclusivo-restritivo:

(47) É que ela, agora, **não** faz outra coisa senão tomar conta de minha vida, achando em mim tudo errado (a-lr)

(48) E do outro lado os ricos fazem de seus usos grandes abusos e **não** parecem pensar em outra coisa que mostrar uns aos outros que são ricos e mais ricos que outros ricos (b-lj)

2.2. Nível morfológico: negação prefixal.

A negação pode atuar no nível morfológico. Tem-se observado, atualmente, a alta produtividade do operador de negação não, utilizado em posição prefixal para realizar negação lexical.

Alves (1990:15) observa que “dentre os prefixos de caráter negativo e opositivo, anti- e não- revelam-se os mais fecundos quanto à formação de novos itens léxicos.”

A autora nota ainda que o não- prefixa-se a bases substantivas, como em (49) e adjetivas como em (50), embora não seja reconhecido com valor derivacional segundo as gramáticas e os dicionários de português⁵:

⁵ O caráter prefixal de não- é admitido por Ernesto Carneiro Ribeiro (1957:255).

(49) Defendiam-se através de uma nota que representava o pensamento unânime do conselho de Ministros, favoráveis à autodeterminação dos povos e à não-intervenção de nações na vida interna de outros países (g-lo)

(50) Torna-se pois recomendável a manutenção, em áreas não-estratégicas, da mesma política sábia de tratamento equânime (me-lo)

Segundo Alves (1990: 28), “a produtividade da derivação prefixal no português contemporâneo parece revelar, em muitos casos, um desejo de economia discursiva por parte do falante. Uma frase negativa, expressa por um prefixo, torna-se mais econômica do que uma construção sintática negativa. Assim, a negação lexical permite frases como ‘policiais não-violentos’ e ‘entidades ligadas aos sem-terra’, ao invés de frases sintaticamente mais complexas do tipo ‘policiais que não são violentos’ e ‘entidades ligadas àqueles que não possuem terras’”.

A anteposição do operador de negação não pode ainda dar origem a adjetivos neológicos provenientes de formas participiais:

(51) os dois tranquilizantes, clorpromazina e reserpina, injetados em doses suficientes, bloqueiam a resposta condicionada, embora não afetem as respostas não-condicionadas, isto é, o efeito direto da corrente elétrica. (ff-It)

2.3. Outros empregos do operador de negação.

Como foi visto, a noção de escopo associada aos níveis de manifestação da negação, permite distinguir uma negação de frase como em (52) de uma negação de constituinte como em (53):

(52) A apropriação humana da natureza **não** é, portanto, a-histórica (arq-lt)

(53) Como o crime foi cometido em Cingapura, e **não** na Inglaterra, a justiça britânica disse que não tem base legal para julgá-lo (Veja 26/7/95 -lj)

Além de operador de negação de uma frase, de uma oração, ou de um constituinte, o elemento não pode funcionar, isolado, com o estatuto de frase negativa, como antônimo de sim, especialmente em contextos de resposta a interrogativas gerais, isto é, interrogativas cuja resposta é exatamente do tipo sim/não:

(54) Romana: Ela é muito boazinha. ... tu sabia que ela é diplomada?

Otávio: **não**. (en-ld)

Câmara Jr. (1978: 175) diz que sim e não podem ser chamadas de palavras frases, pois desempenham por si mesmas o papel de frases completas.

As palavras sim e não também são encontradas nas formas pois sim e pois não, estruturas cristalizadas, que não podem ser decompostas em dois constituintes. Said Ali (1964: 275) observa que "certas frases de linguagem familiar, enunciadas a princípio por extenso, ficaram reduzidas pelo uso continuado

a fórmulas cristalizadas, aparentemente inanalísáveis, que em determinadas ocasiões todos repetem sempre da mesma maneira sem que alguém cogite em reconstituir as frases com seus elementos primitivos. Tais são os dizeres “Boas”, “Ora essa”, “Pois não”, “Pois sim” que podem significar muita coisa”. As ocorrências abaixo ilustram esse uso:

(55) **Pois não.** O senhor queria marcar uma hora? (am-lr)

(56) O cão ainda vive feliz, **pois não?** (ass-lr)

(57) Por que isso de dizer que mulher não gosta, **pois sim!** Gosta e precisa
(a-lr)

(58) **Pois sim!** isso é literatura de quem não sabe ganhar dinheiro (sm-ld)

Nota-se que “pois não” pode ser utilizado em interrogativas de apêndice, que servem para expressar as atitudes, expectativas e suposições do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado, à situação de fala ou ao seu interlocutor. Uma frase interrogativa de apêndice pode ser constituída pelo verbo da frase declarativa precedente, acompanhado pelo operador de negação, como em:

(59) Você vai ler, **não vai?** (f-ld)

Nas ocorrências abaixo, o operador de negação também é utilizado em interrogativas de apêndice:

(60) Certamente haveis de estar lembrado de quando ouvi falar pela primeira vez em vosso nome, **não é verdade?** (car-lo)

- (61) Houve um ministro do seu partido, Ricardo Fiúza, que acabou chamuscado por ter recebido um jet-ski de presente de uma prefeitura e 1.000.000 dólares para a campanha eleitoral, não é mesmo? (ex - lj)
- (62) Você queria saber qual é o futuro, não é? (f-ld)
- (63) Seu vestido era azul, não? (f-ld)
- (64) Casa desse gajo nunca se falou em gravata, pois não é? (ass-lr)

Mira Mateus *et al.* (1983: 372) afirmam que o operador de negação, presente em interrogativas de apêndice, pode ser utilizado nos textos com função marcadamente interpessoal, desempenhando algumas estratégias:

(i) Pedido de confirmação do conteúdo proposicional da sentença declarativa que a precede: o falante espera receber do seu interlocutor uma resposta afirmativa ou negativa de acordo com o valor da declarativa, exemplificado em:

- (65) Eu estava passando por uma loja de discos e tocava alto. Me deu vontade de comprar. É um ritmo que bole com a gente, não acha? (f-ld)

(ii) Estratégia manipulatória que objetiva levar o ouvinte a responder como o falante pretende, como em:

- (66) Exame - Houve um ministro do seu partido, Ricardo Fiúza, que acabou chamuscado por ter recebido um jet-ski de presente de uma prefeitura e 1.000.000 dólares para a campanha eleitoral, não é mesmo? (ex-lj)

(iii) Mecanismo conversacional para dar a palavra ao interlocutor, como em:

(67) O seu marido, Carlos, pode ter sido seu amante - e muito! - mas, nunca, nunca foi seu amigo - não é verdade? (a-lr)

Além de ser empregado em interrogativas de apêndice, o operador de negação pode ser encontrado em enunciados interrogativo-negativos:

(68) Benedito: - Oi, você **não** estava noiva? Onde anda o noivo, que não aparece?

Marieta: Está na casa da mãe! (pel-ld)

(69) Você quer ou **não** quer almoçar comigo? (re-ld)

(70) Você acha que alguém perguntaria: como é Manoel? Você vai ou **não** vai para Pasárgada? (f-ld)

(71) O Senhor **não** viu como ele chegou aqui todo frio, todo sem se abrir, todo sem mostrar boa vontade? Aquilo era com medo que o senhor pedisse alguma coisa a ele (pel-ld)

(72) Você **não** sabe que é perigoso? São oito andares (f-ld)

Uma frase interrogativa é empregada, em geral, como um pedido de informação sobre o valor de verdade da proposição nela contida. Entretanto, uma frase interrogativa negativa pode ser utilizada também com a intenção de levar o destinatário a confirmar a expectativa do falante, constituindo assim, um recurso de orientação argumentativa.

Se for considerada isoladamente, a interrogação em (68) pode apresentar duas interpretações. A primeira interpretação é um pedido de informação sobre o valor de verdade da proposição: você não estava noiva. Na segunda interpretação

não há um pedido de informação sobre o conteúdo proposicional da interrogativa, parece que a interrogativa invoca um fato já conhecido do destinatário: estava noiva.

As interrogativas negativas são normalmente orientadoras de uma resposta afirmativa. O falante pressupõe a verdade de uma proposição que faz parte de um saber partilhado entre ele e o ouvinte, ou que já ocorreu no discurso anterior, e a utiliza como uma estratégia para levar o ouvinte a confirmar, por meio de uma resposta afirmativa, a verdade dessa proposição. São os casos das ocorrências (71) e (72).

As ocorrências (69) e (70) são interrogativas alternativas, formadas por uma disjunção de proposições, em que o falante pede uma informação sobre qual das proposições é verdadeira numa situação particular. Uma dessas proposições constitui a resposta.

O operador de negação pode ocorrer em frases imperativas que expressam ordem, pedido, conselho ou súplica:

(73) Meu marido que disse: não abra a desconhecido, não dê esmola a ouvinte, não deixe ninguém entrar (pem-ld)

Construções aditivas correlativas com sentido positivo também podem abrigar o operador de negação, ocorrendo nos seguintes tipos de estrutura:

(i) Não só ||... mas (também, igualmente) ||...:

(74) Espero que confiem não só em mim, mas também nos que escolherei para auxiliar-me diretamente na pesada tarefa governamental que se me depara (me-lo)

(75) A nosso ver, o intercâmbio deve ser feito não só entre as Escolas Superiores e as empresas, mas igualmente entre aquelas e os Institutos Tecnológicos que disponham de instalações-piloto para produção industrial (pt-lt)

(ii) Não só [...] como (também, igualmente) [...]:

(76) As penicilinas biossintéticas são obtidas acrescentando, ao meio nutritivo adequado em que crescem os fungos produtores, substâncias chamadas precursores específicos, que não só melhoram o rendimento das penicilinas naturais conhecidas, como também originam novos tipos. (ant-lt)

(77) É certo, entretanto, que nossa evolução industrial e o atual estágio em que se encontra nossa indústria e nossa economia estão a exigir uma atenção maior para o problema, não só por parte do governo como igualmente por parte dos meios empresariais. (pt-lt)

(iii) Não somente [...] mas (também) [...]:

(78) Procuraremos detectar não somente a significação desse fato, mas as razões que justificam a intervenção de uma démarche interdisciplinar. (ipt-lt)

(79) Xique-xique é nome dado não somente à bem conhecida Cactácea das caatingas (*Pilocereus Gounellei* Web), mas também a várias espécies de *Crotalaria*, das leguminosas Lotoideas. (beb-lt)

(iv) Não apenas ... mas... :

(80) Aprendemos, todos nós, graças a muitas dificuldades, tropeços e perigos, ser impossível a um país defender-se e sobreviver, sem planificar, sem prever, sem conhecer o que importa conhecer não apenas em superfície, mas principalmente em profundidade. (jk-lo)

(v) Não apenas ... como ...:

(81) Ela exige, não apenas meditação, como também o convívio, estreito e o diálogo tranquilo com homens de cultura, nas entidades constituídas pelos que se dedicam a servir às letras nacionais. (ta-lo)

2.4. Contextos de duplicação e intensificação do operador de negação.

Há contextos em que ocorre emprego duplo do operador de negação, como em:

(82) Não é meningite não, todo mês ela tem esse negócio, é garganta (re-ld)

O acúmulo de duas ou mais palavras negativas na mesma oração pode ser utilizado como um expediente para intensificar o valor negativo das asserções produzidas pelos falantes ou escritores.

Segundo Jespersen (1948: 333), é preciso muita energia mental para se contentar com uma única negativa, que tem de ser lembrada durante toda a extensão do enunciado tanto pelo falante quanto pelo ouvinte, pois a partícula negativa é normalmente situada no início da frase e pronunciada como um som fraco.

Além da duplicação do operador de negação, há outras formas de intensificar o sentido negativo de um enunciado. O reforço pode ser feito por meio da inclusão depois do verbo de palavras negativas como ninguém, nenhum, nada, nunca, jamais, nem. Essas palavras negativas além de enfatizarem a negação desempenham uma função sintática nas construções em que aparecem.

Além de reforçar a negação, os elementos pronominais negativos ninguém, nada, nenhum(a) negam quantificando dentro do sintagma nominal.

Atuando como reforçador da negação, o elemento pronominal nada pode ser utilizado em diversas funções sintáticas:

- (83) Eles estão dizendo que **não** sobrou nada. Nada desse meu filho que na cabeça deles seria um dia um operário. (cci-ld) → objeto direto
- (84) O homem **não** desconfiou de nada (f-ld) → objeto indireto
- (85) Aliás esse sujeito **não** é culpado de nada. (ago-lr) → complemento nominal

Na função de objeto direto, o quantificador pronominal negativo nada pode alternar com a locução coisa nenhuma ou coisa alguma que também funcionam como intensificadores da negação:

- (86) Comissário: Excelência, eu tenho que tirá-los daqui !

Deodato Peralva: O senhor **não** vai tirar coisa nenhuma! Eles vão continuar onde estão. Eu assumo a responsabilidade, já disse. (in-ld)

(87) Sou pessoalmente infenso às doutrinas gerais de análise lógica, não porque sejam errôneas ou inadaptáveis ao ensino, mas porque **não** ensinam coisa alguma do idioma (te-lt)

Quando ligado a um verbo intransitivo, a um adjetivo ou a um advérbio, o quantificador pronominal nada exerce função adverbial e intensifica a negação:

(88) O quadro **não** era nada animador. (jl-lo)

(89) O conceito de publicano nos Evangelhos **não** é nada lisonjeiro. (le-lo)

(90) Doutor Rangel vai gostar, **não** custa nada agradar o patrão (f-lt)

O pronome indefinido negativo ninguém pode desempenhar várias funções sintáticas, reforçando ao mesmo tempo o sentido negativo da frase:

(91) - Devo considerar isto uma ameaça?

- **Não** estou ameaçando ninguém, mas isto aqui não é butique que você abre às oito e fecha às seis! Isto aqui é uma revista. (re-lt) → objeto direto

(92) Clara: **Não** preciso de ninguém para me defender. (vp-lt) → objeto indireto

(93) **Não** devo satisfação pra ninguém. (en-lt) → complemento nominal

(94) A caligrafia na China e no Japão sempre foi a primeira das artes e surgiu em todo o seu esplendor antes mesmo da pintura. Ela **não** foi inventada por ninguém. (mh-lt) → agente da passiva

Desempenhando a função de adjunto adnominal, o elemento pronominal nenhum(a) pode reforçar a negação:

- (95) **Não** encontrei nenhum morador que soubesse dizer de quem se tratava
(ta-lo)

Os advérbios nunca e jamais negam quantificando dentro do sintagma verbal, intensificam a negação e mesclam idéia aspectual e temporal ao valor negativo:

- (96) Só lhe peço um favor: que ele **não** saiba nunca que fui eu que lhe indicou (pem-ld)

- (97) Alguns desses problemas, porém, **não** poderão jamais ser resolvidos (ar-lo)

Posicionando-se sempre antes do termo que recebe o reforço da negação, nem exerce função adverbial, equivalendo a sequer, nem mesmo:

- (98) - Agora faça uma confissão. Algo que **não** contaria nem a um padre.
(rot-lt)

Os advérbios sequer e absolutamente também podem ser utilizados como elementos enfatizadores da negação:

- (99) **Não** concebia sequer, nem podia conceber - honra tão grande obtida tão cedo. (am-lo)

(100) Até uma cueca suja de batom na frente ela tinha pilhado, e **não** falara absolutamente nada (sl-lr)

As locuções adverbiais de modo algum/nenhum, de maneira alguma/nenhuma, de jeito algum/nenhum, por nada do/deste mundo também atuam como reforçadores da negação, quantificando negativamente as circunstâncias, modalidades que poderiam influenciar os valores de verdade:

(101) Acho que **não** sou de modo algum uma figura odiada em círculos religiosos (fsp 21/6/91-lj)

(102) Entendemos que a luta, nos termos em que está por nós colocada, **não** é de nenhum modo o refúgio de um reformismo incolor, que teme dizer suas verdadeiras intenções (ar-lo)

(103) Embora relativamente muito utilizados, **não** devem ter, de maneira alguma, ultrapassada a sua posologia usual. (ant-lt)

(104) Não, **não** desejava de maneira nenhuma se indispor com a Santa. (ana-lr)

(105) O progresso prossegue sem resistência aparente, o que **não** significa, de jeito algum, que não acarrete transtornos nas mentes individuais. (pt-lt)

(106) Esse novilho eu **não** perco de jeito nenhum! (mo-ld)

A duplicação do operador de negação juntamente com outros processos de intensificação da negação podem ter como objetivo, por um lado, desambiguar o

escopo da negação e, por outro, explicitar as intenções do locutor ou a posição deste em relação aos estados de coisas a que se refere.

A visão de que o duplo emprego da negação é um recurso de ênfase do sentido negativo não é advogada pelos estudos tradicionais da lógica. Um enunciado com negação dupla é considerado pelos lógicos como um recurso de cancelamento do sentido negativo. Na lei de negação dupla, proposta pelos lógicos, havendo duas negativas, uma cancela a outra, produzindo uma afirmativa: de $\neg\neg p$ infere-se p .

Há alguns contextos, no português, que propiciam o cancelamento da negação, havendo como resultado um sentido afirmativo. Duas negações anulam-se quando o operador de negação incide sobre

(i) Adjetivos que comportam prefixos negativos, como em:

(107) **não é improvável** que os árabes aproveitem a ocasião para jogar uma bomba em cima da gente (rea-lj)

(ii) Verbos que contêm prefixos negativos do tipo de: desfazer, impossibilitar, desconhecer:

(108) **Não desconhecendo** o valor desse extraordinário episódio, marcador de uma etapa importante no envolver literário do Brasil, do qual Afrânio Coutinho num dos volumes de *A Literatura* nos oferece um quadro admirável, reluto enredar-me em assunto de que jamais me ocupei. (am-lo)

(iii) Verbos que tem a negação lexicalizada ou implícita tais como: perder, deixar de, ignorar, negar, esquecer:

(109) No pós-68, quando colegas de Florestan jogaram uma parte da juventude da USP na aventura do terrorismo, o velho professor **não deixou de** criticar a luta armada (fsp-lj)

(110) É importante **não esquecer** que a ginástica deve ser feita desde o primeiro parto, ainda que não ultrapasse quinze minutos por dia (pfi-lj)

(iv) A preposição privativa sem que, combinada com o operador de negação, equivale a com:

(111) Não encontrando explicação para o vosso silêncio, admiti, **não sem** um inconformado pesar de admirador, que estarieis destinado a ser essa espécie de viúvo literário, que é o autor de um único livro (car-lo)

Após uma descrição do modo de expressão da negação em português, seguida da explicitação dos níveis de manifestação da negação, apresenta-se uma descrição do tratamento teórico que a negação recebe nos estudos funcionalistas.

CAPÍTULO III

A OPERAÇÃO DE NEGAÇÃO NA LÍNGUA EM USO

O estudo dos diferentes tipos de negação, realizado a partir do aparato teórico da Gramática Funcional, requer a identificação do nível de manifestação do operador de negação, relacionado ao tipo de escopo, considerando-se, essencialmente, o comportamento e o funcionamento da negação em textos reais.

3.1. A proposta funcionalista para os níveis de manifestação do operador de negação.

A Gramática Funcional propõe um modelo de representação da cláusula⁶, que é descrita como uma estrutura hierárquica, com a distinção de diferentes camadas que podem ser modificadas por operadores e satélites.

Os operadores são classificados de acordo com o seu escopo, considerando-se a posição que ocupam nas diferentes camadas distinguidas no modelo subjacente da cláusula. Cada camada possui seus próprios tipos de operadores e satélites.

Os operadores utilizados para expressar as distinções de polaridade atuam sobre a predicação⁷. A polaridade negativa e a positiva são apresentadas como os

⁶ A cláusula (a frase) corresponde a um ato de fala e é constituída, segundo a Gramática Funcional, por uma proposição revestida de força ilocucionária.

⁷ Segundo a Gramática Funcional, a predicação pode ser descrita em três níveis:

(i) predicação nuclear, formada pelo predicado e seus argumentos;

(ii) predicação central, formada pela predicação nuclear estendida pelos operadores de predicado e satélites de nível 1, que contribuem para a definição adicional da estrutura interna do estado de coisas;

extremos lógicos da modalidade objetiva epistêmica, pois assinalam que o falante está certo sobre a realidade ou não-realidade (da ocorrência) do estado de coisas.

Quando se examina a fenomenologia da negação nas línguas naturais, descobre-se que um conjunto mais amplo de tipos de negação deve ser distinguido, considerando-se precisamente o que é negado, os valores semânticos e pragmáticos da negação, e as várias maneiras em que a polaridade negativa se manifesta na expressão formal.

3.1.1. Níveis de manifestação da negação.

Seguindo as distinções feitas por Lyons (1977: 768-777) dos tipos de negação relevantes para as línguas naturais, Dik (1997) explica como os diferentes tipos de negação poderiam ser entendidos em termos do modelo da cláusula em camadas proposto pela Gramática Funcional. Assim, em cada um dos cinco níveis da cláusula é possível distinguir alguma forma de negação:

Nível da cláusula	Tipo de negação (segundo Lyons 1977)
Cláusula: ato de fala	negação ilocucionária
Proposição ⁸ : fato possível	negação proposicional
Predicação: estado de coisas	negação predicacional
Predicado: propriedade/relação	negação de predicado
Termo: conjunto de entidades	negação de termo

(iii) predicação estendida, formada pela predicação central estendida pelos operadores e satélites de nível 2, que representam os meios gramaticais pelos quais o estado de coisas pode ser localizado no espaço e no tempo.

⁸ Proposição, na Gramática Funcional, não tem o mesmo sentido que o termo traz da lógica. Refere-se, antes, ao nível de descrição da estrutura de predicados correspondente ao “fato possível”, ao qual se aplicam diretamente os operadores ilocucionários (como, por exemplo, *declarativo*), constituindo-se o enunciado/ a frase, isto é, a proposição revestida de força ilocucionária.

Os diferentes tipos de negação são associados aos níveis de manifestação da negação. A tipologização da negação é decorrente, assim, da explicitação dos âmbitos de incidência do operador de negação, ou seja, da identificação do nível em que esse operador atua.

No nível do ato de fala, os operadores que indicam polaridade podem atuar sobre a força ilocucionária de um enunciado, como em:

(112) Eu **não** disse que João é um tolo.⁹ → ato de não-comprometimento

A negação ilocucionária, utilizada para expressar a recusa ou incapacidade de desempenhar o ato ilocucionário de asserção, promessa, ou outro qualquer, é tipicamente realizada pela negação de um verbo performativo explícito, como dizer em (112).

Freqüentemente, pode-se negar ou confirmar uma proposição *p* positiva ou negativa. Em ambos os casos tem-se a apresentação da avaliação pessoal da verdade de *p*, que permite ao falante concordar com a avaliação que foi de alguma forma estabelecida no contexto, ou discordar dela.

Na estrutura da cláusula em camadas, as distinções de polaridade que são usadas para expressar os atos subjetivos de negar e confirmar podem ser analisadas em termos de operadores proposicionais ou de nível 3, juntamente com outras modalidades subjetivas, enquanto as polaridades objetivas (que dizem respeito à ocorrência ou não ocorrência de um estado de coisas) podem ser localizadas no nível 2. Dessa forma, faz-se uma distinção entre negação predicacional, tipo de

⁹ Exemplo de Dik (1997: 172), tradução minha.

negação em que a não-ocorrência de um estado de coisas é objetivamente apresentada, como em (113), e negação proposicional, negação subjetiva de alguma proposição preestabelecida, como em (114):

(113) João **não** é rico. (declaração de um fato) → negação predicacional

(114) A: João é rico.

B: João **não** é rico!¹⁰ (declaração de discordância) → negação proposicional

A maioria das linguas, segundo Dik (1997:176), não parece ter meios segmentais para distinguir negação proposicional de negação predicacional. Entretanto, se os mesmos meios segmentais são usados, tipicamente haverá diferenças suprasegmentais claras.

No nível 1 da cláusula, a negação incide sobre o predicado, como em:

- (115) a. adequado inadequado
b. competitivo não-competitivo

As formas de negação que operam localmente sobre o predicado, quando usadas numa predicação, não produzem predicações ou proposições negativas, como pode ser visto a partir de:

(116) Aquela observação foi um tanto inadequada, não foi?

¹⁰ Exemplos de Dik (1997:176), tradução minha.

O fato de uma interrogativa de apêndice negativa estar ligada à cláusula, como em (116), pode ser tomado como uma evidência de que a cláusula é positiva.

É possível detectar um tipo de negação de termo situada no nível mais baixo da cláusula, relacionada à noção de “quantificação zero”:

(117) **Nenhum** carro foi comprado por João. → negação de termo

Segundo Dik (1997:183), tanto o exemplo (117) como o exemplo (118) abaixo, podem ser tomados como exemplificação de duas estratégias distintas para a construção de conjuntos vazios:

(118) João **não** comprou um carro. → negação de predicação

(i) Estratégia 1: “pense em qualquer carro arbitrário, eu te informo que João não o comprou”;

(ii) Estratégia 2: “pense no conjunto de carros que João poderia ter comprado, eu te informo que esse conjunto é vazio”.

Vet (1992:67) também correlaciona os diferentes tipos de negação com o modelo da cláusula em camadas proposto pela Gramática Funcional.

Segundo ele, na literatura dos estudos da negação é admitida a existência de pelo menos dois tipos de negação, considerados sob o ponto de vista pragmático:

(i) negação descritiva, que cria um novo predicado;

(ii) negação polêmica, que é usada quando o falante quer corrigir parte da crença ou conhecimento do destinatário.

A negação polêmica deve ser vista como expressão de um ato de fala (nível 4: cláusula), por meio do qual o falante tenciona modificar parte do domínio de conhecimento do destinatário.

A negação descritiva, segundo a Gramática Funcional, é considerada como uma categoria gramatical que se manifesta em dois níveis (ou camadas da cláusula):

(i) como operador de predicado: negação de predicado;

(ii) como operador de predicação: polaridade.

Os operadores de predicado especificam as propriedades adicionais do conjunto de estados de coisas designado por uma predicação simples. Preenchem a função de desenvolver uma descrição adequada da situação a que o falante deseja referir-se.

Os operadores de predicação localizam os estados de coisas designados pelas predicções num mundo real ou imaginário, e restringem, assim, o conjunto de referentes potenciais da predicação à(s) situação(ções) externa(s) que o falante tem em mente. Estão, portanto, relacionados à função de referenciação das predicções.

3.1.2. A negação como critério de distinção de tipos de satélites na estrutura hierárquica da cláusula.

Na estrutura hierárquica da cláusula, diferentes tipos de satélites podem ser distinguidos a partir da identificação do nível de manifestação da negação, relacionado ao tipo de escopo.

Dik *et al.* (1990) trabalham com a hipótese de que, para identificar os tipos de satélites segundo o modelo da cláusula em camadas, basta observar o comportamento desses satélites quando combinados com a negação. Para eles, a negação pode ser usada como um critério para distinguir satélites de predicado de satélites de predicação: os últimos podem combinar-se com predicações negadas, o que não ocorre com os primeiros. Já os satélites de proposição e os ilocucionários nunca caem sob o escopo da negação, sendo possível, portanto, distingui-los dos restantes.

Desse modo, a análise do comportamento dos satélites em relação à negação permite a distinção de subcategorias de satélites que interagem com o escopo da negação da seguinte forma:

- (i) satélites de predicado caem necessariamente sob o escopo da negação;
- (ii) satélites de predicação podem estar dentro ou fora do escopo da negação;
- (iii) satélites de nível mais alto (os da proposição e os da elocução) necessariamente assumem a negação em seu escopo.

Examinando o comportamento da negação em construções que contêm satélites, Dik *et al.* (1990) observam que, embora em predicações nucleares a

negação de sentença afete a relação entre os argumentos e o predicado, isso não ocorre em sentenças que contêm um satélite de predicado. Comparem-se:

(119) a. João morreu de pneumonia.

b. João **não** morreu de pneumonia¹¹. → satélite de predicado

Em (119a) o destinatário é convidado a aceitar a verdade da predicação João morreu e a aceitar pneumonia como sendo a causa desse evento. Em (119b) o operador de negação incide sobre a relação existente entre a predicação nuclear (João morreu) como um todo e o satélite de causa (de pneumonia). O falante admite a morte de João, mas bloqueia a possibilidade de se atribuir a morte de João à pneumonia.

As outras subcategorias de satélites de predicado, segundo os autores, podem ser interpretadas da mesma forma. Por exemplo:

(120) Maria **não** dançava elegantemente. → satélite de predicado

(121) João **não** acompanhou Maria como seu advogado. → satélite de predicado

Nesses exemplos, a negação não afeta a predicação nuclear, são os satélites de predicado que caem sob o escopo da negação. Admite-se em (120) que Maria dançava, mas não elegantemente; e em (121) aceita-se que João acompanhou Maria, mas não como seu advogado.

¹¹ Os exemplos (119) a (123) utilizados aqui são de Dik *et al.* (1990: 56-59), tradução minha.

Um satélite de predicação, quando combinado com a negação, como em (122) abaixo, apresenta um comportamento que difere do comportamento de um satélite de predicado associado à negação, como pode ser evidenciado em (119) a (121):

- (122) a. Paulo viajou de trem por causa da chuva. → satélite de predicação
 b. Paulo **não** viajou de trem por causa da chuva.

Se a sentença (122b) for examinada isoladamente, há duas possibilidades de interpretação que correspondem às duas possibilidades de atribuição de escopo da negação: (i) a negação incide sobre o satélite de predicação: Paulo viajou de trem, mas não por causa da chuva; (ii) a predicação (nuclear) é negada: Paulo não viajou de trem e fez assim por causa da chuva. Assim, o satélite de predicação (por causa da chuva) pode combinar-se com uma predicação central negativa ou positiva.

Os satélites de proposição e os satélites ilocucionários não caem sob o escopo da negação, mas a predicação (nuclear, central ou estendida) a que eles podem ser combinados pode ser positiva ou negativa:

- (123) a. Na minha opinião nós deveríamos fazer isso/ **não** deveríamos fazer isso.
 b. Nós **não** deveríamos fazer isso na minha opinião.

Em (123b) a negação não incide sobre o satélite de proposição na minha opinião, pois a interpretação “deveríamos fazer isso, mas não na minha opinião” não é aceitável. Da mesma maneira, os satélites ilocucionários como francamente,

já que você me perguntou não podem cair no escopo da negação. A mesma explicação pode ser dada para o fato de que satélites de proposição tais como possivelmente, provavelmente, não têm contrapartida negativa (*impossivelmente, *improvavelmente).

3.1.3. Integração dos níveis de análise da Gramática Funcional.

A ideia básica que subjaz ao modelo da cláusula proposto pela Gramática Funcional, segundo Hengeveld (1989: 128), é que todo enunciado pode ser analisado em dois níveis: o nível representacional (Bühler, 1934 *apud* Hengeveld 1989) e o nível interpessoal (Halliday, 1970 *apud* Hengeveld 1989). No nível representacional, um estado de coisas é descrito de tal forma que o destinatário é capaz de entender a qual situação real ou hipotética se faz referência. No nível interpessoal essa situação é apresentada de forma que o destinatário é capaz de reconhecer a intenção comunicativa do falante.

Hengeveld (1997: 3-4) reconhece a necessidade de desenvolvimento e ampliação da Gramática Funcional para uma Gramática Funcional do Discurso, pois, segundo ele, há uma variedade de fenômenos gramaticais (e.g. fenômenos de coesão) que somente podem ser descritos adequadamente com referência a unidades estruturais maiores que a frase. Propõe, assim, uma representação que possibilita uma descrição em camadas da estrutura do discurso, em que se acresce um terceiro nível de estrutura ao modelo da cláusula proposto pela Gramática Funcional: o nível retórico. Esse nível contém variáveis para (i) o discurso como um todo, (ii) o tipo de discurso envolvido, (iii) as partes constituintes de um discurso, i.e. “moves” ou “episódios discursivos”.

A representação subjacente da cláusula passa a comportar três níveis:

- (i) nível representacional, estruturado com base numa estrutura de predicado, em que se determinam as relações entre os argumentos;
- (ii) nível interpessoal, estruturado com base numa estrutura ilocucionária, que determina a relação entre os principais participantes de um ato de fala: falante, destinatário, e o conteúdo desse ato de fala;
- (iii) nível retórico, estruturado com base numa estrutura de discurso, que determina as relações entre os episódios discursivos.

Neste trabalho, postula-se que, para o estudo do funcionamento da negação e dos diferentes empregos da negação, deve-se considerá-la como um dos fenômenos gramaticais que necessitam ser descritos com base numa representação em camadas do discurso nos moldes de Hengeveld (1997). Assim, a investigação dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos no uso da negação deve ser realizada a partir de um estudo em que se considera o texto como a maior unidade de análise.

Encontram-se em Pagano (1994) indicações que confirmam essa posição. Essa autora estuda o emprego e o papel da negação em textos escritos, associando a análise de seus dados às três funções da linguagem propostas por Halliday (1970, 1973).

De uma perspectiva ideacional, é possível verificar, segundo a autora, se formas aparentemente equivalentes como em (124) representam a mesma maneira de expressar conteúdos na língua, e para quais finalidades certas formas seriam usadas, ao invés de outras:

(124) Esses dois insetos **não** pertencem às mesmas espécies.

Esses dois insetos pertencem a espécies diferentes.¹²

Sob essa perspectiva, as sentenças negativas que possuem um marcador formal de negação podem ser comparadas com sentenças que expressam um significado negativo mas apresentam forma positiva (*e.g.* Eu **não** me lembrei x Eu esqueci).

Sob uma perspectiva interpessoal, é possível analisar o papel das palavras negativas na interação entre escritor e leitor, a fim de ver por que as palavras negativas aparecem nos textos.

O estudo do papel das palavras negativas na micro e macro estrutura dos textos, isto é, a análise de como as palavras negativas se relacionam às cláusulas adjacentes e ao texto como um todo, bem como o exame dos ambientes ou contextos em que as negações aparecem mais frequentemente, situam-se numa perspectiva textual.

Segundo Pagano, seria interessante integrar as três perspectivas, a fim de ver como os três componentes da linguagem funcionam no caso das palavras negativas.

Verifica-se no modelo de representação em camadas do discurso, proposto por Hengeveld (1997), a descrição dessas três perspectivas, podendo estabelecer-se a seguinte correlação:

¹² Exemplos citados por Pagano (1994: 264), tradução minha.

PAGANO (1994)		HENGEVELD (1997)	
Perspectiva ideacional	→	Nível representacional	
Perspectiva interpessoal	→	Nível interpessoal	
Perspectiva textual	→	Nível retórico	

A análise do comportamento, juntamente com a descrição das principais funções da negação e dos seus diferentes empregos, aponta para uma integração dos três componentes da linguagem, um recurso oferecido pelo aparato teórico da Gramática Funcional.

3.2. Uma proposta cognitivista para identificação do escopo da negação.

As observações realizadas por Dik *et al.* (1990) quanto ao comportamento da negação em sentenças que comportam satélites são confirmadas, em certa medida, por Leinfellner (1994), num dos poucos estudos que podem ser encontrados na literatura linguística dedicados ao exame do funcionamento da negação nos textos. Nesse estudo examinam-se algumas das funções textuais da negação, e o escopo da negação é discutido com base na análise de textos empíricos, reais.

Leinfellner (1994: 88) tenta mostrar que há a possibilidade de ocorrer ambigüidade de interpretação, quanto ao escopo da negação, se a análise ocorrer numa sentença isolada. Ela discute as sentenças abaixo, mostrando que, em sentenças isoladas, o escopo da negação é estruturalmente ambíguo:

(125) a. Hoje, Elisa **não** ensina. b. Mas ela ensinará amanhã.

(126) a. Hoje, Elisa **não** ensina. b. Hoje, ela aplica uma avaliação¹³.

As sentenças (125) e (126) comportam satélites de predicação (hoje, amanhã) que localizam o estado de coisas designado por essa predicação num tempo determinado. Quando a negação está combinada com um satélite de predicação pode haver duas interpretações: (i) uma em que a predicação nuclear está no escopo da negação, como em (126): Elisa **não** ensina, ela aplica uma avaliação); (ii) e outra em que a negação incide sobre o satélite, como em (125): Elisa **não** ensina hoje, ela ensinará amanhã.

Segundo Leinfellner, para conhecer o escopo da negação, é necessário observar o contexto, o sistema semântico e o conhecimento compartilhado. Para ela, todos os usuários de uma língua possuem regras mais ou menos internalizadas que podem ser utilizadas para a identificação do escopo da negação. Analisando um corpus de textos alemães, Leinfellner propõe 15 regras *default*¹⁴ que seguem um princípio cognitivo: geralmente é a informação mais específica que é negada; a negação incide em primeiro lugar sobre o advérbio ao invés de atuar sobre o verbo ou sobre o adjetivo; a negação incide sobre o adjetivo atributivo ao invés de afetar o substantivo, etc. As regras de Leinfellner (1994: 88-89) foram organizadas segundo a maior probabilidade de ocorrência:

¹³ Exemplos de Leinfellner (1994:88), tradução minha.

¹⁴ *Default* = Numa gramática formal que emprega traços, equivale a um valor que é automaticamente atribuído a algum traço pela estrutura, sempre que nenhum outro valor é exigido por alguma declaração na gramática. O valor *default* de um traço representa tipicamente aquele valor que é mais frequente ou menos marcado na língua. O uso de valores *default* pode reduzir grandemente o número de declarações individuais específicas que têm de ser feitas na gramática.

(R1) A busca do escopo do operador de negação inicia-se com o sintagma que é predicado nominal ou verbal, se a sentença não é quantificada. Para sentenças quantificadas consulta-se a regra 14.

(R2) Se o predicado contém um sintagma adverbial, então a hipótese mais provável é que o advérbio esteja no escopo do operador de negação.

(R3) Se a aplicação da regra 2 não pode ser verificada dentro da respectiva sentença ou contexto (lingüístico e/ou pragmático), então a suposição seguinte é que o predicado inteiro esteja no escopo do operador de negação.

(R4) Se o predicado verbal não contém um advérbio mas contém um objeto não-modificado, então o mais provável é que o verbo esteja no escopo do operador de negação.

(R5) Se a aplicação da regra 4 não pode ser verificada, então a hipótese mais provável é que o objeto esteja no escopo do operador de negação.

(R6) Se a aplicação da regra 5 não pode ser verificada, então a suposição mais provável é que o predicado inteiro esteja no escopo do operador de negação.

(R7) Se o predicado consiste de cópula mais um nome, e se o nome é modificado por um sintagma atributivo (adjetivo, sintagma preposicional atributivo etc.), e se o sintagma atributivo não contém advérbio, então o mais

provável é que o sintagma atributivo esteja no escopo do operador de negação. No caso de advérbio presente, consultam-se as regras 12 e 13.

(R8) Se a aplicação da regra 7 não pode ser verificada, então a suposição seguinte é que o predicado nominal inteiro esteja no escopo do operador de negação.

(R9) Se nenhuma das regras de 1 a 8 pode ser aplicada, então a suposição seguinte é que o sintagma sujeito esteja no escopo do operador de negação, se esse sintagma não contém um adjetivo atributivo.

(R10) Se um sintagma nominal contém um adjetivo atributivo que não é modificado por um advérbio, então a primeira hipótese é que o adjetivo esteja no escopo do operador de negação. No caso da presença de um advérbio, consultam-se as regras 12 e 13.

(R11) A segunda hipótese é que o sintagma nominal inteiro esteja no escopo do operador de negação.

(R12) Se o adjetivo atributivo é modificado por um advérbio, então a primeira suposição é que o advérbio está no escopo do operador de negação.

(R13) A segunda suposição é que o sintagma atributivo inteiro esteja no escopo do operador de negação.

(R14) Se a sentença é quantificada (e.g. com “todo(s)”), e, portanto, a aplicação das regras 1 a 13 é bloqueada, então a primeira hipótese é que o quantificador esteja sendo negado.

(R15) A segunda hipótese (muito improvável) é que o operador de negação negue o sintagma predicado (verbal ou nominal). Vá para regra 1.

A partir das regras de Leinfellner várias observações sobre o escopo da negação podem ser depreendidas:

(i) Em sentenças que contêm um elemento quantificador, o operador de negação tende a incidir, em primeiro lugar, sobre o quantificador. Se isso não ocorrer, é o predicado verbal ou nominal que está sob o escopo da negação;

(ii) Em sentenças que contêm elementos adverbiais, o operador de negação exercerá seu efeito sobre o elemento adverbial, depois sobre os outros elementos constitutivos da sentença. Assim, se um predicado contém um sintagma adverbial, a hipótese mais provável é que o advérbio esteja no escopo da negação;

(iii) Se o predicado consistir de copula + nome + sintagma atributivo e o sintagma atributivo que está no escopo da negação, com a condição de esse sintagma não conter elemento adverbial, pois nesse caso, o escopo da negação será o elemento adverbial.

Dik *et al.* (1990) observam que, em sentenças que comportam um satélite de predicação, há duas possibilidades de atribuição de escopo:

- (i) a negação pode incidir sobre o satélite de predicação;
- (ii) a negação pode atuar sobre a relação que se estabelece entre a predicação como um todo e o satélite de predicação.

Ao considerar que geralmente é a informação mais específica que cai sob o escopo da negação, Leinfellner observa que o operador de negação nas sentenças que contêm satélites tende a exercer seu efeito, em primeiro lugar, sobre os satélites (constituintes opcionais). Essa posição corresponde à primeira possibilidade de atribuição do escopo da negação, segundo Dik *et al.* (1990). Analise-se:

(127) Dulce **não** dançava direito, mais por inibição do que inexperiência. (fr-lr)

Em (127) a negação incide sobre o elemento adverbial (um satélite de modo: direito): admite-se que Dulce dançava, mas não direito.

A hipótese de Leinfellner de que sempre é a informação mais específica que sofre o efeito da negação autoriza a proposição de escalas ou hierarquias de escopo da negação:

- (i) Para sentenças quantificadas:

quantificador > predicado verbal ou predicado nominal

(ii) Para uma sentença com predicado verbal:

elemento adverbial > predicado verbal inteiro > verbo > objeto não-modificado

(iii) Para uma sentença que contém a estrutura cópula + nome + sintagma atributivo:

elemento adverbial > advérbio de um sintagma atributivo > sintagma atributivo inteiro (sem advérbio) > predicado nominal inteiro

(iv) Se não for possível identificar o escopo da negação a partir das escalas (i) a (iii), o operador de negação está atuando sobre o sintagma nominal sujeito, com a condição de que esse sintagma sujeito não contenha um adjetivo atributivo.

Apresenta-se aqui uma breve ilustração da aplicação de algumas das regras de interpretação do escopo da negação. Para a identificação do escopo da negação é necessária a consideração do contexto em que o operador de negação ocorre, pois o contexto atua como elemento direcionador da interpretação. Examinem-se as frases abaixo (a palavra sublinhada indica o escopo da negação):

(128) Segundo um brocardo antigo: "o homem **não** sua a camisa, por causa do necessário ou do suficiente, mas, sobretudo, por causa do superfluo. "

(em-lj) escopo → sintagma adverbial (regra 2)

(129) As coisas **não** acontecem por um simples acaso! Acontecem propositalmente (fsp 21.12.95-lj) escopo → sintagma adverbial (regra 2)

Segundo a regra 2 de Leinfellner, se um predicado contém um sintagma adverbial, a hipótese mais provável de ser verificada é que o advérbio está no escopo da negação. É o que ocorre nas ocorrências (128) e (129), em que a negação incide sobre o sintagma adverbial.

Nas frases que consistem de cópula + nome + sintagma atributivo modificado por elemento adverbial, a negação incide sobre o elemento adverbial (aplicação da regra 12), o que ocorre em (130):

(130) Duas razões influem poderosamente para a crença numa transformação repentina na adolescência: 1- falta de observação crítica; 2- as transformações que precedem esse período **não** são suficientemente observadas (ae-lt)

escopo → advérbio modificador de um sintagma atributivo (regra 12)

Se não há elemento adverbial é o sintagma atributivo que se encontra sob o escopo da negação (regra 7), como é o caso de (131):

(131) Todos ali citavam Webber, Hegel e afins. Weffort, com a mão no ministério, preferiu citar algum autor mais prático, o próprio Fernando Henrique: "O Brasil **não** é um país subdesenvolvido, mas um país injusto", repetiu Weffort, reaquecendo um lema da campanha de FHC. (vej-lj)

escopo → sintagma atributivo (regra 7)

A negação atua sobre o verbo se o predicado verbal não contém um advérbio, como é o caso de (132):

(132) O antropólogo, ao contrário, **não julga**, mas descreve e analisa; **não** procura anular as diferenças ou reduzi-las a uma origem comum, mas busca entendê-las, estabelecendo relações (um-lt) escopo → verbo (regra 4)

O complemento de um verbo é alvo da negação (regra 5):

(133) Borboletas em vez de arroz

Mais uma moda lançada pelos californianos. Agora, o chique **não** é jogar arroz sobre os noivos quando eles saem da igreja, mas sim borboletas. (Revista Super Interessante 12/98:13) escopo → complemento do verbo (regra 5)

(134) “Os fuzilamentos ordenados por meu pai foram justos porque **não** executaram pessoas, e sim animais”

Augusto Pinochet Hiriart, filho do ex-ditador chileno (Veja 23/12/98-lj)

escopo → complemento do verbo (regra 5)

(135) Neil afirma que **não** há crianças problemas, mas pais problemas. E, podíamos acrescentar, educadores problemas (ae-lt)

escopo → complemento do verbo (regra 5)

A negação incide sobre o adjetivo atributivo do sintagma nominal em

(136):

(136) Também **não** compra mais vagem manteiga, compra vagem macarrão

(rc-ld)

escopo → adjetivo atributivo (regra 10)

O comportamento da negação em frases que contêm quantificador pode ser ilustrado a partir de uma ocorrência encontrada numa entrevista de Ziraldo Alves Pinto para a revista Nova Escola. Nessa ocorrência, o operador de negação incide sobre o quantificador, o que fica evidenciado pelo enunciado subsequente:

(137) Engraçado, eu **não** tenho um professor inesquecível. Tenho muitos professores inesquecíveis. (revista Nova Escola 09/ 1998:58)

escopo → quantificador (regra 14)

Observa-se que, nas regras de Leinfellner, não há referência a casos de escopo da negação: (i) quando há combinação de negação com modais, como em (138); (ii) nas estruturas de complementação, como em (139):

(138) O exemplo histórico acima pode **não** ser perfeito, mas tem a vantagem de ter sido pegado ao acaso, ao impulso da primeira ideia. (mh-lt)

(139) Espero que você **não** tenha o mau gosto de proteger semelhante namoro. (mo-ld)

Com base na fundamentação teórica apresentada, neste trabalho são realizados estudos específicos sobre o funcionamento da negação em textos reais. O comportamento da negação nas estruturas de complementação é discutido no

capítulo VII, e a combinação de negação com expressões modais é objeto de estudo do capítulo VI.

O próximo capítulo apresenta uma caracterização dos três tipos de discurso que são utilizados na análise do corpus.

CAPÍTULO IV

CARACTERÍSTICAS GRAMATICAIS E FUNCIONAIS DOS TEXTOS EM ESTUDO

O exame da manifestação e do funcionamento da negação nos textos da língua escrita requer não somente a consideração da integração dos níveis de análise proposta pela Gramática Funcional como também a apresentação de uma tipologia textual que contemple as características gramaticais e funcionais dos textos da Literatura Técnica, da Literatura Oratória e da Literatura Dramática, utilizados na análise nessa dissertação.

Tentando conciliar as contribuições advindas de diversas perspectivas teóricas, Paredes Silva (1995) propõe três níveis de análise para o procedimento de uma **tipologia textual**, em que são valorizados não apenas os aspectos internos à língua (aspectos gramaticais) como também os aspectos externos à língua (aspectos funcionais). Segundo ela, a classificação do discurso em diferentes gêneros obedece a dois critérios básicos: **formais/estruturais** e **funcionais**. O primeiro critério está associado à visão teórica formalista/estruturalista, a qual segmenta o discurso em suas unidades constituintes com o objetivo de analisar as relações contraidas por tais unidades, independentemente das relações funcionais com o contexto. O segundo critério se associa à visão teórica funcionalista, a qual concebe o discurso como uma unidade da língua em uso e acredita que o sistema gramatical está condicionado pelas funções comunicativas que desempenha.

O primeiro nível, fundamentado nas propriedades gramaticais dos discursos, é o das **estruturas discursivas**, que correspondem aos tradicionais gêneros de discurso: estruturas narrativas, descritivas, expositivas, expressivas, procedurais, dialógicas. Para cada uma dessas estruturas é apontado um conjunto de traços linguísticos característicos referentes a tempo/aspecto/modo verbal, tipo de predicado, unidade semântica básica, pessoa do discurso referida, unidade sintática básica, entre outros.

Os tipos de “literatura” (textos), estudados nesta dissertação, podem ser correlacionados às estruturas propostas por Paredes Silva:

- (i) As **estruturas descritivas** são predominantes na Literatura Técnica (lt). Geralmente apresentam os verbos na forma não perfectiva, num predicado estativo em torno de entidades (mais frequentemente de terceira pessoa), e, sintaticamente, são centradas em estruturas nominais;
- (ii) As **estruturas de tipo expositivo/argumentativo** são típicas da Literatura Oratória (lo). São caracterizadas por elevada frequência de construções sintáticas complexas (subordinação); predominam verbos em formas não-perfectivas e há forte contingente de construções hipotéticas. A unidade semântica é a proposição.
- (iii) As **estruturas dialógicas** são típicas da Literatura Dramática (ld). São caracterizadas pela alternância de participantes/pessoas do discurso envolvidas.

O segundo nível, fundamentado nos critérios funcionais, ou seja, voltado para o uso efetivo das estruturas de primeiro nível nas diversas situações

comunicativas, é o das **unidades comunicativas**, que ocorrem em contextos específicos: conferência, estória, piada, reportagem policial, editorial, carta, por exemplo.

O terceiro nível é o da **função** ou **propósito comunicativo** com que cada diferente gênero discursivo é utilizado. Segundo Paredes Silva (1995), o terceiro nível é o terreno das sobreposições, em que coexistem vários propósitos, sendo que um deles é predominante, assim como o propôs Jakobson para as funções da linguagem.

Os textos não só diferem pelo assunto tratado, proposta, estrutura retórica, e estilo como também podem apresentar diferenças quanto a parâmetros situacionais, tais como a relação entre os participantes, a relação dos participantes com o contexto externo, e a relação dos participantes com o próprio texto. Gêneros textuais distintos também implicam diferentes maneiras de produção, distribuição e consumo de textos.

Segundo Biber (1988:12), além de os textos poderem ser descritos e comparados em termos de sua caracterização situacional, é possível compará-los a partir de dimensões que consideram a sua caracterização lingüística, e.g. nominal x verbal; estruturalmente complexo x estruturalmente simples. Outros parâmetros ou dimensões que caracterizam os textos podem ser apontados:

- mais planejado x menos planejado;
- mais interativo x menos interativo;
- maior envolvimento do falante x menor envolvimento do falante;

- estruturalmente complexo x estruturalmente simples (pouca elaboração frasal),
- formal x informal,
- literário x coloquial.

O processo de interação verbal, tal como o concebe Dik (1989), implica que o falante domine as regras gramaticais de estruturação linguística e as regras de interação social, e saiba organizar textos adequados às diversas situações comunicativas.

Dotado de competência comunicativa e sabendo usar a língua em diversas situações, o falante (ou o escritor) constrói o texto de acordo com seus objetivos. Dessa forma, a escolha de uma determinada estrutura gramatical em detrimento de outras não é aleatória, mas está de acordo com a natureza e as funções comunicativas dos discursos.

Cada tipo de texto apresenta determinadas características linguísticas que coocorrem com alta frequência. Essas características linguísticas, por sua vez, estão relacionadas aos propósitos comunicativos de cada texto e às circunstâncias, condições e situações em que ele foi criado.

A partir dessas considerações, tenta-se uma categorização dos três tipos de textos (ou literaturas), utilizados na análise da negação.

A **literatura dramática** é formada por peças teatrais, compostas quase que exclusivamente por diálogos travados entre as personagens, fato esse que as aproxima das conversações do tipo face a face, típicas da modalidade oral. Em

geral, sua estrutura é, portanto, a dialógica, com a alternância de turnos de fala dos interlocutores.

Pode-se apontar que, embora os textos dramáticos pertençam à modalidade escrita, eles são uma representação das conversações, fato este que lhes permite compartilhar praticamente as mesmas características linguísticas das conversações da língua oral. Os textos dramáticos refletem os diálogos espontâneos da língua oral, na qual o falante não dispõe de muito tempo para uma alta elaboração e planejamento de seus enunciados.

A **literatura técnica** é composta por textos dissertativos¹⁵, textos introdutórios, não muito aprofundados, que apresentam o propósito comunicativo de informar e instruir o leitor, por isso são construídos em situações controladas, apresentando seu referente de maneira definida e elaborada. Tais textos possuem uma estrutura expositivo-argumentativa com passagens descritivas, nos termos de Paredes Silva.

Os textos da **literatura oratória**, embora veiculados oralmente, são produtos da língua escrita, o que os torna, assim como os textos técnicos, bastante elaborados. Os discursos políticos, os discursos proferidos na Academia Brasileira de Letras e os discursos e sermões religiosos que compõem esse gênero de discurso objetivam persuadir o leitor/ouvinte, por isso apresentam uma estrutura essencialmente argumentativa. Com o objetivo de persuadir o leitor/ouvinte, o produtor de um

¹⁵ Estes textos pertencem, na sua grande maioria, às séries *Princípios e Fundamentos* da Editora Ática, à coleção *Primeiros Passos* da Editora Brasiliense, livros textos do curso pré-vestibular Anglo, entre outros. São concernentes às diferentes áreas científicas como biologia, farmacologia, medicina, direito, linguística, educação física, arquitetura, etc..

discurso oratório leva em consideração o tipo de público que quer atingir e o processo de interação que envolve falante/ouvinte.

Dos textos técnicos e dos oratórios é exigida uma linguagem mais elaborada e acabada, uma vez que são construídos em situações altamente controladas e planejadas e têm como objetivo principal a informação e a persuasão, respectivamente.

Os textos dramáticos, por sua vez, apresentam características bastante distintas daquelas encontradas nos textos técnicos e nos oratórios. São compostos basicamente por diálogos travados entre as personagens, o que os aproxima das conversações face a face da língua oral. As peças teatrais são interativas e, embora sejam escritas, reproduzem as situações de fala, nas quais os participantes dispõem de pouco tempo para elaborar o discurso.

Estabelecida uma categorização dos textos utilizados nesta dissertação e feitas as discussões teóricas que embasam a análise, efetua-se nos capítulos subsequentes a discussão do comportamento e do funcionamento da negação em textos reais. No capítulo V é examinada a possibilidade de o operador de negação afetar a referencialidade e o grau de definitude de argumentos nominais que ocorrem em frases sintaticamente negativas. Outros aspectos que envolvem o funcionamento da negação em textos reais são investigados: (i) a combinação da negação com expressões modais (capítulo VI); (ii) o comportamento da negação nas estruturas de complementação (capítulo VII).

CAPÍTULO V

AS RELAÇÕES ENTRE ESCOPO DA NEGAÇÃO, REFERENCIALIDADE E GRAU DE DEFINITUDE DOS NOMES

É possível analisar a atuação da negação sobre os argumentos nominais em sentenças sintaticamente negativas não somente associando esse estudo ao nível representacional, como também relacionando-o, a partir da observação de seus efeitos nos textos, ao nível retórico da estrutura hierárquica do discurso (Hengeveld 1997). O nível retórico permite estabelecer uma correlação entre o uso do operador de negação e a referencialidade de argumentos sob o escopo desse operador, já que para isso é necessário o exame do contexto de ocorrência do operador de negação e do encadeamento discursivo que ocorre em torno desse operador.

Como operador da predicação, a negação está relacionada à função de referência das predicções, possibilitando a restrição do conjunto de referentes potenciais da predicação à(s) situação(ções) externa(s) que o falante tem em mente.

Arrive *et al.* (1986:397) observam que o efeito da negação sobre um constituinte pode consistir numa simples exclusão do referente, deixando aberta uma interpretação compatível com a existência de um outro referente que desempenhe o mesmo papel. Esse fenômeno pode ser implícito como em (140) ou

explícito, como em (141), ou o constituinte pode ser reduzido a um conjunto vazio, como em (142):

(140) Ele **não** viu Paulo. (Ele pode ter visto outras pessoas)

(141) Ele **não** viu Paulo mas Alberto.

(142) Ele **não** viu ninguém.

A negação pode intervir, assim, na interpretação do referente de um sintagma nominal.

Antes do exame das possíveis correlações entre o escopo da negação e a interpretação dos argumentos nominais das sentenças sintaticamente negativas, torna-se necessário explicitar os conceitos diretamente relacionados ao estudo aqui proposto.

5.1. Os conceitos de referencialidade e definitude na Gramática Funcional.

A referência é um recurso coesivo que diz respeito a como o falante introduz argumentos, podendo então “rastrear-los” uma vez que eles já estão no texto.

Segundo Dik (1989: 111), no modelo de interação verbal proposto pela Gramática Funcional, a referência consiste numa ação cooperativa, pragmática, que permite ao falante referir-se a uma entidade por meio de um termo¹⁶. Ao usar

¹⁶ Entende-se por termo qualquer expressão que pode ser usada para referir-se a uma entidade ou entidades em algum mundo.

um termo, o falante pretende guiar o destinatário para alguma entidade sobre a qual ele deseja predicar algo.

Considerando que as entidades são “constructos mentais”, e não objetos da realidade, Dik distingue dois principais usos de termos que possibilitam a construção e a identificação do referente. Há referência construtiva quando o falante ajuda o destinatário a construir um referente por meio de um termo, e ocorre referência identificadora quando o falante ajuda o destinatário a identificar um referente que de alguma forma já se supõe estar “acessível” ao destinatário.

Termos definidos são usados para estabelecer referência identificadora, termos indefinidos para estabelecer referência construtiva. Assim:

- por meio de um termo definido o falante convida o destinatário a identificar um referente que o falante presume estar acessível ao destinatário;
- por meio de um termo indefinido o falante convida o destinatário a construir um referente de acordo com as propriedades especificadas no termo.

Como resultado dessas caracterizações, termos indefinidos são tipicamente utilizados para introduzir um referente no discurso, enquanto termos definidos são utilizados para referir-se a um referente já estabelecido no discurso.

Há, portanto, dois tipos de nominais referenciais: definidos e indefinidos. Os argumentos nominais (com função de sujeito ou de objeto) também podem ser não-referenciais.

Na tradição lógica, a única maneira explícita de marcar argumentos como não-referenciais é “ligá-los” com um quantificador universal, fazendo-os assim referir-se a todos os membros abrangidos pelo termo. Nas linguas humanas, a não-

referencialidade pode também envolver elementos individuais ao invés de um grupo inteiro. Além disso, um argumento não-referencial pode ter um uso atributivo, como em (145):

- | | | |
|--|---|-----------------|
| (143) <u>Todo professor</u> usa óculos | → | não-referencial |
| genérico | | |
| (144) Estou procurando <u>um professor</u> | → | não-referencial |
| individual | | |
| (145) João é <u>um professor</u> | → | não-referencial |
| atributivo | | |

A relação de referência não envolve consideração da intenção referencial do falante sob o ponto de vista da tradição lógica. Entretanto, a intenção referencial do falante é um componente importante no entendimento da referencialidade nas línguas humanas e está relacionada ao fato de que a referência envolve o universo do discurso, ao invés do mundo real. Diferentemente do que ocorre na lógica, nas línguas humanas falantes e ouvintes negociam o escopo do universo particular sobre o qual falam, e também estabelecem as entidades dos itens individuais que pretendem considerar como existentes dentro daquele universo.

As relações de referência também podem ser vistas como relações de coerência, e têm um lugar importante na construção e interpretação do texto.

Interessa aqui a investigação dos efeitos da negação sobre os argumentos nominais. Indaga-se qual é o tipo de relação que pode ocorrer entre o escopo da

negação e a referencialidade, e o grau de definitude dos grupos nominais que ocorrem em frases sintaticamente negativas.

Torna-se necessária, assim, a realização de uma análise do comportamento dos grupos nominais definidos e indefinidos em relação à negação, e das relações de escopo que se estabelecem entre o operador de negação e os diferentes tipos de argumento nominal de uma sentença negativa.

5.2. As relações entre escopo da negação, referencialidade e grau de definitude dos nomes observadas na literatura lingüística.

Uma relação entre o escopo da negação e a referencialidade dos argumentos nominais sob o escopo da negação foi detectada por Givón (1979:103), que observou que os falantes do inglês preferem introduzir nomes referenciais pela primeira vez no discurso em sentenças afirmativas, e conseqüentemente os tratam apenas como definidos nas sentenças negativas. Segundo Givón (1979:103), as sentenças negativas não são usadas para introduzir argumentos referenciais novos no discurso, mas de preferência são usadas em contextos nos quais um argumento referencial já foi mencionado no discurso precedente, e, desse modo, na sentença negativa esse argumento poderá apenas aparecer como definido. Em termos puramente formais, então, as sentenças negativas são consideradas por Givón mais pressuposicionais do que as sentenças afirmativas correspondentes, já que sintagmas nominais com função de sujeito ou de objeto tendem a ser mais definidos nelas. Em outras palavras, quando um

falante enuncia uma sentença negativa no discurso, ele supõe mais sobre o que o ouvinte conhece do que quando ele enuncia uma sentença afirmativa.

Algumas restrições referentes à distribuição de argumentos nominais referenciais em sentenças negativas são apontadas por Givón (1979):

(i) Os sujeitos sob o escopo da negação tendem a ser definidos e referenciais. A interpretação referencial de sujeitos indefinidos em frases negativas é inadequada.

Givón (1979: 26-28) chama a atenção para o fato de que, em muitas línguas do mundo, provavelmente na maioria, o sujeito de sentenças declarativas não pode ser referencial-indefinido. Em outras palavras, a posição do sujeito na sentença é aquela na qual informação nova não pode ser introduzida, o que está relacionado a uma tendência comunicativa de reservar a posição de sujeito na sentença para o tópico, o argumento de informação velha.

Givón observa também (1979: 102) que, na maioria das línguas, o sujeito, a menos que apareça numa construção existencial, é obrigatoriamente definido. Algumas línguas, como o inglês, permitem sujeitos referenciais indefinidos no nível da competência, mas a frequência textual média desse fenômeno é um tanto baixa, por volta de 10%, segundo o levantamento de Givón.

Segundo ele, os argumentos nominais com função de sujeito em sentenças negativas tendem a ser definidos ou não-referenciais, por isso torna-se de pouca significância a restrição de que a interpretação de sujeitos como referenciais e indefinidos é inadequada em sentenças negativas.

(ii) Os objetos indefinidos sob o escopo da negação não propiciam a interpretação referencial.

Givón (1979: 28) verifica que, em muitas línguas, tais como o húngaro, sherpa, bamba, luganda, ruanda (banto), turco, krio, e muitas outras, os objetos referenciais indefinidos não podem aparecer em sentenças negativas. Nessas sentenças, os argumentos nominais com função de objeto podem ser apenas referenciais definidos ou não-referenciais. Como ilustração de que em sentenças negativas a interpretação referencial de objetos indefinidos é inadequada, considerem-se os exemplos abaixo:

(146) a. O senhor ainda **não** viu o meu canarinho. (loc-Ir)

→ objeto definido referencial

b. O senhor **não** viu um canarinho. *O canarinho tinha uma asa quebrada.

→ objeto indefinido não-referencial

c. O senhor **não** viu nenhum canarinho.

→ objeto indefinido não-referencial

Em (146b) e (146c), a interpretação referencial do objeto indefinido é inadequada sob a negação, pois observa-se que não é possível a retomada anafórica.

Assim, segundo Givón, os grupos nominais que se encontram sob o escopo da negação tendem a ser definidos e referenciais, ao passo que os sintagmas indefinidos tendem a ser não-referenciais, ou seja, a não estabelecer a referência.

Essa hipótese postulada por Givón (1979) será utilizada, como ponto de partida, para uma investigação das possíveis relações do escopo da negação com o grau de definitude e a referencialidade dos argumentos que ocorrem em sentenças negativas do português.

Além das observações de Givón, outras possíveis relações entre o escopo da negação e o grau de definitude e referencialidade dos argumentos nominais podem ser apreendidas a partir de algumas observações do comportamento dos grupos nominais definidos e indefinidos em relação à negação, realizadas em estudos de Conte (1980), Hopper & Thompson (1980: 287), Manzotti & Rigamonti (1991: 256), Chafe (1995: 362).

A necessidade de examinar as relações entre o escopo da negação e a referencialidade de argumentos sob o escopo da negação, levando-se em consideração o nível retórico, ou seja, o exame de unidades de análise maiores do que a frase, também pode ser comprovada pelas observações de Conte (1980), realizadas num estudo sobre condições de coerência textual, em que se buscam os fatores que condicionam a instauração ou não-instauração de um referente textual. Conte mostra que a negação é um dos fatores que intervêm na instauração ou não-instauração de um referente textual, e examina a interferência da negação com outros fatores, tais como factividade, contrafactividade e implicatividade, que contribuem para a coerência de um texto.

Conte limita-se ao estudo da instauração de referente textual mediante o uso de um sintagma nominal indefinido. Para ela, nem todo sintagma nominal indefinido instaura um referente textual. A possibilidade de um sintagma nominal

indefinido instaurar um referente textual depende do tipo de enunciado (em particular, do tipo de predicação que se realiza naquele enunciado) no qual o sintagma nominal indefinido ocorre pela primeira vez. Ela discute os seguintes exemplos (Conte 1980: 135):

(147) Adelaide tem uma bicicleta. A bicicleta é vermelha.

Nesse enunciado afirmativo, o sintagma nominal indefinido “uma bicicleta” instaura um referente textual, permitindo a retomada anafórica mediante um sintagma nominal definido como “a bicicleta”. Ao invés disso, num enunciado negativo, como em (148), o sintagma nominal indefinido “uma bicicleta” não instaura um referente textual, por isso não é possível retomada anafórica:

(148) Adelaide **não** tem uma bicicleta. *A bicicleta é vermelha.

Há, entretanto, uma hipótese na qual a introdução de um referente textual por meio de um sintagma nominal indefinido funciona também em enunciado negativo, como por exemplo em:

(149) O terrorista capturado **não escondeu uma ferida** no peito.

Introduz-se o referente textual designado pelo sintagma nominal “uma ferida” exatamente como o enunciado afirmativo:

(150) O terrorista capturado escondeu **uma ferida** no peito.

Em consequência, tanto (149), como (150) admitem uma continuação textualmente coerente, com um enunciado como (151):

(151) A ferida foi obtida num tiroteio com a polícia.

A instauração do referente textual no enunciado (149) deriva da factividade do verbo “esconder”, que faz que a pressuposição existencial que indica a existência da ferida não seja afetada pela negação. Verifica-se, então, que um enunciado com um verbo factivo¹⁷ introduz um referente textual mesmo que o enunciado seja negativo.

Examinando um enunciado negativo com um verbo contrafactivo¹⁸ como (152), verifica-se que, por meio do sintagma “um avião”, introduz-se um referente textual que pode ser retomado anaforicamente:

(152) Strauss **não fingia** possuir **um avião**. Ao contrário, o seu avião era realmente um jumbo-jet.

Portanto, num enunciado negativo com um verbo contrafactivo, a ocorrência de um sintagma nominal indefinido permite a introdução de um referente textual, embora em enunciados positivos a contrafactividade seja considerada um fator bloqueador da instauração de referentes textuais, como se vê em:

¹⁷ São factivos verbos ou sintagmas verbais como saber, compreender, descobrir, ignorar, lamentar e similares. O complemento de um verbo factivo permanece afirmado (permanece um “fato”) quer seja o verbo afirmado quer seja negado.

¹⁸ São contrafactivos verbos como fingir, dissimular, simular. O complemento de um verbo contrafactivo assinala que o falante acredita que a proposição encaixada é falsa.

(153) Strauss fingia possuir **um avião**. * O avião era um Starfighter.

em que a ocorrência do sintagma nominal indefinido “um avião” no enunciado complemento não instaura um referente textual.

Conclui-se, a partir das observações de Conte (1980), que é preciso verificar a interação entre a classe semântica do verbo e a referencialidade dos argumentos indefinidos em enunciados sintaticamente negativos, pois a negação não é o único fator que intervém na instauração de um referente textual num enunciado. Além da negação intervêm a factividade, a implicatividade e a contrafactividade do verbo que requer como argumento um sintagma nominal indefinido.

O comportamento e a interpretação de sintagmas nominais indefinidos, presentes em frases negativas, também são analisados por Manzotti & Rigamonti (1991: 256). Eles observam que o escopo da negação, definido como o segmento de frase sobre o qual a negação exerce seu efeito, equivale àquele segmento em que se pode manifestar o fenômeno que eles chamam de “desespecificação”. Trata-se da instauração de referência não-específica, à qual se pode eventualmente seguir uma quantificação negativa universal. A negação, segundo eles, tem, portanto, o efeito de transformar, em uma frase positiva, a interpretação indefinida específica de um sintagma nominal em indefinida não-específica. Eles observam que esse efeito se restringe à negação predicativa frasal, ou seja, não se encontra em outros tipos de negação.

Supõe-se, assim, que, na frase negativa, a interpretação de elementos indefinidos como específicos, ou não-específicos, está diretamente ligada à atuação do operador da negação.

Considerem-se as frases positivas abaixo, cujos verbos são seguidos de um objeto indefinido específico:

(154) A hora do pagamento, o caixa quis fazer um acordo: dez mil cruzeiros em dinheiro (bh-lr)

(155) Você tem que fazer uns exames, tem que fazer tratamento nessa boca (om-ld)

Nessas frases, a especificidade do indefinido é garantida pelo contexto. Nota-se, ainda, que os sintagmas nominais objeto contêm elementos indefinidos específicos, isto é, que denotam uma entidade particular do mundo extralingüístico. A negação da frase muda o caráter referencial do sintagma nominal, que se torna indefinido não-específico, isto é, passa a referir-se a uma variável, a um tipo, não a uma entidade particular. Isso fica muito evidente na possibilidade de o objeto prescindir do elemento indefinido, na frase negativa:

(154) a. O caixa **não** quis fazer (um) acordo

(155) b. Você **não** tem que fazer (uns) exames.

Essas construções negativas abrigam uma quantificação negativa, e, por isso, admitem a ocorrência de um elemento indefinido negativo, que representa a negação de todas as entidades que pertençam a esse “tipo”:

(154) b. O caixa **não** quis fazer nenhum acordo (= nenhuma entidade que seja do tipo acordo)

(155) b. Você **não** tem que fazer nenhum exame. (= nenhuma entidade que seja do tipo exame)

Observem-se ocorrências negativas desse tipo, como

(156) Ter de partir - e **não** ter nenhum caminho diante de si. (a-lr)

(157) Aparício, neste dia, **não** falou com ninguém. (ca-lr)

Nas afirmativas correspondentes, o que se verifica é que os sintagmas nominais indefinidos positivos são específicos, referem-se a uma entidade particular, e não mais a um simples tipo:

(158) Ter de partir - e ter um caminho diante de si.

(159) Aparício, neste dia, falou com alguém.

Verifica-se, pois, que um constituinte indefinido, situado dentro do escopo da negação predicativa frasal efetuada pelo não, pode passar a ser entendido como não-específico, e mesmo como negativo quantificado universalmente.

A necessidade de considerar o tipo de verbo como fator fundamental para a interpretação de sintagmas nominais indefinidos contidos em sentenças negativas, observada em Conte (1980), também pode ser depreendida a partir de algumas observações de Manzotti & Rigamonti (1991).

Segundo eles, uma negação predicativa frasal equivale, do ponto de vista semântico, a uma frase que contenha um verbo da classe dos implicativos negativos¹⁹:

(160) Há interesse em evitar um incidente público (dip-lt)

(161) Para surpresa de todos recusou um salário vitalício (rel-lr)

Essas frases contêm o que se pode chamar de negação frasal implicada, pois correspondem às frases que apresentam o operador de negação não:

(160) a. Há interesse em **não** deixar acontecer um incidente público

(161) a. Para surpresa de todos **não** aceitou um salário vitalício

Entretanto, nas frases com verbos implicativos negativos, não podem ocorrer indefinidos negativos, o que diferencia a negação frasal implicada da negação predicativa frasal:

(160) b. * Há interesse em evitar nenhum incidente público

(161) b. * Para surpresa de todos recusou nenhum salário vitalício

Assim, nas frases correspondentes com negação predicativa frasal esses indefinidos negativos podem, perfeitamente, ocorrer, e são até muito usuais:

(160) c. Há interesse em **não** deixar acontecer nenhum incidente público

¹⁹ São verbos implicativos negativos: esquecer-se de, recusar, falhar, evitar, negligenciar, deixar de. Uma oração afirmativa com um desses verbos como verbo principal implica a negação do complemento, ou seja, o complemento é entendido como falso, porque eles representam uma condição necessária e suficiente para que não se entenda o complemento como ocorrente.

(161) c. Para surpresa de todos **não** aceitou nenhum salário vitalício

Uma frase com verbo implicativo negativo acompanhado de um elemento de negação passa a comportar-se, entretanto, como uma frase de negação predicativa frasal, admitindo indefinidos negativos, como se pode observar em:

(160) d. Há interesse em **não** evitar nenhum incidente público

(161) d. Para surpresa de todos **não** recusou nenhum salário vitalício

Uma ocorrência desse tipo é:

(162) Deixa ver se **não** esqueci nenhum detalhe (anb-lr)

Essa mesma frase não admitiria o indefinido negativo se o verbo implicativo negativo esquecer não estivesse negado pelo não:

(162) a. *Deixa ver se esqueci nenhum detalhe.

As observações de Manzotti & Rigamonti (1991) acerca do escopo da negação, definido como a parte da frase em que se manifesta o fenômeno de “efeito de desespecificação”, podem ser correlacionadas com as observações de Leinfellner (1994) de que é a informação mais específica que tende a estar sob o escopo do operador de negação.

Esse efeito de desespecificação pode ocorrer, segundo Manzotti & Rigamonti (1991: 258), não só por meio da negação mas também em contextos hipotéticos ou no futuro e ainda em outros casos²⁰.

Também Chafe (1995: 362) estabelece uma relação entre a não-especificidade de referentes e contextos considerados tipicamente irreais tais como os que contêm negação, futuro, obrigação, possibilidade, imperativo, proibição, condição e as perguntas sim-não. Ele diz que, no inglês, contextos de irrealidade permitem e até mesmo encorajam a interpretação de um referente objeto direto como não-específico. Para ele a relação entre irrealidade e não-especificidade de referência é largamente difundida e poderia ser universal.

Um tipo de associação semelhante à existente entre contextos irreais (entre eles a negação) e a não-especificidade de referentes é feita por Hopper & Thompson (1980: 276-277). Ao discutir a noção de transitividade²¹, notam uma correlação entre expressões “irreais” e o grau de transitividade da oração: as formas “irreais” tendem a ocorrer em ambientes menos transitivos.

Segundo eles, em várias línguas (*e.g.* inglês, francês) o objeto de uma oração negativa aparece numa forma que mostra que a ação do verbo é menos direta. Se o objeto é indefinido, frequentemente o acompanha um indicador de que ele é não-referencial.

²⁰ Esses contextos costumam ser chamados de contextos de irrealidade.

²¹ A transitividade é tradicionalmente entendida como uma propriedade global de uma oração inteira, de forma que uma atividade é “transportada” ou “transferida” de um agente para um paciente. Assim, transitividade necessariamente envolve dois participantes e uma ação que é efetiva de algum modo.

CAPÍTULO VI

A COMBINAÇÃO DA NEGAÇÃO COM EXPRESSÕES MODAIS

É redundante afirmar que o operador de negação não deve ser estudado isoladamente. Entretanto, cumpre acentuar que suas significações estão intimamente ligadas a outros operadores e relatores que o pensamento põe em funcionamento. Uma investigação das relações de escopo da negação deve considerar sua interação sistemática e complexa com os outros operadores lógicos, por exemplo com os modais. O estudo do comportamento de expressões modais e dos significados que emergem quando os modais aparecem sob o escopo da negação necessariamente será relacionado ao nível retórico, isto é, a interpretação do escopo do operador de negação deve considerar o contexto da sentença em que esse operador é utilizado, ao invés de se restringir à análise de sentenças isoladas.

Como ponto de partida para essa investigação apresenta-se um estudo da modalidade sob o ponto de vista da Gramática Funcional.

6.1. A modalidade na Gramática Funcional.

Os fenômenos que são discutidos na literatura sob os nomes de “modo” e “modalidade” não constituem um domínio semântico unificado para o qual poderia ser dada uma definição simples e abrangente. Dik (1989:204-206) distingue vários tipos de “modalidades”, que são então atribuídas a partes diferentes da estrutura da

cláusula e, correspondentemente, a diferentes partes da gramática. O termo “modo” é reservado para as distinções de modalidade gramaticalmente expressas como aspectualidade *versus* aspecto, e temporalidade *versus* tempo.

Seguindo Hengeveld (1989), Dik expõe e define, com base na representação em camadas da Gramática Funcional, as várias subáreas de modalidade. No nível da estrutura interna da predicação (nível I), situam-se as distinções de modalidade inerente, que não são expressas por meios gramaticais. Essas distinções dizem respeito às relações entre um participante e a realização de um estado de coisas em que ele está envolvido.

As distinções de modalidade objetiva expressam a avaliação do falante da probabilidade da ocorrência (a “realidade”) de um estado de coisas. A modalidade objetiva pode ser dividida em duas subclasses: (i) modalidade objetiva epistêmica, em que o falante avalia a realidade do estado de coisas em termos do seu conhecimento dos estados de coisas em geral; (ii) modalidade objetiva deontica, em que a realidade do estado de coisas é avaliada em termos de um sistema de normas sociais, legais ou morais. Essas duas subáreas produzem duas escalas de distinções potenciais:

(163) Modalidades objetivas epistêmicas:

certo > provável > possível > improvável > impossível

→ escala de possibilidade

(164) Modalidades objetivas deonticas:

obrigatório > aceitável > permissível > inaceitável > proibido

→ escala de permissividade

As distinções de modalidade objetiva operam sobre a predicação, e pertencem, assim, ao nível 2. Também nesse nível atuam os operadores que indicam polaridade. Consideradas como os extremos lógicos da modalidade objetiva epistêmica, as distinções de polaridade assinalam a avaliação do falante sobre a realidade ou não-realidade de ocorrência de um estado de coisas.

Pertencem ao nível 3 (da proposição) as distinções modais que assinalam o comprometimento pessoal do falante com a verdade da proposição. Por meio das modalidades subjetivas, o falante assume responsabilidade pessoal pelo conteúdo da proposição, especifica a natureza e o grau de seu compromisso com a verdade, e o modo como a proposição chegou a seu conhecimento.

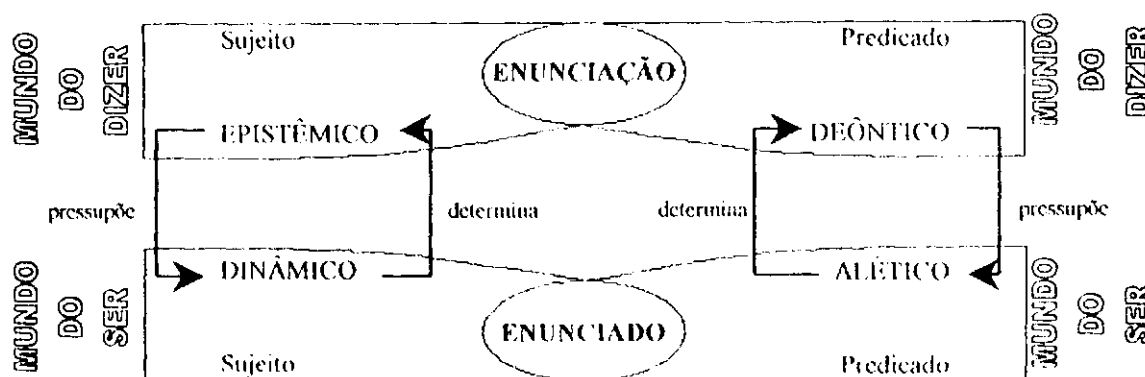
As modalidades são consideradas por Garcia (1994: 63) como elementos fronteiros situados entre a enunciação e o enunciado. Segundo ele, a diferença entre João veio e Provavelmente João veio é que no primeiro caso o enunciado, é integrado apenas pela oração “João_{sujeito} + veio_{predicado}”, enquanto que no segundo caso a enunciação do enunciado está matizada pela opinião do falante (sujeito da enunciação), que o considera “provável”. Em resumo:

enunciação	- modalidades -	enunciado
figura / fundo	fronteira	fundo / figura

Segundo Garcia, as modalidades alética, epistêmica, dinâmica e deôntica representam realces perceptivos da fronteira que se estabelece entre a enunciação e o enunciado:

- (i) os modais epistêmicos orientam-se para o sujeito da enunciação;
- (ii) os modais dinâmicos orientam-se para o sujeito do enunciado;
- (iii) os modais deônticos orientam-se para o predicado da enunciação;
- (iv) os modais aléticos orientam-se para o predicado do enunciado.

As relações que se estabelecem entre os diferentes tipos de modalidades estão esquematizadas²² na figura 1:



Neves (1999a) explica que, numa visão vertical, verifica-se que os modais dinâmicos e os aléticos levam aos epistêmicos e aos deônticos, respectivamente. A relação vertical entre os epistêmicos e os dinâmicos deriva do fato de que os primeiros são pressupostos para os outros, do ponto de vista pragmático: alguém crê que alguém fará algo, porque está capacitado para isso. A relação vertical entre

²² Esquema realizado a partir de indicações de Garcia (1994), apresentado por NEVES, M. H. M. A modalidade: um estudo de base funcionalista na língua portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 1999a (no prelo).

os deônicos e os aléticos é semelhante: a necessidade lógica determina a lei moral. Numa visão horizontal, por outro lado, verifica-se que os epistêmicos e os deônicos afetam o mundo do dizer (o crer e o ordenar), enquanto os dinâmicos e os aléticos afetam o mundo do referente, já que o fazer, logicamente, é uma faceta do ser.

Neves (1996:172) observa que “a modalização alética não constitui matéria privilegiada de investigação quando se trata de ocorrências reais de uma língua.” Segundo ela, uma investigação sobre o valor puramente alético de uma proposição a retiraria do contexto de enunciação para centrar-se na organização lógica interna de seus termos e na relação que ela mantém com os mundos possíveis, nos quais seria, ou não, verdadeira. Como lembra Koch (1986:228 *apud* Neves 1996), já Aristóteles advertia que os enunciados de uma ciência nem sempre são simplesmente verdadeiros, já que, muitas vezes se formulam como **necessariamente** verdadeiros ou como **possivelmente** verdadeiros, de modo que a **necessidade** e a **possibilidade** modificam o sentido da simples verdade. Feitas essas considerações, Neves acrescenta ainda que, diferentemente da modalização alética, a modalização deônica e a epistêmica se prestam bem a uma investigação linguística dos enunciados.

A modalização deônica está relacionada aos valores de permissão. Está, portanto, condicionada por traços lexicais específicos ligados ao enunciador [(+ controle)] e, de outro lado, implica que o enunciatário aceite o valor de verdade do enunciado, para executá-lo. A modalização epistêmica, por sua vez, envolve, como diz Quirk (1985), o “julgamento humano do que é provável acontecer”. Ambas

constituem a modalização linguística *stricto sensu*, isto é, a modalização ocorrente e analisável nos enunciados efetivamente produzidos.

Desse modo, neste trabalho, limita-se a discussão apenas à combinação da negação com as expressões de modalidade epistêmica e deôntica.

6.2. O comportamento da negação com expressões modais.

O estudo da combinação da negação com expressões modais, especialmente deônticas e epistêmicas, implica o exame do comportamento de expressões modais e dos significados que emergem quando os modais aparecem sob o escopo da negação.

A análise do comportamento da negação com modais apresenta, segundo Palmer (1986:220), dificuldades que consistem na ambigüidade que reside na interpretação do escopo da negação: de um modo geral, os enunciados que combinam negação e expressões modais não apresentam marcas formais que indiquem se é o verbo principal ou o modal que é negado.

Palmer (1995: 456) propõe um teste de identificação do escopo da negação para expressões que combinam modalidade e negação. Ele diz que, em situação ideal, o âmbito de incidência da negação é indicado pela posição do operador de negação: se o modal é negado, é possível utilizar a paráfrase “Não é possível/não é necessário que...”, e se o verbo pleno é negado, a paráfrase utilizada será “É possível que não .../ é necessário que não ...”.

Palmer (1995) investiga a relação entre negação e modalidade no que diz respeito ao efeito da negação sobre expressões modais de possibilidade e necessidade. Ele mostra que em diversas linguas há uma irregularidade presente no comportamento de modais e nos significados que emergem quando os modais estão sob o escopo da negação. Uma irregularidade particularmente conhecida envolve o uso das estratégias para expressar as noções semânticas de “necessário não” e “não necessário”. Palmer afirma que isso pode envolver o uso de um verbo completamente diferente daquele normalmente utilizado em contextos afirmativos, como em inglês *mustn't* (não dever) *versus needn't* (não precisar de), ou um “deslocamento” do marcador negativo de expressão da noção de “necessário não” para uma posição sintática que corresponde formalmente a “não necessário”.

Do ponto de vista da lógica, as noções de possibilidade e necessidade são interdefiníveis com a ajuda da negação²³ e estão em algum grau refletidas na língua (Palmer 1995). Assim, tanto na modalidade epistêmica como na deôntica, há as seguintes equivalências:

não possível $\equiv$ necessário não

possível não $\equiv$ não necessário

Auwera (1996) afirma que, apesar de as expressões modais de possibilidade e necessidade serem interdefiníveis, há linguas que exploram a equivalência lógica, na construção, de expressões convencionalizadas apenas para a noção de

²³ Aristóteles possivelmente foi o primeiro a propor a ideia da interdefinibilidade das noções de necessidade e possibilidade e a representá-la no célebre “Quadrado de Oposições”.

“necessário p”, e não o fazem para a noção de “possível p”. Isso equivale a dizer que algumas línguas regularmente expressam “necessário” como “não possível não”, mas talvez elas nunca expressem “possível” como “não necessário não”.

Justifica-se, assim, a verificação de como e quais são as relações de escopo da negação quando esta incide sobre expressões modais de possibilidade e necessidade. Indaga-se como a combinação de negação e noções modais se lexicaliza no português. Uma das hipóteses que norteia essa investigação é que a posição da partícula de negação exerce um papel na interpretação e escopo do modal.

6.2.1. A combinação de negação e modalização deôntica.

Neves (1990:24) diz que a modalização deôntica se refere ao julgamento do falante não sobre necessidade alética/ possibilidade ou sobre certeza/ probabilidade, mas sobre prescrição (necessidade deôntica)/ permissividade. Essa modalização atinge o fazer, não o ser, e tipicamente se expressa com os verbos modais dever, ter de.

A modalização deôntica, segundo Neves (1996:189), pode ser operada por mais de um meio, concomitantemente, como em (165) e (166), abaixo, e a negação da modalidade deôntica pode incidir em um ou em outro desses modalizadores, como ocorre em (167), ou no total do enunciado modalizado, como em (168):

(165) ele precisa de necessariamente, de ter passado pelo conhecimento e compreensão

(166) toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar necessariamente ligada a essa preocupação vital

(167) mas **não** necessariamente precisa aplicar

(168) **não** que necessariamente ele precise saber

Observa-se ainda que a qualificação deôntica não opera no nível da proposição e não está relacionada a uma avaliação do falante, mas a uma ação do próprio falante ou de outros.

Além do auxiliar modal dever, o auxiliar ter de e sua variante popular ter que são típicos de contextos deônticos no português, principalmente para transmitir a noção de necessidade deôntica.

O uso do auxiliar modal dever com significado deôntico apresenta especificidades em relação ao escopo da negação. Acredita-se que dever não é utilizado para exprimir a noção de “não necessário” / “não obrigatório”, e que para isso são utilizadas outras formas:

(i) verbos auxiliares: precisar, necessitar;

(ii) adjetivos em função predicativa: é preciso, é necessário.

Com significado deôntico, o modal dever parece ter seu uso restrito à expressão das noções de “necessário” ou “obrigatório” e “obrigação de não/

necessidade de não”. Para exprimir essas noções há a possibilidade de utilização de construções do tipo de (7) ou do tipo de (169):

(7) você **não deve** dizer essas bobagens na frente dessa menina. (f-ld)

= É necessário/ obrigatório não dizer...

(169) Devemos não esquecer que há uma soma de energia interior que tem de ser despendida. (ae-lt)

= É necessário/ obrigatório não esquecer...

Embora o modal seja formalmente negado (**não deve**) em ocorrências do tipo de (7), ao se analisar o escopo da negação nota-se que é o verbo pleno que é afetado, e não o auxiliar modal. Tanto em ocorrências em que o operador de negação está anteposto ao modal como em (7), quanto em ocorrências em que a partícula de negação está posposta ao modal, como em (169), se combinados com o modal dever usado deonticamente, o significado obtido é de “obrigação de não ... / necessidade de não...”.

As noções de possibilidade deontica (escala de permissividade) são expressas, no português, principalmente pelo auxiliar modal poder.

Quando a negação incide sobre o modal, ou seja, quando há negação de permissão, o operador de negação apresenta-se anteposto ao auxiliar modal poder, como em:

(170) São obrigados a trabalhar exageradamente, recebem um salário miserável, **não podem** escolher o local do trabalho, moram em condições precaríssimas, **não podem** reclamar. (si-lo)

= Não é permitida a escolha do local de trabalho/ não é permitido reclamação

A posposição da partícula de negação ao modal poder, parece, entretanto, ser utilizada, principalmente, em contextos de possibilidade epistêmica do tipo de (171) em que a negação incide sobre o verbo pleno, não afetando o modal:

(171) A gravidez pode **não** modificar a evolução da moléstia mas é comum exacerbá-la no primeiro trimestre (obs-lt)

= É possível que a gravidez **não** modifique a evolução da moléstia ...

Supõe-se que o modal poder não é frequentemente associado à negação para expressar a noção “permissão de não X”. Para essa noção são utilizadas outras formas tais como construções com adjetivos em função prediativa.

Considerando-se as equivalências lógicas possíveis para as definições das noções de possibilidade e necessidade, a negação de permissão pode ser interpretada como “não possibilidade” (deôntica, nesse caso), como pode ser ilustrado na ocorrência (170):

(170) São obrigados a trabalhar exageradamente, recebem um salário miserável, **não** podem escolher o local do trabalho, moram em condições precaríssimas, **não** podem reclamar. (si-lo)

→ = Não há a possibilidade de escolha do local de trabalho/ não é possível escolher o local de trabalho

6.2.2. A combinação de negação e modalização epistêmica.

O jogo entre polaridade negativa e modalidade também pode ser explicitado a partir do exame de enunciados que combinam negação e modalidade epistêmica.

Na qualificação epistêmica de uma proposição, o falante assume seu enunciado, posicionando-se com relação à avaliação do valor de verdade da proposição.

A coocorrência de modais epistêmicos com negação foi examinada, em alguns de seus aspectos, por Nuyts (1993:933). Estudando construções modais epistêmicas com adjetivos modais utilizados predicativamente, tais como (172), e construções com advérbios de sentença modais, tais como (173), Nuyts nota que há diferenças quanto ao comportamento sintático dessas construções, quando elas se encontram sob o escopo da negação:

(172) É provável que eles tenham ficado sem gasolina.

(173) Provavelmente eles ficaram sem gasolina.

Ele mostra que não há advérbios modais negativos²⁴, embora haja adjetivos modais negativos. Assim (174) é aceitável mas (175) não o é:

(174) É improvável que eles tenham ficado sem gasolina.

²⁴ Neves (1999a) observa que as construções em que indubitavelmente poderia ser usado como um advérbio de sentença não constituem um contra exemplo. Embora esse advérbio seja morfologicamente negativo, ele não expressa polaridade negativa, mas, ao invés disso, polaridade positiva forte.

(175) * Improvavelmente eles ficaram sem gasolina²⁵.

Nuyts (1993) cita Bellert (1977) para quem os advérbios modais qualificam a verdade da proposição expressa no enunciado em que eles ocorrem, o que explicaria por que eles não podem ser questionados ou negados. Cita, ainda, Lang (1979) para quem os adjetivos modais pertencem à proposição e referem-se a um elemento do mundo (o estado de coisas), ao passo que advérbios modais não são parte do significado proposicional e expressam uma atitude do falante em relação à proposição, sendo óbvio que o falante não pode questionar ou negar sua própria atitude.

Assim, as construções que contêm advérbio modal não podem ser utilizadas para negar a qualificação modal como tal. Para isso são utilizadas as construções com adjetivo modal, como em:

(176) Não é provável que o motorista tenha dormido no volante, porque ele tinha substituído o outro motorista meia hora antes. (fsp-lj)

(177)* Improvavelmente o motorista tenha dormido no volante, porque ele tinha substituído o outro motorista meia hora antes.

A análise da combinação da negação com modais epistêmicos revela que a posição do operador de negação exerce, em alguns casos como o do auxiliar modal poder, influência no escopo e na interpretação do modal. Vejam-se as ocorrências (178) e (179):

²⁵ Exemplos de Nuyts (1993:933-935), tradução minha

(178) Não chove, **não pode** haver café. (mo-ld)

= Não é possível haver café, porque não chove

→ negação da possibilidade de haver café.

(179) Não chove, **pode não** haver café.

= É possível que não haja café porque não chove

→ possibilidade de não haver café.

Na frase (178) nega-se a possibilidade de haver café, portanto, a negação incide sobre o modal. Já uma frase como (179), em que a negação está posposta ao modal, pode ser interpretada como “possibilidade de não haver café”. O escopo da negação é a predicação não modalizada.

Novamente, observam-se algumas especificidades no comportamento da negação quando associada ao auxiliar modal dever.

Segundo Silva-Corvalán (1995:88), em contextos que exprimem possibilidade epistêmica²⁶, *deber* (dever) pode ser precedido por negação mas não é afetado por ela. Ela afirma ainda que, em certos casos, *deber* é usado para transmitir um grau de incerteza do falante sobre a verdade de p, como uma estratégia pragmática para atenuar a condição assertiva do enunciado.

No português, a análise da combinação da negação com o modal *dever*, usado epistemicamente, indica que a negação não atua sobre o modal, apesar de ele poder ser precedido por ela, como ocorre no espanhol:

²⁶ Possibilidade epistêmica, segundo Silva-Corvalán (1995), diz respeito à avaliação do falante sobre a probabilidade de o conteúdo de uma proposição ser ou poder tornar-se verdadeiro. Envolve inferência lógica do falante.

(180) Mãe: Onde está P. ?

Sêbadas: Acho que ele não voltou ainda. Deve estar bêbado por aí. (cci-ld)

= É possível que ele esteja bêbado por aí → possibilidade epistêmica

a. Ele **não** deve estar bêbado.

= É possível que ele não esteja bêbado

b. * Ele deve **não** estar bêbado.

(181) Não encontrei nenhum morador que soubesse dizer de quem se tratava. "Deve ser algum desses politiqueiros homenageados, no seu tempo, com a bajulação dos eleitores", foi o que me disseram. (ta-lo)

= É possível que seja algum desses politiqueiros homenageados → possibilidade epistêmica.

a. **Não** deve ser algum desses politiqueiros homenageados

= É possível que ele não seja um desses politiqueiros homenageados

b. * Deve **não** ser algum desses politiqueiros homenageados

Estudando o espanhol, Silva-Corvalán (1995:90) aponta que o uso de *tener que* (ter de/que) em contextos de possibilidade deve ter tido um desenvolvimento recente. Isso é explicado (i) pelo fato de que nem *temer que* nem o verbo principal infinitivo podem ser negados; (ii) pela infrequente ocorrência de *temer que* em contextos de possibilidade.

Como no espanhol, em português parece difícil a ocorrência dessa expressão modal em contextos de possibilidade. Entretanto, quando há ocorrências

com esse tipo de uso, parece que a incidência da negação sobre ter de/que apresenta as mesmas restrições vistas no espanhol, ou seja, a negação não afeta o auxiliar nem o verbo principal, como em:

(182) Malu: Nós deixamos a nossa terra quando já tinha secado tudo quanto era cacimba e a gente vivia mastigando raiz de umbuzeiro pra matar a sede. Mas nem assim o pai queria arredar pé dali. Sem água, sem comida, e ele queria ficar. Ficar pra morrer. É como vocês. Lutam pra ficar, quando deviam lutar pra sair daqui.

Lula: Sair ... pra onde?

Malu: Sei lá. Mas o mundo é grande. Tem que haver, em alguma parte, um lugar pra gente. (in-Id)

- a. * **Não** tem que haver, em alguma parte, um lugar pra gente.
- b. * Tem que **não** haver, em alguma parte, um lugar pra gente.

Como já foi visto em 6.2., as noções de possibilidade e de necessidade são interdefiníveis em termos de negação. Essas relações estão refletidas, em certo grau, na língua. Percebe-se, no português, o uso da equivalência lógica na expressão das seguintes noções:

- a) possível não = não necessário, ou seja, “possibilidade de não...” é equivalente em termos de lógica a “não necessidade de”.

(183) A parte final da história pode **não** ter sido exatamente assim (cre-1r)

- É possível que a parte final da história não tenha sido exatamente assim

equivale a

Não é necessário que a parte final da história tenha sido exatamente assim

b) não possível $\equiv$ necessário não, isto é, “negação de possibilidade” é equivalente em termos lógicos a “necessidade de não”:

(184) Até agora, falamos das publicações femininas mais gerais que, embora defendessem alguns direitos para as mulheres, **não podem** ser caracterizadas como feministas, seus objetivos principais não eram políticos. (ife-It)

= Não é possível caracterizar essas publicações como feministas

equivale a

= É necessário não caracterizar essas publicações como feministas

Foi objetivo desse capítulo apresentar uma descrição do comportamento da negação em frases sintaticamente negativas que comportam expressões modais. O próximo capítulo pretende complementar essa investigação, examinando uma interação entre o escopo da negação e expressões de modalidade epistêmica e deontica. Essa interação pode ser detectada a partir do exame da manifestação da negação nas estruturas de complementação, em termos do conhecido fenômeno de alçamento da negação.

CAPÍTULO VII

ESCOPO DA NEGAÇÃO NAS ESTRUTURAS DE COMPLEMENTAÇÃO: O PROCESSO DE ALÇAMENTO DA NEGAÇÃO²⁷

Nas frases complexas com completiva oracional, a negação pode apresentar peculiaridades de uso.

A análise da manifestação da negação nas frases complexas com completiva oracional permite a identificação de uma interação entre o escopo da negação e expressões de modalidade epistêmica e de modalidade deontica em termos do conhecido fenômeno de alçamento da negação.

Entende-se o processo de alçamento da negação (ou de transferência da negação), como o fenômeno da ordem de palavras em que, sob certas condições, o operador de negação não é transferido, ou, "alçado" do predicado da cláusula encaixada, à qual semanticamente ele pertence, para o predicado da cláusula principal, deslocando-se, dessa forma, o escopo da negação.

A observação básica da concepção tradicional sobre as construções em que ocorre o alçamento da negação envolve as relações entre declarações como (185a) e (185b):

²⁷ Este capítulo recebeu subsídios do trabalho de NEVES, M. H. M., LIBERATTI, E. M. S., DOMINGOS, E. C. O uso das construções de negação transferida em português. *Estudos Linguísticos XXI* - Anais de Seminário do Gel. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 667-673.

(185) a. Eu acho que **não** fazia parte das intenções de Carlos aludir à conversa com papai. (a-lr)

b. Eu **não** acho que fazia parte das intenções de Carlos aludir à conversa com papai.

Em (185a), o operador de negação afeta apenas a oração subordinada, enquanto em (185b), afeta a proposição como um todo.

Em relação ao nível semântico, tem sido observado que as construções do tipo de (185a) e (185b), embora aparentemente possam ser consideradas semelhantes, não são completamente equivalentes: a construção (185b) é mais fraca que (185a) no que diz respeito à expressão da negatividade do enunciado encaixado.

7.1. Estudo do escopo da negação nas estruturas de complementação: o processo de alçamento da negação na literatura lingüística.

Muitos estudiosos analisaram o comportamento da negação nas estruturas de complementação e sua relação com o processo de transferência da negação.

Fatores de natureza pragmática e de natureza sintática ligados ao alçamento da negação foram estudados por Sheintuch & Wise (1976:548). Segundo elas, esse processo está regularmente relacionado a:

- (i) incerteza por parte do falante sobre a ocorrência do estado de coisas expresso na cláusula encaixada;

- (ii) ausência de controle por parte do sujeito da cláusula matriz sobre o estado de coisas expresso na cláusula complemento;
- (iii) percepção direta do falante do estado de coisas expresso no complemento.

Cada um desses fatores pragmáticos, segundo elas, correlaciona-se a uma das três classes semânticas que motivam o alçamento da negação. Assim: o primeiro fator (incerteza) é relevante à classe semântica dos verbos de opinião, como acreditar, achar, imaginar; a ausência de controle correlaciona-se com os verbos da classe de intenção como pretender; a percepção direta está associada a verbos de percepção como parecer.

Considere-se o par de sentenças abaixo:

(186) a. **Não** acho que Letícia esteja muito animada com a mudança (cp-lr)

b. Acho que Letícia **não** está muito animada com a mudança.

A frase com alçamento da negação (186a) transmite um grau maior de incerteza por parte do falante sobre a ocorrência do estado de coisas expresso na cláusula encaixada do que a sentença (186b). Esse grau de incerteza correlaciona-se com a distância do operador de negação em relação ao estado de coisas descrito na cláusula encaixada.

O segundo fator favorecedor do alçamento da negação apontado por Sheintuch & Wise (1976) diz respeito à ausência de controle do falante sobre o estado de coisas expresso na cláusula complemento:

(187) a. **não desejo** que os antagonistas sofram o que eles próprios me procuraram infligir. (jk-lo)

b. **desejo** que os antagonistas **não** sofram o que eles próprios me procuraram infligir.

As frases com negação transferida são apropriadas em situações em que o falante está diretamente envolvido na percepção do estado de coisas, como em:

(188) Apertou os lábios e balançou a cabeça negativamente. **Não acredito** que esteja muito bem. Mas logo saberemos. (boi-lr)

Em situações reais de discurso, segundo Sheintuch & Wise (1976:550), os vários fatores pragmáticos podem interagir, de modo que é freqüentemente difícil isolar os três fatores pragmáticos uns dos outros. Elas concluem que o alçamento da negação é utilizado para enfraquecer a força da negação em contextos que envolvem opinião, intenção ou observação (percepção direta) por parte do falante, ou seja, um recurso de atenuação e não comprometimento do falante.

O alçamento da negação é considerado por Nuyts (1990) um processo restrito a um tipo de construção tradicionalmente chamada de construção de atitude proposicional em que se expressa a opinião do falante a respeito de um estado de coisas particular expresso na oração encaixada. Nesse tipo de construção há a combinação de dois aspectos: polaridade e modalidade.

Nuyts (1990: 570) afirma que há uma correlação direta entre o grau de explicitação de um elemento negativo na oração principal e o grau de incerteza

expresso pelo enunciado: quanto mais explícito o marcador negativo maior o grau de incerteza envolvido na qualificação do estado de coisas. A negativa na oração principal não apenas influencia o componente polaridade como também o componente modalidade da construção de atitude proposicional.

O comportamento de construções em que é possível ocorrer o alçamento da negação também é investigado por Bublitz (1992), que da mesma forma que Sheintuch & Wise (1976) e Nuyts (1990), relaciona e aponta fatores de natureza pragmática e sintática como favorecedores do emprego do alçamento da negação.

Bublitz (1992: 559) descreve a transferência do operador de negação como um expediente de modalidade epistêmica. Ele afirma que o alçamento da negação com verbos epistêmicos e não-factivos do tipo de achar tem uma função marcadamente interpessoal, servindo para qualificar a atitude do falante em relação às suas proposições e aos seus interlocutores. Segundo ele, o efeito criado pela modalização de uma construção que contém eu acho pode ser reforçado pela transferência da negação, que atuaria como uma estratégia para expressar, numa interação verbal, polidez e não-envolvimento do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado. O alçamento da negação revela-se, assim, um recurso linguístico utilizado pelos falantes para não só direcionar a interpretação do destinatário, mas também atenuar o conteúdo de suas declarações. Ele afirma que a função essencialmente interativa da negação transferida é devida a três fatores:

- (i) a variabilidade da distância entre o item negativo e seu escopo;
- (ii) o tipo de predicado envolvido;
- (iii) a posição inicial ou posição de tópico da sentença do item negativo.

A variabilidade da distância entre o item negativo e seu escopo é explicada por um princípio percebido por Horn (1978), segundo o qual "a força negativa flexiona-se com a distância do elemento negativo do constituinte com o qual ele está logicamente [ou "semanticamente", Quirk *et al.*, 1985)] associado".

Considerem-se as seguintes ocorrências e seus pares com negação transferida:

(189) a. Acho que **não** faz sentido eu viajar com o balé. (bb-lr)

b. **Não** acho que faz sentido eu viajar com o balé.

(190) a. Julgo que **não** sou capaz de repetir, palavra por palavra, o diálogo que mantivemos. (a-lr)

b. **Não** julgo que sou capaz de repetir, palavra por palavra, o diálogo que mantivemos.

O operador de negação, como se pode comprovar nas ocorrências acima, é sempre colocado na proximidade imediata do verbo, na cláusula portuguesa. Uma vez que, por razões sintáticas, não é possível movimentar os itens negativos em (189a) e (190a) mais para a direita, deslocá-los para a esquerda é a única opção aberta para o falante que queira aumentar a distância entre o item negativo e o verbo de seu escopo.

Bublitz (1992) afirma que, em geral, a escolha entre as duas variantes posicionais (de negação transferida e negação não-transferida) corresponde a uma escolha entre duas posições na escala de certeza, ou seja, entre um grau mais alto -

no caso de negação da cláusula subordinada - e um grau mais baixo - no caso de negação da cláusula principal. Como suporte teórico para o seu argumento, Bublitz postula que *think* (achar), *suppose* (supor), *believe* (acreditar), etc. ocupam uma posição medial entre os dois pólos do modelo escalar proposto por Horn (1978:187).

Todavia, esse argumento não é suficiente para explicar a distribuição de predicados na escala de certeza, e, assim, seu poder para permitir ou não permitir o alçamento do operador de negação. Num primeiro passo, a fim de tornar mais claro esse fenômeno lingüístico, Bublitz (1992) menciona a elaboração de Lakoff (1970) a respeito do Princípio de Incerteza, originariamente proposto por Poustma e Bolinger (*apud* Horn 1978), que faz referência à inter-relação entre factividade e pressuposição: "Uma vez que é pressuposto que o produtor de uma sentença que contém um verbo factivo compreende que o complemento de um verbo é verdadeiro, ele não pode estar incerto sobre isso" (Lakoff 1970). Esse princípio, que cuida apenas de predicados factivos, tem sido estendido também aos implicativos (*e.g.* conseguir), que requerem a verdade de seus complementos, quando afirmados, e sua negação, quando negados; como Horn (1978) observou: "os fatos são certamente tão claros para o falante sob a implicação como sob a pressuposição."

O terceiro dos fatores propostos por Bublitz que pode auxiliar na consideração da negação transferida está relacionado com a ordem e o processamento de informação, *i.e.* a distribuição de tema e rema nos enunciados. Sabe-se que os falantes tendem a movimentar aquelas unidades lingüísticas que

carregam informação remática, comentário, e informação nova para a direita de seus enunciados, onde estas unidades seguem aquelas partes que carregam informação temática, velha, dada ou conhecida (Prince 1981). Isso é válido não só para os enunciados simples, como também para os enunciados complexos.

A negação como parte da estrutura remática é colocada à direita do enunciado, *i.e.* em posição final no enunciado (ou próxima à final). Entretanto, isso não acontece nos enunciados em que ocorre a transferência do operador de negação da cláusula encaixada para a principal, onde, pelo contrário, os itens negativos foram deslocados para a esquerda e situados no início do enunciado. Esse deslocamento do operador de negação da cláusula subordinada para a cláusula principal pode ser elucidado considerando-se os fatores pragmáticos de não-envolvimento e polidez utilizados pelo falante numa interação verbal. Dessa forma, segundo Bublitz (1992), os falantes são habilitados a atenuar e a diminuir a novidade e a imprevisão que são duas noções escalares e graduáveis ligadas ao rema.

Outro fator favorecedor da manifestação do alçamento da negação, apontado por Bublitz (1992: 573), é a escolha do complementizador que introduz a cláusula subordinada.

Pode-se verificar no português que o tipo de complementizador que introduz uma oração substantiva apresenta particularidades de uso. Almeida (1966:33) nota que a oração substantiva desenvolvida pode ser introduzida pelas conjunções integrantes que e se. Segundo ele, quando se utiliza a conjunção integrante se, a oração principal tem, geralmente, sentido negativo, dubitativo ou

interrogativo. A conjunção que é utilizada nos casos em que a oração principal encerra uma declaração certa, positiva.

Essas observações de Almeida explicitam que a escolha do complementizador está correlacionada ao grau de convicção do falante acerca da verdade da proposição e podem ser correlacionadas à observação de Bublitz de que o alçamento da negação é sensível ao tipo de complementizador.

7.2. Comportamento e escopo da negação em estruturas de complementação: classes de predicados motivadores e não-motivadores do alçamento da negação.

Para a análise do comportamento da negação nas estruturas de complementação do português serão consideradas, inicialmente, as diversas classes de verbos que implicam a verdade ou falsidade da subordinada (p é a frase complexa, constituída de uma frase que contém o verbo em questão e de q , a completiva).

As diferentes classes de verbos ou sintagmas verbais que apresentam relação de pressuposição ou de implicação e seu comportamento quando ocorre negação no complexo formado por oração principal e oração completiva estão esquematizados no quadro abaixo:

Tipo de predicado	Comportamento sob a negação
Factivos	p pressupõe q : $p \rightarrow q$, $\sim p \rightarrow q$
Contrafactivos	p pressupõe $\sim q$: $p \rightarrow \sim q$, $\sim p \rightarrow \sim q$
Implicativos duplos	$p \rightarrow q$, $\sim p \rightarrow \sim q$
Implicativos duplos negativos	$p \rightarrow \sim q$, $\sim p \rightarrow q$
Verbos - se	$p \rightarrow q$ (não existe nenhuma ligação de implicação se p é negado)
Verbos - se negativos	$p \rightarrow \sim q$ (não existe nenhuma ligação de implicação se p é negado)
Verbos somente - se	$\sim p \rightarrow \sim q$ (não existe nenhuma ligação de implicação se p não é negado)
Verbos somente - se negativos	$\sim p \rightarrow q$ (não existe nenhuma ligação de implicação se p não é negado)

A negação de predicados factivos situados na oração principal não se estende ao conteúdo da oração encaixada, porque o complemento de um verbo factivo permanece afirmado (permanece um “fato”) quer seja o verbo da oração principal afirmado quer seja negado. Assim, o uso de um predicado factivo implica um comprometimento do falante/escritor com a verdade da proposição encaixada:

(191) O grupo **lamentou** que Rabin **não tenha sido assassinado por mãos palestinas** (fsp 6.11.95-lj)

↓
afirmativa

↓
fato afirmado

(192) **não lamento** nada **morrer quase todos os dias** (cre-lr)

↓
negativa

↓
fato afirmado

O uso de um predicado contrafactivo assinala que o falante acredita que a proposição encaixada é falsa:

(193) Ela fingiu **não** perceber o segundo sentido da frase (acm-lr)

↓

afirmativa



false

Além dos verbos factivos, que pressupõem a verdade de suas orações completivas, e dos verbos contrafactivos, que pressupõem a falsidade de suas orações completivas, outras classes de verbos assumem complementos oracionais. Os verbos implicativos também envolvem pressuposições, embora de uma maneira diferente. Examinando-se apenas as asserções afirmativas, os verbos implicativos são muito parecidos com os factivos, pois expressam a crença do falante na verdade da frase complemento:

(194) Conseguí que terminassem os exercícios de letra gótica (asa-lr)

afirmativa

fato afirmado

Entretanto, a negação de uma oração principal com verbo factivo não afeta a pressuposição expressa no complemento, o que não ocorre quando na oração principal há um verbo implicativo, ou seja, a negação de uma oração com um predicado implicativo implica a negação de seu complemento:

(195) O primeiro, assustado, **não conseguia** fixar os olhos na imagem que o grande mágico lhe oferecia para examinar (fot-lt)

↓

negativa

↓

fato negado

Uma oração afirmativa com um verbo implicativo negativo como verbo principal implica a negação do complemento, ou seja, o complemento é entendido como falso, porque eles representam uma condição necessária e suficiente para que não se entenda o complemento como ocorrente:

(196) Dona Almerinda Chaves (esposa do político Elói Chaves) viajou para a fazenda, **esqueceu de deixar a costura para ela** (ana-lr)

↓
afirmativa

↓
falso

Numa oração negativa com um desses verbos como verbo principal, o complemento é verdadeiro:

(109) No pós-68, quando colegas de Florestan jogaram uma parte da juventude da USP na aventura do terrorismo, o velho professor **não deixou de criticar a luta armada**. (fsp-lj)

↓
verdadeiro

↓
negativa

Os verbos que fornecem uma implicação tanto para as asserções afirmativas quanto para as negativas e que apresentam uma condição necessária e suficiente para a verdade do complemento foram chamados por Karttunen de implicativos duplos. Os verbos que apresentam a propriedade de manifestar a implicação somente nas frases afirmativas ou apenas nas frases negativas, isto é, ou só apresentam uma condição suficiente ou só uma condição necessária para a verdade

(199) Chagas **hesitou** em abandonar seus correligionários. (vis-lj)

↓
afirmativa

↓
neutro

Numa oração negativa com um desses verbos como verbo principal, não há implicação precisa:

(200) Sérgio **não hesitou** em se mostrar desarvorado com o protesto. (a-lr)

↓
negativa

↓
sem implicação precisa

Os verbos-se indicam condição suficiente, mas não necessária para a verdade do complemento. São divididos em dois grupos:

(i) afirmativos: fazer, causar, forçar, provocar, assegurar, significar e similares;

(ii) negativos: impedir, dissuadir, abster-se de, desencorajar e similares.

Se um verbo-se afirmativo figura como verbo principal numa asserção afirmativa, o complemento é implicado como verdadeiro:

(201) **Significa** que o povo brasileiro está de parabéns, porque economizou botijão de gás (emb-lj)

↓
afirmativa

↓
verdadeiro

Numa oração negativa com um desses verbos como verbo principal, o complemento fica neutro:

(202) A inexistência de confidentes **não significa** que Tancredo não tenha informantes de confiança. (vej-lj)

↓
negativa

↓
neutro

O complemento é implicado como falso numa oração afirmativa que apresenta um verbo-se negativo:

(203) Fui varrido por uma onda que ao mesmo tempo **impediu-me** de ouvir os gritos de Vera implorando socorro (pco-lr)

↓

↓

afirmativa

falso

Quando um desses verbos está presente numa oração principal negativa o complemento fica neutro:

(204) a chuva **não impediu** Maria Irmã de sair (sa-lr)

↓
negativa

↓
neutro

Há ainda as classes de predicados que não apresentam relações de pressuposição ou de implicação em relação aos seus complementos: os não-factivos e os não-implicativos.

Ao utilizar um predicado não-factivo o falante não se compromete com a verdade ou falsidade da proposição encaixada. São representantes dessa classe os verbos ou sintagmas verbais achar, supor, presumir, imaginar, parecer e similares:

(205) **Não** acho que esta vida valha muito a pena. (nof-ld)

(206) Parece que **não** tem mãe para olhar (af-lr)

Os complementos de verbos não-implicativos como concordar, planejar, ter em mente, decidir, prometer não são afetados pela negação quer a oração principal seja afirmativa quer seja negativa, isto é, a negação de um predicado não-implicativo, numa oração principal, não exerce seu efeito sobre a verdade do complemento, pois os predicados não-implicativos não carregam implicação quanto à realização ou não-realização do estado de coisas encaixado:

(207) Os médicos <u>decidiram</u> não retirar a bala (fsp-lj)	
↓	↓
afirmativa	sem implicação precisa
a. Os médicos não <u>decidiram</u> retirar a bala	
↓	↓
negativa	sem implicação precisa

Horn (1978: 187) qualifica as classes de predicados não-factivos e não-implicativos como potenciais motivadoras do alçamento da negação. Segundo ele, o deslocamento da negação da negação da oração completiva para a oração principal pode ocorrer com uma grande variedade de predicados que pertencem a categorias que expressam estados epistêmicos ou deônticos. Isto inclui predicados

de estado mental (*e.g.* achar), predicados de percepção (*e.g.* parecer), predicados de intenção ou volição (*e.g.* pretender), predicados de julgamento (*e.g.* supor) ou de obrigação fraca (*e.g.* é aconselhável) e também adjetivos usados predicativamente expressando graus de probabilidade:

(208) a. É provável que esta cifra **não** se encontre alterada (esp-lj)

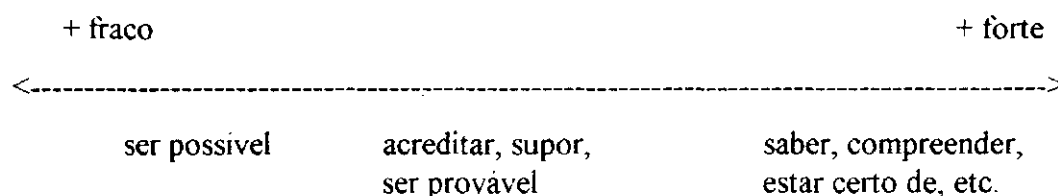
b. **Não** é provável que esta cifra se encontre alterada

O tipo de predicado escolhido pelo falante para integrar a cláusula principal é um fator que restringe ou possibilita o alçamento do operador de negação, uma vez que existem verbos que são considerados, de certa forma, como transportes de negação, ao passo que outros, em virtude de sua natureza semântica, impedem o deslocamento do operador de negação da cláusula subordinada para a cláusula principal.

Um grupo consistente de exceções, apontado por Horn, inclui os predicados epistêmicos factivos (*e.g.* estar certo de, saber (Kiparsky & Kiparsky, 1970)), os predicados contrafactivos (*e.g.* fingir) e os predicados implicativos (*e.g.* conseguir). Isso tem sido relacionado ao princípio de incerteza, proposto por Poustma e Bolinger (*apud* Horn 1978): tais predicados expressam certeza sobre seus complementos e nunca forneceriam uma razão para se “alçar” a negativa.

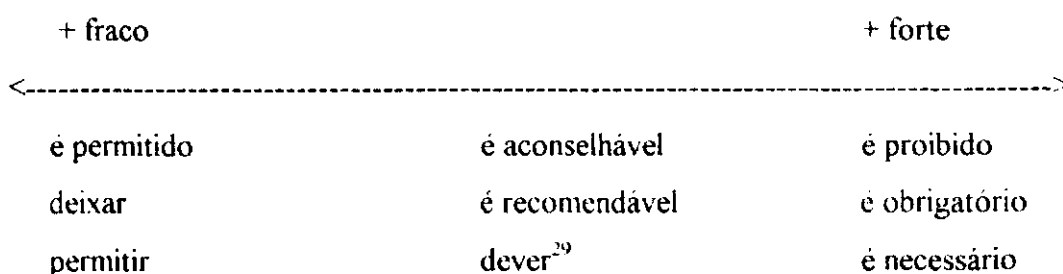
Os predicados factivos e implicativos, por sua natureza semântica, seriam incompatíveis com uma atitude de incerteza, ou seja, com o desejo do falante de restringir a validade da declaração subentendida para a verdade da proposição expressa.

Outra explicação para o comportamento desses predicados é fornecida por Horn (1978: 194) em termos de uma “escala modelo” composta por predicados epistêmicos e deônticos²⁸. Se os predicados epistêmicos são esquematizados numa escala de intensidade como:



parece que apenas a categoria do meio da escala pode motivar leituras de alçamento da negação.

Em contextos de subordinação, os predicados deônticos, quando combinados com a negação, apresentam comportamento similar ao observado para os epistêmicos e se encontram esquematizados na escala de intensidade abaixo (adaptada para o português):



²⁸ Por razões didáticas essa escala modelo foi desmembrada em duas: (i) uma com predicados epistêmicos e (ii) outra com predicados deônticos.

²⁹ Na posição medial da escala, dever expressa conselho ou recomendação e equivale ao inglês *should* ou *ought to*. O dever localizado à direita da escala expressa obrigação forte ou ordem e equivale ao inglês *must*.

poder (indicando permissão)

é preciso

dever/ precisar

ter de/ ter que

Os predicados modais que ocupam os extremos da escala não são considerados predicados potenciais de alçamento da negação, apenas os que ocupam a posição medial da escala, ou seja, com os modais escalares fortes e fracos não é possível alçar a negação em suas leituras deônticas ou epistêmicas, o que não ocorre com os predicados do meio da escala.

O alçamento da negação não é permitido, por exemplo em:

(209) É preciso **não** esquecer que o conhecimento e a ação, longe de se excluírem, se conjugam (ip-lt) → necessidade de não X

a. ***Não** é preciso esquecer que o conhecimento e a ação, longe de se excluírem, se conjugam → negação da necessidade de X

No português somente os modais deônticos que se situam na posição medial da escala motivam o alçamento da negação, como em (210) e (211):

(210) é aconselhável **não** mexermos em casa de marimbondo (gre-lr)

a. **não** é aconselhável mexermos em casa de marimbondo

(211) é recomendável **não** tomar banhos muito quentes ou muito frios após os exercícios

a. **não** é recomendável tomar banhos muito quentes ou muito frios após os exercícios (hh-lt)

Como diagnóstico para a ocorrência de alçamento da negação com um tipo específico de predicado, Horn (1975: 289) observa que absolutamente coocorre apenas com valores negativos e positivos fortes como em (212) e (213):

(212) É necessário que o Governador aplique 10 por cento dos recursos do Profir no Nordeste (jl-lo)

a. É absolutamente necessário que o Governador aplique 10 por cento dos recursos do Profir no Nordeste

(213) é proibido fazer greve ou participar de movimentos reivindicatórios (vej-lj)

a. é absolutamente proibido fazer greve ou participar de movimentos reivindicatórios

A combinação de absolutamente com modais deônticos que se situam na posição medial da escala não é aceitável:

(214) não é aconselhável encomendar livros e revistas, tendo em vista apenas o título (bib-lt)

a. *não é absolutamente aconselhável encomendar livros e revistas, tendo em vista apenas o título

(215) como o azevém tem grande capacidade de semeadura natural, não é recomendável usá-lo na adubação de áreas nas quais se pretenda cultivar trigo (gl-lt)

a. *como o azevém tem grande capacidade de semeadura natural, **não é absolutamente recomendável** usá-lo na adubação de áreas nas quais se pretenda cultivar trigo

Considerando-se que o alçamento da negação é utilizado para enfraquecer a força da negação em contextos que envolvem opinião, intenção ou observação (percepção direta) por parte do falante, ou seja, é um recurso de atenuação e de não comprometimento do falante, como apontaram Sheintuch & Wise (1976), Nuyts (1990) e Bublitz (1992), supõe-se que o processo de alçamento da negação seja mais típico de textos interacionais. Assim, dentre os três tipos de texto que compõem o corpus de análise, os textos dramáticos são o tipo de texto mais propício a apresentar esse tipo de uso do operador de negação, o que seria compatível com a natureza dos enunciados dramáticos, que são de envolvimento pessoal. Por outro lado, os textos técnicos seriam os ambientes menos favorecedores a esse tipo de emprego da negação, pois textos científicos não são utilizados para expressar crenças ou opiniões do falante e são caracterizados por distanciamento entre os participantes. Tais textos apresentam proeminentemente como propósito comunicativo a transmissão de informações, verdades ou recomendações. Além disso, por seu caráter científico, uma das suas características é não apresentar contextos em que se expressa a incerteza por parte do falante sobre a ocorrência do estado de coisas expresso na cláusula encaixada, um dos fatores de natureza pragmática apontado por Sheintuch & Wise (1976) como regularmente relacionado ao processo de alçamento de negação.

Um exame preliminar do corpus de língua escrita utilizado para essa pesquisa revelou a existência de apenas 1 ocorrência em 1.488 (0.06% do total), encontrada na peça *O pagador de promessas*, em que foi utilizado o processo de alçamento da negação, com uso do subjuntivo na cláusula encaixada:

(216) Zé-do-burro: Eu já estava começando a perder a esperança. Nicolau de orelhas murchas, magro de se contar as costelas. Não comia, não bebia, nem mexia mais o rabo pra espantar as moscas. Eu vi que nunca mais ia ouvir os passos dele me seguindo por toda a parte, como um cão. Até me puseram um apelido por causa disso: Zé-do-burro. Eu não me importo. **Não acho** que seja ofensa. (pp-ld)

Supõe-se, assim, que esse processo ocorra muito pouco no português, apresentando baixa produtividade.

O estudo das propriedades semânticas e pragmáticas dos enunciados que envolvem um tipo especial de negação (metalingüística) é efetuado no capítulo VIII.

CAPÍTULO VIII

NEGAÇÃO METALINGÜÍSTICA: PROPRIEDADES E RELAÇÕES DE ESCOPO

A maioria dos estudos sobre negação preocupa-se em estabelecer os tipos de negação necessários para dar conta dos fatos empíricos. Como resultado de diferentes orientações teóricas há muitas classificações da negação.

O exame das diferentes classificações da negação permite identificar, segundo os diferentes níveis de análise, os seguintes tipos de negação:

- (i) nível sintático: negação de frase, negação de constituinte;
- (ii) nível semântico: negação interna, negação externa;
- (iii) nível pragmático: negação proposicional, negação ilocucionária; negação descritiva, negação polêmica, negação metalingüística.

Para a interpretação da negação como de leitura polêmica, descritiva ou metalingüística é necessário identificar o âmbito de incidência da negação, ou seja, o segmento particular da frase sobre o qual a negação exerce seu efeito, considerando-se o contexto como elemento fundamental direcionador da interpretação.

Considerando-se que a negação metalingüística é um recurso que possibilita a rejeição de um enunciado prévio ou a demolição retórica de alguma característica do próprio enunciado, é necessário verificar qual o nível de manifestação e atuação desse tipo de negação nos textos da língua escrita.

O interesse em estudar a negação metalingüística reside sobretudo nos efeitos argumentativos e discursivos muito particulares que ela pode produzir numa situação de comunicação.

8.1. O conceito de negação metalingüística.

O estudo do operador de negação como de leitura metalingüística³⁰ teve origem na discussão do problema da dimensão argumentativa da negação realizada por Ducrot em várias de suas obras. Para Ducrot, a negação é uma das ilustrações privilegiadas do fenómeno da polifonia.

Todo enunciado da forma não p pode ser descrito, segundo (Ducrot *et al.* 1980: 49-50)³¹, como a realização de dois atos ilocucionários: um é a afirmação de p por um enunciador E_1 que se dirige a um destinatário D_1 , o outro é a rejeição dessa afirmação, rejeição atribuída a um enunciador E_2 que se dirige a D_2 .

Essa definição torna possível a distinção de dois tipos de negação. Quando o enunciador E_1 (o autor da asserção p rejeitada) não é identificado nem com o alocutário nem com qualquer outra pessoa, não p é uma **negação descritiva**, utilizada apenas com a intenção de representar um estado de coisas. Quando E_1 é identificado com o alocutário, não p é uma **negação polêmica**, opondo-se seu autor a um discurso adverso mantido ou supostamente sustentado pelo alocutário.

³⁰ O nome negação metalingüística surgiu em Ducrot (1972) que a define como “a rejeição de uma afirmação prévia (*implícita ou explícita*)”.

³¹ Essa definição é adequada com as seguintes condições:

- E_1 e E_2 não podem ser a mesma pessoa.
- E_2 é geralmente identificado com o locutor.
- D_2 é geralmente identificado com o alocutário.
- E_1 pode ser identificado com o alocutário; a negação tem então um carácter claramente refutativo.

A negação polêmica decorre do confronto direto entre os pontos de vista de dois enunciadores antagônicos. São expressos, simultaneamente, no mesmo enunciado os pontos de vista antagônicos de dois enunciadores: o enunciado positivo é imputado a um primeiro enunciador, enquanto o negativo é atribuído a um segundo enunciador, com o qual o locutor se identifica para opor-se ao primeiro. Um terceiro tipo de negação é teoricamente possível: trata-se do caso em que E_1 é identificado com um terceiro ou com uma opinião comum. Trata-se aqui também de uma negação polêmica, mas que não implica obrigatoriamente uma confrontação de julgamentos antagonistas entre os interlocutores.

Em *Le dire et le dit*, Ducrot (1984: 217) distingue três tipos de negação: descritiva, polêmica e metalingüística.

A negação descritiva tem como função principal a representação de um estado de coisas, e é puramente informativa, desprovida de toda dimensão polêmica e argumentativa. Esse tipo de negação está ilustrada abaixo em (217):

(217) N perguntou a Z, que acabou de abrir as janelas, como estava o tempo, e Z respondeu:

- Não há uma nuvem no céu.³²

A negação polêmica tem como função realizar a oposição de um ponto de vista susceptível de ser sustentado por um ser discursivo. Esse emprego, segundo Ducrot, apresenta duas variantes:

³² Exemplo fornecido por Ducrot (1984:217), tradução minha.

(i) **Negação metalingüística** que contradiz os próprios termos de uma fala efetiva à qual se opõe. Essa negação possui a propriedade de poder anular os pressupostos do enunciado positivo correspondente, como no seguinte possível diálogo:

(218) A: - Pedro parou de fumar.

B: - Pedro **não** parou de fumar. Ele nunca fumou em sua vida!

A negação metalingüística também pode ter um efeito valorizante ou de encarecimento, como em (219):

(219) Pedro **não** é inteligente, ele é genial.

Considera-se que o cotexto (= texto imediato) e notadamente o encadeamento discursivo é que impõem a leitura metalingüística.

(ii) **Negação polêmica** propriamente dita. Neste caso, o locutor do enunciado negativo, assumindo o ponto de vista do enunciador E_2 vai se opor não a um locutor, mas a um enunciador E_1 , colocado em cena no discurso. O enunciador E_1 pode ser identificado com o autor de uma fala efetiva, por exemplo, com o alocutário³³. Essa negação mantém os pressupostos, e corresponde, segundo Ducrot, à maioria dos enunciados negativos. Eis aqui um exemplo, em que E_1 é claramente identificado com o alocutário:

(220) A: - Você viu, Pedro parou de fumar.

³³Quando E_1 é identificado com o alocutário, fala-se geralmente de refutação (inglês: *denial*).

B:- Pedro **não** parou de fumar, eu o vi acender um cigarro há cinco minutos.

Horn (1985: 121, 1989: 363) define negação metalingüística como um recurso utilizado pelo falante para opor-se a um enunciado prévio em algum plano, incluindo as implicaturas conversacionais ou convencionais que ele potencialmente induz, sua morfologia, seu estilo ou registro, ou sua realização fonética.

Segundo ele, um falante usa a negação metalingüística não exatamente para negar uma proposição **p**, ou chamar **p** de falso, mas, em linhas gerais, para rejeitar o enunciado que expressa uma dada proposição, ou as implicaturas associadas com aquele enunciado, ou a maneira pela qual ele foi enunciado. A negação metalingüística não é usada para negar a verdade de uma proposição, mas é empregada para opor-se a algum aspecto de um enunciado prévio ou potencial. Não atua sobre a verdade ou falsidade de uma proposição, mas sobre a condição assertiva de um enunciado. É utilizada como comentário de um enunciado, ao invés de operar sobre a forma semântica.

Em síntese, Horn (1985, 1989) reconhece dois tipos de empregos da negação: o de negação descritiva e o de negação metalingüística, que ilustram não somente propriedades lógicas e semânticas, mas ainda propriedades pragmáticas e funcionais diferentes.

Moeschler (1992: 15) compara a distinção entre negação metalingüística e descritiva, no sentido de Horn, à noção de negação polêmica e descritiva na visão de Ducrot.

Segundo Moeschler, à primeira vista, a definição de negação metalingüística que Horn fornece não é diferente da que Ducrot propôs:

◊ Definição de Ducrot (1972: 38): *la négation métalinguistique indique le rejet d'un énoncé préalable* (a negação metalingüística indica a recusa de um enunciado prévio).

◊ Definição de Horn (1985): *l'usage de la négation métalinguistique implique l'annonce par le locuteur de sa répugnance à affirmer quelque chose d'une manière donnée, ou à accepter telle quelle l'affirmation de quelqu'un d'autre*³⁴.

Para Moeschler, a definição de Horn é mais precisa, no sentido de que ela diz respeito mais aos empregos ecoados³⁵ do que àqueles empregos que têm escopo sobre o conteúdo ou sobre a forma. Ele apresenta um conjunto característico de exemplos (tirados principalmente do artigo de Horn) que não podem ser qualificados como metalingüísticos, na acepção de Ducrot:

(221) Alguns homens **não** são chovinistas, todos os homens são chovinistas.

(222) Para um pessimista como ele, o copo **não** está metade cheio, está metade vazio³⁶.

³⁴Horn (1989:363) define negação metalingüística da seguinte forma: “*metalinguistic negation - a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever, including the conventional or conversational implicata it potentially induces, its morphology, its style or register, or its phonetic realization*”.

³⁵ Segundo Sperber e Wilson (1986), Wilson e Sperber (1988, 1992), uma representação é usada ecoadamente quando relata o que alguém disse ou pensou e expressa uma atitude em relação a isso.

³⁶ Exemplos citados por Moeschler (1992:15), tradução minha.

A negação nesses exemplos não é descritiva, segundo Moeschler, pois não há a descrição da não-ocorrência de um estado de coisas. A negação incide sobre um enunciado ou sobre um fragmento de enunciado que o locutor recusa na sua forma ou na sua essência.

Moeschler (1992: 16), analisando as posições de Ducrot e de Horn, conclui que há dois tipos de negação: a negação polêmica (ou negação polifônica) e a negação metalingüística. Sobre esse ponto, as análises de Ducrot e Horn parecem convergir. Contudo, segundo Moeschler, essas duas concepções de negação apresentam divergências:

(i) Internas:

- a. A negação descritiva de Horn é vericondicional; a negação descritiva de Ducrot não é vericondicional, mas polêmica;
- b. A negação metalingüística de Ducrot diz respeito apenas aos casos de recusa de pressupostos e empregos valorizantes; a negação metalingüística de Horn diz respeito aos casos de menção e de negação de implicatura conversacional.

(ii) Externas:

- a. A distinção entre negação descritiva e negação metalingüística para Horn é uma distinção pragmática: a negação metalingüística afeta os aspectos não vericonditionais da frase, a negação descritiva atua apenas sobre seus aspectos vericonditionais;
- b. A distinção entre negação polêmica e negação metalingüística, para Ducrot, é baseada na teoria da enunciação: as duas negações consistem na recusa de um

ponto de vista, mas os responsáveis por esses pontos de vista são diferentes nos dois casos (locutor, para negação metalingüística, enunciador, para negação polêmica).

8.2. Propriedades semânticas e pragmáticas dos enunciados que envolvem negação metalingüística.

Um estudo das propriedades semânticas e pragmáticas dos enunciados que envolvem negação metalingüística foi realizado por Carston (1996: 311-312), que aponta como propriedades típicas da negação metalingüística:

- (A) O uso metalingüístico normalmente envolve um contorno entonacional de “contradição” (uma elevação final dentro da cláusula negativa), seguida por uma cláusula de correção, e acento contrastivo no item “infrator” e na sua substituição.
- (B) O uso metalingüístico da negação normalmente ocorre em réplicas a enunciados afirmativos.
- (C) Os enunciados que envolvem negação metalingüística são enunciados *garden-path*³⁷, que requerem processamento duplo (reanálise pragmática) para serem entendidos corretamente.

³⁷ Um enunciado com *garden-pathing* é um enunciado que é construído de tal forma a iludir o ouvinte levando-o a considerar uma estrutura incorreta durante o processamento e, portanto, a considerar esse enunciado como mal formado quando uma interpretação bem formada está disponível. Um enunciado desse tipo envolve uma ambigüidade local. Os contextos que contêm enunciados *garden-path* costumam ser apontados como típicos de ocorrência da negação metalingüística. Entretanto, no corpus de língua escrita examinado não foram encontradas ocorrências de negação metalingüística nesse tipo de contexto.

(D) Se forem consideradas literalmente (i.e. não metalinguisticamente) as duas cláusulas em cada exemplo constituem uma contradição lógica.

(E) O material que está no escopo do operador de negação é mencionado (citado, ecoado) ao invés de usado.

O texto de um cartão de aniversário, no qual a primeira linha está na parte da frente do cartão e as duas outras linhas são do texto da parte de dentro do cartão, ilustra a propriedade (C):

(223) Este cartão de aniversário **não** é de um de seus admiradores.

 É de dois de seus admiradores.
 Feliz aniversário de ambos³⁸.

É fácil identificar a intenção deliberada de iludir o destinatário, que primeiro lê a frente do cartão, e somente depois tem acesso à mensagem de dentro, que possibilita uma interpretação metalingüística da negação. O padrão de acento supostamente típico não está em evidência. Como Chapman (1993) aponta, essa pista para a interpretação metalingüística é deliberadamente retida a fim de assegurar a reanálise e o *garden-pathing*.

Horn (1985, 1989) considera o *garden-pathing* e a reanálise como propriedades típicas dos enunciados que contêm negação metalingüística. Entretanto, Carston (1996: 313) apresenta casos de enunciados em que o fenômeno do *garden-pathing* não ocorre, mas que possibilitam a interpretação metalingüística da negação, como em:

³⁸ Exemplo fornecido por Horn (1992), tradução minha.

(224)a. Eu te poupei da minha palestra, **não** te privei dela.

b. “Devemos comer para viver e **não** viver para comer” (Molière: 1622-1673 - dramaturgo francês. Revista Super Interessante - 12/1998:14).

Nesses exemplos, há uma inversão da ordem da cláusula negativa e da chamada cláusula de correção, nos quais o que é acessado e processado em primeiro lugar mudou. Logo, não há processamento duplo do enunciado negativo nem um estágio preliminar de suposição de um uso descritivo.

O segundo tipo de caso em que a interpretação metalingüística da negação é reconhecida já numa primeira etapa é quando algo é explicitamente marcado como citado por meio do uso de aspas, como em (225):

(225) Dona Leonor retomou a palavra: - Escute bem. O que eu quero, **não** é “censurá-la”, é adverti-la. O caminho que você está seguindo, em relação a Mário, está errado. (a-lr)

Burton-Roberts (1989a,b) afirma que a única propriedade unificadora de todos os casos de negação metalingüística é a que envolve contraditoriedade. Essa propriedade fornece a razão para a reanálise metalingüística a que esses casos são, segundo ele, inevitavelmente submetidos. Tradicionalmente, esses casos envolvem enriquecimento pragmático no nível da proposição expressa pelo enunciado (seu conteúdo de verdade). Considerem-se as seguintes ocorrências:

(226) **Não** é a consciência dos homens que determina seu ser; é inversamente, seu ser social que determina sua consciência (fs-lt)

$$\Rightarrow \quad \text{não} \quad (p \rightarrow q); \quad q \rightarrow p$$

(227) Então, passa-se da pesquisa à produção, e **não** da produção à pesquisa

$$(pt-lt) \quad \Rightarrow \quad p \rightarrow q; \quad \text{não} (q \rightarrow p)$$

Consideradas as quatro primeiras propriedades, não é possível fazer generalizações expressivas acerca dos casos de negação metalingüística: alguns casos são de réplicas a enunciados prévios, alguns casos são de contradições semânticas, outros são casos que envolvem enunciados *garden-path* e outros ainda envolvem uma cláusula de correção que pode preceder ou seguir a cláusula negativa.

Segundo Carston (1996: 320), a generalização correta sobre os casos metalingüísticos é que o material no escopo do operador de negação, ou pelo menos parte dele, é ecoadamente usado, no sentido de Sperber e Wilson (1986), Wilson e Sperber (1988, 1992). Assim, a última propriedade é, na visão de Carston, a única propriedade essencial ao uso metalingüístico da negação. Nenhuma das outras propriedades tradicionalmente atribuídas ao uso da negação metalingüística é essencial.

8.3. Diagnósticos formais que detectam o uso metalingüístico da negação.

Três fenômenos foram considerados por Horn (1989:392) como diagnósticos de negação metalingüística:

- (i) incapacidade de a negação metalingüística incorporar-se prefixalmente, ou seja, a negação metalingüística não é lexicalmente incorporada;
- (ii) incompatibilidade e impossibilidade de motivar itens de polaridade negativa;
- (iii) impossibilidade de coocorrer com uma variedade particular de cláusula com mas.

A incorporação lexical da negação é incompatível com a leitura metalingüística. Horn (1989:392) ilustra isso com o seguinte exemplo:

(228) a. A rainha da Inglaterra **não** está feliz, está radiante.

b. *A rainha da Inglaterra está **infeliz**, está radiante.

Horn (1985) e Burton-Roberts (1989a) explicam a incapacidade de a negação metalingüística incorporar-se morfologicamente, assim como sua aparente incompatibilidade com itens de polaridade negativa, pelo fato de que ela opera num nível diferente da citação do enunciado prévio. A incorporação da negação como um prefixo motiva a confusão do nível do operador metalingüístico com a forma na qual ele está operando.

A verificação da presença de itens de polaridade negativa numa frase sintaticamente negativa é, segundo Horn, uma outra forma de investigar se o operador de negação apresenta leitura metalingüística. Ele observa que, embora os itens de polaridade negativa possam ser licenciados pela negação descritiva, eles não o podem ser pela negação metalingüística.

A negação metalingüística não motiva a presença de itens de polaridade negativa. Entretanto, itens de polaridade afirmativa ou positiva³⁹ podem ocorrer num enunciado com negação metalingüística.

Horn (1989: 406) afirma que a negação possui duas funções distintas nas línguas naturais. Ele também nota que há duas funções distintas para o *but* (mas) do inglês e de outras línguas. Há uma interação entre esses dois tipos de *but* (mas) e os usos descritivo e metalingüístico da negação⁴⁰. Segundo ele, o uso metalingüístico da negação tende a ocorrer em ambientes contrastivos, por meio da contribuição de falantes num dado contexto discursivo ou dentro de uma contribuição de um único falante. A representação por excelência do contraste é feita por cláusulas concessivas e contrastivas introduzidas por mas.

A estrutura arquetípica para a negação metalingüística é, segundo Horn, a construção not X but Y (não X mas Y). Essa construção fornece uma maneira direta de rejeitar X (em qualquer plano) e de oferecer Y como sua retificação apropriada. Como com outras formas de negação metalingüística, é irrelevante se o enunciado rejeitado expressa ou não uma proposição verdadeira.

Horn também aponta uma correlação entre a sintaxe das construções clivadas e a negação metalingüística. Para ele, as clivagens forçam a leitura contrastiva da negação. Logo, o uso de formas clivadas é outro recurso que favorece a leitura metalingüística da negação.

³⁹ Itens de polaridade positiva são aqueles itens lexicais que normalmente não ocorrem no escopo da negação.

⁴⁰ Segundo Anscombre e Ducrot (1977), a negação que figura em construções concessivas do tipo PA (*pero/aber*) é necessariamente descritiva, enquanto que a negação exigida por ambientes SN (*sino/sondern*) é tipicamente entendida como metalingüística. Assim o contraste entre esses dois tipos de construções constitui outro diagnóstico para os usos de negação descritiva e de negação metalingüística.

Horn (1985) afirma que o acento de foco sobre o item rejeitado, e sobre a retificação fornecida, é outro diagnóstico que caracteriza a negação metalingüística.

Chapman (1996:396) discorda dessa posição, observando que o modelo de acentuação notado por muitos autores não é necessário, e pode até mesmo não ser comum com negação metalingüística. Esse modelo tem sido associado com negação metalingüística porque é o modelo que torna a natureza da negação clara, mas pode ser evitado precisamente por essa razão. Chapman afirma que o falante de um enunciado que envolve negação metalingüística pode colocar o acento onde lhe agrada, na parte citada do enunciado anterior a que ele está se opondo ou em outro lugar, dependendo do efeito que ele quer criar. Na verdade, um falante pode deliberadamente escolher evitar esse modelo para não tornar óbvia a maneira na qual ele está usando a negação. Chapman sugere que um falante que escolheu negação metalingüística, por exemplo, para criar um efeito estilístico de piada que o processamento duplo desse tipo de negação permite, pode escolher intensificar esse efeito não marcando deliberadamente o uso da negação como metalingüístico.

Chapman também questiona os outros testes propostos por Horn, apontando que tais diagnósticos são baseados numa consideração insuficiente dos possíveis contextos dos enunciados para os exemplos discutidos. Segundo Chapman, as generalizações feitas sobre esses diagnósticos precisam ser modificadas e uma distinção cuidadosa precisa ser traçada entre a parte do enunciado prévio que está sendo rejeitada, e o meio pelo qual o falante transmite sua objeção.

Chapman (1996: 392) afirma que não há razão para que itens de polaridade negativa não possam aparecer no nível no qual a negação metalingüística opera. Cita Seuren (1990: 451), que utiliza a ocorrência de itens de polaridade negativa como um recurso para argumentar contra a homogeneidade da negação metalingüística. Segundo Seuren, um item de polaridade negativa pode ocorrer normalmente num exemplo como (229):

(229) Aquele carro **não é de modo algum** velho, é antigo⁴¹.

Segundo Chapman, a negação metalingüística opera não sobre um enunciado, como Horn originariamente a caracteriza, mas sobre alguma parte citada daquele enunciado.

Foi objetivo deste capítulo realizar a sistematização das propriedades semânticas e pragmáticas dos enunciados que envolvem negação metalingüística.

O próximo capítulo investiga a atuação da negação sobre o valor argumentativo dos enunciados, contribuindo, assim, para o exame das funções lingüístico-textuais que a negação pode desempenhar num texto.

⁴¹ Exemplo fornecido por Seuren (1990:451), tradução minha.

CAPÍTULO IX

FUNÇÕES LINGÜÍSTICO-TEXTUAIS DA NEGAÇÃO

Encontram-se na literatura lingüística alguns estudos que procuram descrever as funções que a negação pode desempenhar nos textos escritos.

Segundo Leinfellner (1994: 77), a negação pode exercer funções textuais importantes que atuam para lá do âmbito da sintaxe e da sentença. Dois aspectos podem ser relacionados à negação: figura (*foregrounding*) e coesão semântica⁴². Para analisar e dar conta do funcionamento da negação nos textos, como já foi visto, Leinfellner propõe 15 regras de escopo da negação. Ela discute ainda a afirmação de que num texto a negação bloqueia o fluxo da informação. Considera essa afirmação errônea, pois a negação atua como um fator de progressão, no sentido de possibilitar o avanço do fluxo da informação, canalizando a informação numa direção diferente, embora não seja necessariamente uma direção totalmente inesperada.

A lista de funções que podem ser atribuídas à negação não é exaustiva. Além disso, as funções não se excluem, isto é, pode ocorrer **sobreposição** de funções da negação.

Nos textos escritos, a negação pode atuar sobre o valor argumentativo dos enunciados, como é o caso dos enunciados em que foi utilizado o processo de alçamento da negação, nos quais a negação pode ser utilizada como uma estratégia

⁴² Leinfellner utiliza o termo figura como ênfase retórica não como figura narrativa. A coesão semântica é discutida em conexão com o estudo do escopo semântico do operador de negação.

para evitar o comprometimento do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado ou para obter um efeito de polidez, como em:

(230) Eu **não** acho que elas tenham bons argumentos. (foc-lj)

(231) Acho que elas **não** têm bons argumentos.

Em (231), o falante emite uma opinião afirmativa, que consiste numa proposição negativa. Ao contrário, em (230), o falante limita-se a comunicar que não tem uma opinião determinada. A informação contida em (230) é menos específica que a informação expressa em (231). Dessa forma, as frases do tipo de (230) prestam-se perfeitamente a mitigar a força de uma asserção. O efeito atenuador é obtido a partir do transporte da negação da oração encaixada para a oração principal, uma estratégia que separa espacialmente a negação da proposição a que ela modifica. A distância maior entre a opinião do falante e o estado de coisas descrito na proposição encaixada, evitaria assim, um possível confronto entre falante e seu interlocutor.

Um estudo da função da negação na argumentação é realizado por Apothéloz, Brandt e Quiroz nos artigos “*De la logique à la contre-argumentation*” e “*The function of negation in argumentation*”. Nesses artigos eles procuram descrever como a negação opera no nível da argumentação⁴³, e sugerem que ela inverte, particularmente, a orientação argumentativa do discurso.

⁴³ Apothéloz *et al.* (1993) advertem que a negação com uma função argumentativa não é necessariamente caracterizada pela ocorrência de uma negação no nível morfossintático. Observam ainda que, nem todo morfema de negação apresenta uma função argumentativa.

São conceitos fundamentais relacionados a esse estudo as noções de argumentação negativa, negação argumentativa e contra-argumentação.

A argumentação é definida por Apothéloz *et al.* (1993:27) como um tipo particular de discurso que procura obter concordância por meio de argumentos. É considerada um modo particular de interação discursiva, caracterizada tanto pela natureza dos objetivos buscados (uma alteração de opiniões, de atitudes, ou de comportamento da audiência), quanto pela natureza dos meios colocados em uso.

Um argumento é definido como uma sequência discursiva constituída de uma conclusão e de uma ou várias razões apresentadas em favor dessa conclusão. Ao utilizar um argumento, o falante atribui uma certa orientação argumentativa à(s) sua(s) razão(ões), direcionada(s) à conclusão.

Segundo Apothéloz *et al.* (1993:26), o conceito de argumento pode ser considerado a partir de dois pontos de vista diferentes: como resultado ou produto de atividade discursiva ou como um tipo particular de operação.

Como produto, um argumento pode ser submetido a vários procedimentos de avaliação, de validação ou de objeção. Como operação, um argumento aparece como um ato de fornecimento de uma razão, em outras palavras como um ato de justificação.

Quando dois fragmentos discursivos focalizam o mesmo objeto e são argumentativos em natureza, é possível determinar se há concordância (co-orientação argumentativa de dois fragmentos) ou se ocorre discordância (anti-orientação). Dessa forma, se todo ato argumentativo pode ser descrito como a produção de razões a favor ou contra uma conclusão (tese), distinguem-se:

- (i) argumentação positiva, que objetiva a aceitação de uma conclusão;
- (ii) argumentação negativa, que visa à rejeição da conclusão, isto é, tenta impedir o encerramento do debate.

A argumentação negativa, é assim, um discurso que se opõe a um discurso prévio (e ao ponto de vista defendido) pela produção de argumentos. Enquanto a argumentação positiva tende a fechar o debate, a argumentação negativa reanima e estimula a abertura do debate.

Considere-se um argumento dado em favor da conclusão principal da argumentação positiva. Esse argumento envolve uma ou mais razões cuja função é apoiar essa conclusão. Uma argumentação negativa pode refutar esse argumento, isto é, atacar as razões apresentadas nesse argumento. O ato de refutação é constituído de uma operação chamada de negação argumentativa, que opera sobre a orientação argumentativa do discurso a fim de invertê-la. A refutação corresponde ao caso particular em que essa operação é aplicada a um argumento. O resultado dessa refutação é a construção de um argumento novo, orientado a favor da negação da conclusão do argumento discutido, ou a favor de uma modalidade negativa dessa conclusão. O argumento novo obtido dessa maneira é chamado de contra-argumento, visto que é construído a partir de um argumento. Conseqüentemente, o termo contra-argumentação⁴⁴ designa, segundo Apothéloz *et al.*, toda argumentação que faz uso de contra-argumentos.

⁴⁴ Como um modo de argumentação negativa, a contra-argumentação é um tipo particular de expressão discursiva de uma discordância entre dois falantes.

Duas categorias amplas de argumentação negativa são distinguidas por Apothéloz *et al.* (1993): as que atacam as razões que podem ser ou foram formuladas em favor da tese (contra-argumentação) e as que se referem a parâmetros mais gerais do discurso, por meio (i) de apresentação de objeção ao objeto de discurso; ou (ii) de descrédito do falante.

A contra-argumentação é estudada do ponto de vista de seus efeitos sobre a conclusão. A partir de um estudo de procedimentos contra-argumentativos em diálogos polêmicos, Brandt (1989) e Apothéloz *et al.* (1989) verificaram que a negação que opera no nível da argumentação atua sobre a verossimilhança, a pertinência, a completude, ou a orientação argumentativa. Assim, uma contra-argumentação pode

- (i) colocar em questão a pertinência que há em invocar uma razão para uma conclusão, ou seja, questionar a plausibilidade de uma razão;
- (ii) mostrar que uma conclusão é menos necessária porque uma de suas razões é refutável, ou seja, discutir a relevância da razão em relação à conclusão;
- (iii) intervir sobre a completude, isto é sobre a não-saturação das razões invocadas, isto é, discute-se se foram considerados todos os aspectos do problema em consideração, em particular os mais decisivos;
- (iv) agir contra-orientando a conclusão, e isso, baseando-se numa razão explicitamente invocada; isto é, discute-se a orientação argumentativa que o falante atribuiu a uma dada razão afirmando-se que essa razão é orientada para a conclusão oposta.

Essas quatro categorias de contra-argumentos refletem quatro parâmetros constituintes de cada associação de uma conclusão com uma razão em um argumento que é válido ou aceito como tal: plausibilidade, completude, relevância, e orientação argumentativa. Numa contra-argumentação, cada um desses parâmetros pode ser discutido independentemente dos outros três. Similarmente, aceitar um argumento importa reconhecer implicitamente que as razões dadas são plausíveis, completas, relevantes e orientadas em direção à conclusão (Apothéloz 1989).

A atuação da negação na argumentação pode ser ilustrada, no português, por meio da identificação e da análise das seguintes seqüências:

(232) O reconhecimento de que os juros sobre a dívida do Estado e a do Banespa não estão sendo recebidos pode forçar o BC a reconhecer um valor líquido negativo. Mas o não-reconhecimento apenas nega o reconhecimento, **não** a própria dívida. (Folha São Paulo 24/12/95-lj) → **plausibilidade**

(233) O C-Leg é a melhor solução para o atleta brasileiro Lars Grael andar, pedalar ou correr. Mas **não** a ideal para o iatismo, a paixão que lhe valeu duas medalhas de bronze nas Olimpíadas (Revista Super Interessante 01/99: 45-lj) → **relevância**

(234) Em primeiro lugar, não é que seja importante a distinção entre ciência pura e ciência aplicada. Não existe fronteira nenhuma entre uma e outra, e ainda que existisse, como ficou muito bem esclarecido, o que há é um

aspecto contínuo no qual ciência pura é apenas umas das faixas e ciência aplicada, outra. (pt-lt) → **relevância**

(235) Nesse sentido é superficial a acusação que se faz à arte "abstrata" ou "concreta" de hoje de ser decorativa. Não é que a acusação seja, a nosso ver, particularmente depreciativa, mas realmente não vai ao fundo das coisas. Com efeito, esta arte não visa enfeitar a vida, mas antes harmonizá-la, arrancá-la de seu desespero e de suas contradições trágicas. (mh-lt) → **relevância, completude**

(236) Pesquisar a abelha gigante pode ser perigoso, **não** necessariamente pela chuva amarela de fezes. Elas também atacam em massa para defender a colmeia. (fsp-lj) → **completude**

(237) Quando do seu segundo parto (uma menina, Glória também), abriu outro livro para ela. Não foi tão pródiga nas anotações biográficas de Glorinha quanto no registro da mínima vida de Felisberto. Não que ela amasse menos a filha e lhe desse menos atenção: tudo é melhor da primeira vez, a segunda não é a mesma coisa, da terceira então nem se fala (a-lr) → **completude**

(238) Este assunto de carne pode parecer insignificante. Mas **não**: é nestas pequenas coisas que se aprende a defender o lar e a família (tb-ld) → **orientação argumentativa**

Embora os quatro modos de argumentação negativa descritos acima sejam chamados de contra-argumentação porque são formas de refutação que atuam sobre argumentos, existem outros modos de argumentação negativa que não apenas incidem sobre argumentos mas referem-se a parâmetros mais gerais do discurso por meio de:

(i) Uma apresentação de objeção ao objeto de discurso. As razões do oponente não são diretamente discutidas, mas as pré-condições para sua construção: a definição do objeto do discurso. Apothéloz *et al.* chamaram esse tipo de objeção de declaração de mal-entendido, equívoco:

(239) Dona Leonor não me respondeu logo. Hesitou alguns segundos. Quando falou, foi em tom absolutamente seguro: “Não. Mas como já disse não foi para falar sobre isso que chamei você. Não nos afastemos do assunto, por favor!” (a-lr)

(240) a alternância dos ciclos econômicos (açúcar, mineração, café) com os correspondentes deslocamentos populacionais, e muitos outros fatores. Não é o caso, porém, de aprofundarmos aqui esta questão, nem de tentarmos traçar, ainda que de forma esquemática, o que Bastide denomina “geografia” das religiões africanas no Brasil. Para os propósitos deste livro, basta assinalar a permanência de duas grandes vertentes: a que desembocou nos candomblés, principalmente na Bahia, e xangôs de Pernambuco (um-lt)

(241) Não se trata aqui, Senador Roberto Saturnino, de um elogio fácil e barato. Trata-se de reconhecer o papel fundamental da oposição no regime democrático e até de louvá-lo. (jl-lo)

(ii) Descrédito do falante. O oponente desacredita seu interlocutor acusando-o de não respeitar certas regras de comunicação verbal. Por exemplo, o interlocutor não está em posição de emitir uma opinião ou circunstâncias não permitem que ele assim o faça, como em:

(242) - Uma fatalidade acidental. Pergunte ao Brilhantina...

Delegado: Ele não está em condições de ser interrogado (rei-ld)

(243) C: O senhor não deu uma explicação?

R: Disse-lhe que entrei até a porta, toquei a campainha, perguntei por uma pessoa, e, informado de que não mora mais aqui, ia retirar-me.

P: Mas eu não estou em condições de aceitar a sua explicação (fig-ld)

Um outro estudo das funções da negação nos textos foi realizado por Pagano (1994: 258), que discute como a negação aparece no processo de construção de um texto, apresentando as razões para um escritor utilizar palavras negativas que vêm classificadas em quatro categorias:

- Negação da informação compartilhada (de fundo): isto é, negação usada quando o escritor supõe que o leitor considera certas idéias errôneas a partir de seu conhecimento prévio;

(244) Poucos sabem, mas é errado dizer que os índios falavam tupi-guarani.

“Tupi-guarani é uma família lingüística, **não** um idioma”, explica o lingüista Aryon Rodrigues. (Revista Super Interessante Dezembro/98: 82-lj)

(245) Os guaranis e os tupis até que se entendiam. Mas dentro da família, eles são apenas parentes próximos, **não** irmãos. (Revista Super Interessante Dezembro/98: 82-lj)

(246) **Não** é o solo que sustenta a floresta, mas esta é fábrica e mantém o solo. (tf-It)

- Negação da informação processada no texto: isto é, negação usada quando o escritor supõe que o leitor poderia depreender uma idéia errada a partir do texto:

(a) Negação usada para evitar uma inferência errônea;

(247) “Gostaria agora de ligar um circuito ao sistema nervoso humano para trocar sinais com um computador”, diz. Adivinha quem vai ser o campo de testes? Ele mesmo, é claro. Em junho do ano 2.000, Warwick pretende instalar um chip, **não** na cabeça, o que seria perigoso demais por enquanto, mas em uma terminação nervosa do braço. (Revista Super Interessante Dezembro/98: 46)

(248) Este ano o diretor Paulo Cabral Júnior, à frente da emissora desde 1973 espera dobrar a quantia. Ainda que o consiga não alcançará em trezentos e sessenta e cinco dias o que a Globo arrecada num único dia. Isto

não quer dizer que a televisão Uberaba esteja correndo perigo mas mostra que sua escala é outra (vej-lj)

(b) Negação usada para corrigir uma idéia já processada no texto.

(249) O *Staphylococcus aureus* gruda nas células da superfície da pele, alimentando-se de detritos e impurezas. É uma comensal, **não** uma parasita. Desde que não invada o corpo, é pacífica. (Revista Super Interessante 01/99:53-lj)

- Expectativa não preenchida: isto é, negação usada quando um escritor quer indicar que uma expectativa não se realizou, da qual ele torna o leitor co-participante;

(250) Vontade de pousar a mala na sombra da lixeira- solzão desgramado! - e esperar pelo automóvel, tirar a dúvida ... Mas **não**: Da. Ermesinda aflita daquele jeito. Agonia de tanto tempo - ror de dias sem notícia do filho (v-lr)

(251) Angela quer tudo, quer tudo da vida e ... da gente! não só o que o corpo pode dar ... ou dinheiro. Seria tão bom se fosse isso! Mas, **não**. Ela quer tudo, tudo! Quer mandar, dominar, ser amante, ser mulher-esposa (a-lr)

- Contraste: isto é, negação usada para comparar ou contrastar dois ou mais itens.

(252) Gosto **não** se discute. Qualidade sim. (ex-lj)

(253) Folha: Você concorda?

Emerson: De não classificar?

Folha: Sim.

Emerson: Como piloto, tecnicamente **não**. Mas como esportista sim. Estava limitado pelo carro, não foi culpa minha (fsp 17/12/95-lj)

Foi objetivo desse capítulo apresentar um tratamento que as funções lingüístico-textuais da negação recebem na literatura lingüística. O capítulo subsequente pretende ser uma contribuição para o estudo da natureza e do funcionamento da negação, complementando, assim, a descrição do comportamento da negação nos textos da língua escrita.

CAPÍTULO X

EXAME DA MANIFESTAÇÃO E DO FUNCIONAMENTO DA NEGAÇÃO NOS TEXTOS DA LÍNGUA ESCRITA

Investigam-se, neste capítulo, a partir de análise quantitativa (de frequência) aspectos do uso da negação nos textos da língua escrita do português contemporâneo do Brasil.

O objetivo principal consiste em verificar se é possível estabelecer especificidades e/ou traços típicos de comportamento da negação em:

- (i) textos de caráter interativo e de estrutura dialógica (literatura dramática);
- (ii) textos de caráter expositivo ou informativo (literatura técnica)⁴⁵;
- (iii) textos de caráter essencialmente argumentativo (literatura oratória).

Para analisar a manifestação da negação e descrever as relações que se estabelecem entre a negação e o material em seu escopo foi selecionado um corpus de ocorrências reais da língua escrita do Brasil, pertencente ao Banco de Dados do Centro de Estudos Lexicográficos da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Foram utilizados na análise textos da literatura técnica, oratória e dramática, uma vez que cada um desses tipos de texto apresenta características

⁴⁵ Deve-se ressaltar que, em análise dos textos inseridos na *Literatura Técnica*, verificou-se que, ao lado de textos puramente técnicos, há também textos de cunho técnico-didático, o que pode, de certa forma, marcar a análise dos dados desta dissertação. Apesar disso, acredita-se que se possa chegar a uma caracterização desse tipo de literatura, uma vez que se considerará, na análise, esse “composto” textual, que caracteriza os textos da amostra examinada.

lingüísticas e funcionais distintas.⁴⁶ Os textos da literatura jornalística, romanesca e de propaganda, por serem formas híbridas, de difícil caracterização, foram considerados apenas, sob o ponto de vista qualitativo, para confronto.

Para realizar a descrição geral do comportamento da negação nas diferentes modalidades de texto, optou-se pela utilização de parte da metodologia e das estratégias fornecidas pelas técnicas da Teoria da Variação de base laboviana, também chamada de Sociolinguística quantitativa. Essa metodologia implica a seleção, codificação e quantificação dos dados que são submetidos a alguns dos programas da série VARBRUL. É conveniente observar que o conjunto de programas VARBRUL não foi utilizado na sua totalidade, pois esse conjunto é empregado na análise de fenômenos variáveis, o que não é o caso aqui.

A escolha desse instrumental de trabalho se justifica pelo fato de que, por meio dele, pode-se obter uma quantificação mais precisa dos dados, pela obtenção de valores percentuais que indicam se os grupos de fatores considerados pelo pesquisador são significativos do ponto de vista estatístico.

A coleta e seleção dos dados foram efetuadas nos arquivos das literaturas técnica, dramática e oratória que compõem o CP (Cópus Principal), com o auxílio do programa computacional *Folio Views*.

Dentro do CP, foram selecionados doze arquivos de cada uma dessas três literaturas, num total de 36 arquivos. Para que todos os arquivos apresentassem a mesma extensão, para não invalidar os resultados quantitativos, cada arquivo teve sua extensão medida em linguagem computacional (*bytes*), ou seja, foi utilizado

⁴⁶ O perfil dos textos da literatura técnica, oratória e dramática foi traçado no capítulo IV.

como critério de delimitação dos arquivos, o número de *kbytes*. A amostra obtida foi submetida a análise qualitativa e quantitativa com o objetivo de observar o comportamento da negação em textos reais da língua escrita.

Nos quadros 2, 3 e 4 abaixo são mencionados os nomes dos doze arquivos por literatura e as respectivas extensões delimitadas em *kbytes*, juntamente com o número de caracteres. A extensão de cada um dos três tipos de literatura (técnica, oratória e dramática) é de 235 *kbytes*.

QUADRO 2: LITERATURA TÉCNICA

Arquivo	Delimitação em Kbytes	Número de caracteres
ae.doc	19	20.480
ant.doc	20	20.992
arq.doc	19	20.480
beb.doc	20	20.792
dip.doc	20	20.705
fot.doc	20	20.707
ip.doc	19	20.365
mh.doc	19	20.464
pgn.doc	19	20.236
pt.doc	20	20.504
rot.doc	20	20.617
tf.doc	20	20.912
Total	235 Kbytes	247.254

QUADRO 3: LITERATURA ORATÓRIA

Arquivo	Delimitação em Kbytes	Número de caracteres
am-o.doc	20	20.721
ar-o.doc	20	20.475
car-o.doc	19	20.136
g-o.doc	19	20.148
jk-o.doc	19	20.088
jl-o.doc	20	20.331
le-o.doc	20	20.456
ma-o.doc	19	20.121
me-o.doc	20	20.396
ne-o.doc	20	20.963
si-o.doc	19	20.130
ta-o.doc	20	20.311
Total	235 Kbytes	244.276

QUADRO 4: LITERATURA DRAMÁTICA

Arquivo	Delimitação em Kbytes	Número de caracteres
cci.doc	20	20.480
en.doc	20	20.540
f.doc	20	20.912
hp.doc	20	20.591
in.doc	20	20.667
mol.doc	19	20.166
pel.doc	20	20.518
pem.doc	19	20.133
pp.doc	20	20.868
rel.doc	19	20.484
teg.doc	19	20.220
vp.doc	19	20.111
Total	235 Kbytes	245.690

A análise restringiu-se às ocorrências do operador de negação não⁴⁷, encontradas nos 36 arquivos que compõem o corpus.

Antes de se proceder à execução dos programas computacionais, foram levantados, com base nas hipóteses e objetivos propostos, os diversos grupos de fatores considerados pertinentes à análise, que estão esquematizados no seguinte conjunto de variáveis:

Conjunto de variáveis

1. Tipo de literatura (variável dependente)

t = literatura técnica

o = literatura oratória

d = literatura dramática

2. Tipo de negação

a = negação apêndice⁴⁸

b = negação com disjunção

c = negação predicativa de constituinte

d = negação de reforço - segundo elemento da negação dupla

e = negação exclusivo-restritiva

⁴⁷ As ocorrências de não encontradas nas indicações de cena dos textos da literatura dramática não foram computadas na análise dos dados.

⁴⁸ Convencionou-se chamar de “negação apêndice” uma negação do tipo:

(i) Você vai ler, não vai? (f-ld)

cujo escopo é a frase toda. Ocorre em enunciados interrogativos, funcionando como um pedido de confirmação.

f = negação predicativa frasal 1

x = negação predicativa frasal 2

i = negação em frases imperativas

k = negação em construções aditivas correlativas

l = negação em frase exclamativa.

m = negação morfema. Ex.: não-sensível

p = negação posposta. Ex.: tem diferença não

q = negação em frase interrogativa

r = negação tipo resposta⁴⁹

s = negação relacional de constituinte

3. Negação de constituintes: tipo de constituinte negado

s = substantivo

v = verbo

b = advérbio

a = adjetivo

f = frase em posição de SN

q = quantificador

p = pronome pessoal

o = outro tipo de negação

4. Posição da negação em relação ao verbo

A = anteposta

⁴⁹ A negação tipo “resposta” vale por uma frase inteira, não possui escopo, é nuclear:

P = posposta

O = elipse do verbo

N = outro tipo de negação

5. Coocorrência de modais com a negação predicativa frasal

e = epistêmicos

d = deônticos

n = nenhum modal

o = outro tipo de negação

6. Grau de definitude do objeto direto em sentenças com negação predicativa frasal

d = formalmente definido

i = formalmente indefinido

l = sem objeto direto

m = outro tipo de negação

7. Referencialidade do objeto direto em sentenças com negação predicativa frasal

R = referencial

N = não-referencial

S = sem objeto direto

O = outro tipo de negação

(i) – Tonho trouxe o dinheiro? – **Não**. Ele inda não chegou do trabalho. (in-ld)

8. Reforço da negação predicativa frasal

1 = não ... não

2 = não ... nunca

3 = não ... nem

4 = não ... nenhum/a

5 = não... ninguém

6 = não ... nada

7 = não ... sequer

8 = não ... de jeito nenhum

9 = não ... de nenhum modo

x = sem reforço

z = outro tipo de negação

Conforme já se afirmou no capítulo IV, a negação deve ser considerada como um dos fenômenos gramaticais que necessitam ser descritos a partir de um estudo em que se considera o texto como a maior unidade de análise.

Postula-se que o estudo do comportamento e do funcionamento da negação são com vantagem efetuados a partir do aparato teórico da Gramática Funcional, extrapolando o nível sentencial da análise, e considerando o nível discursivo, em frases efetivamente realizadas, e levando em conta, em conjunto, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos.

A escolha de um gênero, segundo Dik (1997: 417), tem implicações importantes para a maneira em que ele é linguisticamente construído, tanto

globalmente (no nível da macroestrutura) quanto localmente, no nível da microestrutura das cláusulas individuais ou mesmo de constituintes de nível mais baixo. É suposto que características lingüísticas coocorrem freqüentemente nos textos porque elas são neles usadas para compartilhar um conjunto de funções comunicativas.

Para Bakhtin (1992 *apud* Silva 1999:92), os enunciados de um discurso se definem pela natureza dos gêneros discursivos⁵⁰, constitutivos da, e constituídos em circunstâncias enunciativas peculiares às esferas das relações sociais. Quaisquer que sejam a extensão, o conteúdo semântico, os recursos lingüísticos e a sua composição estrutural, o discurso, materializado na forma de texto apresenta características que lhe são geralmente comuns, moldadas pelas regras do funcionamento do(s) gênero(s), sendo essas, por sua vez, articuladas no interior das esferas das relações sociais.

Dada a diversidade de esferas da atividade e da comunicação humana, as quais refletem a diversidade das relações (inter e intra) socioculturais dos grupos sociais, os tipos discursivos são múltiplos, heterogêneos, os quais, se abordados sob um ponto de vista teórico-metodológico, situam-se em um sistema *continuum* de situações discursivas, em cujas extremidades estariam, de um lado, a conversação espontânea e, de outro, os artigos de vulgarização científica.

⁵⁰ Segundo Silva (1999:105), “gênero discursivo” é uma designação que diz respeito a todas e quaisquer manifestações concretas do discurso, produzidas pelos sujeitos em uma dada esfera social do uso da linguagem. As expressões “gênero discursivo” e “tipo textual”, tomadas como categorias de análise, recobrem realidades distintas do funcionamento do discurso, o que, do ponto de vista teórico-metodológico, não impede que haja entre elas uma relação de entrecruzamento, para pensar e caracterizar como se manifesta o discurso no texto. Ambas são categorias de análise utilizadas para atribuir ao texto uma tipificação.

Considerando-se o texto um produto resultante do processo de interação verbal no qual o enunciador tem expectativas e intenções em relação ao seu interlocutor, e, a partir daí, seleciona os elementos estruturais e semânticos que julga adequados para atingir seus objetivos, foram analisados a manifestação e o comportamento da negação nos diferentes textos da língua escrita que compõem o *corpus*. A investigação procurou verificar a hipótese de que, em cada um deles, a negação se comporta de maneira diferenciada, apresentando especificidades e particularidades típicas condizentes com cada tipo de texto. O pressuposto básico é que a diferente natureza e as características de cada literatura favorecem um determinado tipo de negação em detrimento de outros.

Cada tipo de texto apresenta determinadas características linguísticas que coocorrem com alta frequência. Essas características linguísticas, por sua vez, estão relacionadas aos propósitos comunicativos de cada texto e às circunstâncias, condições e situações em que ele foi criado. Dessa forma, a escolha de uma determinada estrutura gramatical (tipo específico de negação) em detrimento de outras não é aleatória, mas está de acordo com a natureza e as funções comunicativas dos discursos, ou seja, é possível vincular as especificidades de uso da negação aos aspectos discursivos e funcionais de cada texto. Assim, cada tipo textual seleciona formas de negação que melhor representem as suas características formais e funcionais.

Acredita-se que as principais relações que se estabelecem entre a negação e o material em seu escopo refletem uma escolha, por parte do falante ou escritor, baseada nas necessidades e condições da situação comunicativa em que o discurso

se insere. Postula-se que a frequência de uso de cada um dos tipos de negação sofre influência do tipo de discurso, ou seja, é discursivamente motivada.

Os dois primeiros grupos de fatores foram propostos tendo-se em vista o escopo (área de incidência da negação), para a identificação dos tipos de negação ocorrentes em cada tipo de texto.

A subcategorização encontrada no segundo grupo de fatores foi adotada dentre uma grande variedade de classificações da negação. A classificação adotada pode ser associada à classificação de Dik (1997: 169) em que os diferentes tipos de negação são relacionados aos níveis de manifestação da negação, segundo a estrutura da cláusula em camadas da Gramática Funcional. Em cada um dos cinco níveis da cláusula é possível distinguir alguma forma de negação: abaixo do nível 2 manifesta-se a chamada negação de constituinte (negação de predicado / negação de termo), enquanto a negação predicativa frasal localiza-se acima desse nível.

Acredita-se que a frequência/ocorrência de cada uma das construções negativas é discursivamente motivada. Foi hipótese do trabalho, assim, que nos textos dramáticos, pelo fato de apresentarem estrutura dialógica, o que lhes permite compartilhar as características lingüísticas e funcionais das conversações típicas da modalidade oral da língua, predominassem as formas de negação ligadas à interação, como por exemplo, a negação tipo apêndice.

Dos textos técnicos e dos oratórios é exigida uma linguagem mais elaborada e acabada, uma vez que são construídos em situações altamente controladas e planejadas e têm como objetivo principal a informação e a persuasão, respectivamente. Por isso, formulou-se a hipótese de que a negação aditiva

correlativa e a negação predicativa de constituintes fossem mais comuns nos textos técnicos e nos oratórios, fato esse relacionado às características gramaticais e funcionais que tais textos apresentam.

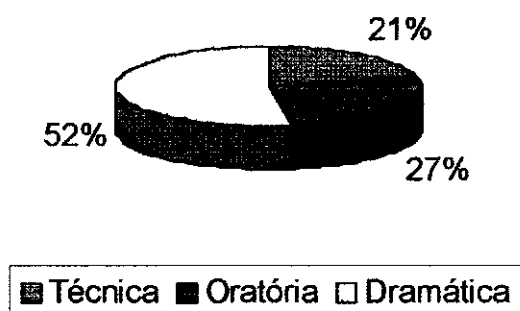
A quadro 5 apresenta a totalidade das ocorrências do operador de negação não, distribuídas pelos três tipos de literatura:

Quadro 5: Número de ocorrências de não nos Textos da Língua Escrita

LITERATURA	OCORRÊNCIAS DE <u>NÃO</u>	%
TÉCNICA	310	20.84%
ORATÓRIA	397	26.68%
DRAMÁTICA	781	52.48%
TOTAL	1.488	100%

A porcentagem de ocorrências do operador de negação, distribuída por tipo de literatura, pode ser visualizada no gráfico 1:

Ocorrências de Não por Tipo de Literatura



Verificou-se que a negação é mais freqüente em estruturas dialógicas, típicas da literatura dramática: 52% das ocorrências de negação realizada por meio do operador não estão nesse tipo de literatura. Os 48% restantes encontram-se distribuídos entre a literatura oratória (27%) e a literatura técnica (21%).

Pode-se dizer que a variedade de tipos de negação é maior nos textos das literaturas dramática e oratória que nos textos técnicos. Os textos dramáticos apresentam características bastante distintas daquelas encontradas nos textos técnicos e nos oratórios.

Os textos de literatura dramática, que possuem propriedades similares às conversações, principalmente caráter interativo e estrutura dialógica, apresentaram particularidades de uso do operador de negação e maior variedade de construções negativas. Esses resultados estão de acordo com as observações de Givón (1993:191), que, ao comparar a freqüência de distribuição de orações afirmativas e negativas em dois textos do inglês, um texto de ficção, e o outro de não-ficção (texto acadêmico) verificou que (i) as orações negativas são menos freqüentes que as orações afirmativas; (ii) os textos de ficção apresentam freqüência mais alta de orações negativas (80% do total das ocorrências). Segundo ele, isso pode ser relacionado ao fato de que a ficção contém **interação conversacional**, na qual há revezamento, e a perspectiva de vários falantes alterna. A mudança de perspectiva é um recurso natural para conflito avaliativo e discordância epistêmica (Givón 1993:191). Por outro lado, os textos de não-ficção são produzidos a partir da perspectiva de um único falante, cujo objetivo e base de conhecimento são provavelmente mais uniformes.

Resultados semelhantes foram obtidos por Tottie (1991), que, num estudo quantitativo em que são comparados os diferentes usos das formas de negação nas línguas falada e escrita do inglês britânico contemporâneo, verificou que há duas vezes mais palavras negativas na língua falada que na língua escrita. Observou também que ocorreram mais palavras negativas na prosa de interação do que na prosa expositiva.

Considerando que os textos da literatura dramática são os que simulam a língua falada, era natural que esse tipo de texto apresentasse maior variedade de usos da negação.

A maior frequência de negação nos textos dramáticos também pode ser explicada a partir das seguintes observações de Givón (1993):

- (i) Ao usar uma asserção negativa, o falante não está interessado na comunicação de informação nova ao ouvinte. Ao invés disso, ele está interessado em corrigir as crenças errôneas do ouvinte.
- (ii) Quando num diálogo as expectativas dos interlocutores tendem a divergir, a negação pode ser utilizada como um recurso de reorientação das expectativas para o sentido pretendido.

Os tipos de negação encontrados em cada tipo de texto se distribuem segundo o quadro 6:

Quadro 6: Tipo de negação distribuído por tipo de literatura

Tipo de Negação	Literatura Técnica %		Literatura Oratória %		Literatura Dramática %		Total %	
Predicativa frasal 1	221	71.30	304	76.58	498	63.76	1.023	68.75
Em frase interrogativa	13	4.20	24	6.05	93	11.90	130	8.73
Tipo resposta	4	1.29	1	0.25	62	7.94	67	4.50
Predicativa frasal 2	21	6.78	14	3.52	26	3.32	61	4.09
em frase imperativa	3	0.96	6	1.52	46	5.88	55	3.70
predicativa de constituinte	22	7.09	18	4.55	9	1.16	49	3.30
aditiva correlativa	13	4.20	19	4.78	-----		32	2.15
com disjunção	4	1.29	3	0.75	8	1.02	15	1.00
de reforço	-----		-----		12	1.54	12	0.80
apêndice	-----		-----		10	1.28	10	0.68
posposta	-----		-----		9	1.16	9	0.60
exclusivo restritiva	2	0.64	5	1.25	-----		7	0.48
em frase exclamativa	-----		-----		7	0.90	7	0.48
relacional de constituinte	3	0.96	2	0.50	1	0.14	6	0.40
morfema	4	1.29	1	0.25	-----		5	0.34
Total	310	20.84	397	26.68	781	52.48	1.488	100

A hipótese do favorecimento de um determinado tipo de uso da negação em detrimento de outros, em decorrência da diferente natureza e das características específicas de cada tipo de literatura, foi confirmada.

A negação predicativa frasal apresentou frequência bastante expressiva em todos os tipos de textos examinados, demonstrando que esse é o contexto (proto)típico de uso da negação. De um total de 1.488 ocorrências, 1.084 (cerca de 73% do total) são casos de negação predicativa frasal 1 e 2, ilustrados em (254) e (255) abaixo. Os outros 27% estão divididos entre os tipos restantes de negação.

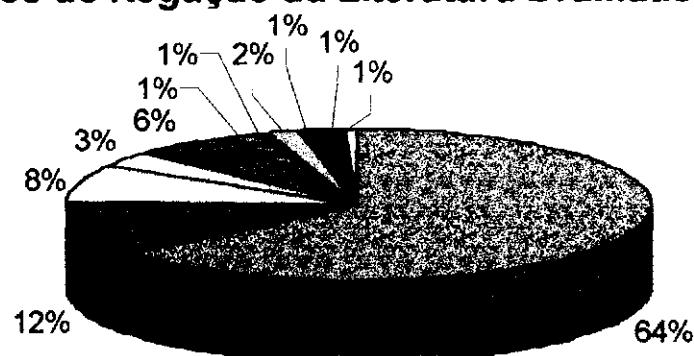
(254) O povo **não é bobo** e saberá vaiar nas horas certas (emb-lj) → negação predicativa frasal 1: a negação atua sobre a relação sujeito-predicado

(255) **não** havia incentivo para novos investimentos (ar-lo) → negação predicativa frasal 2: a negação atua sobre o próprio evento (o predicado)

O comportamento diferenciado de uso da negação revela uma estrutura discursiva menos complexa nos textos dramáticos, compostos basicamente por diálogos travados entre as personagens, o que os aproxima das conversações face a face da língua oral. As peças teatrais são interativas e, embora sejam escritas, reproduzem as situações de fala, nas quais os participantes não dispõem de muito tempo para uma alta elaboração e planejamento de seus enunciados. Isso explica a baixa frequência de negação predicativa de constituintes, a inexistência de negação aditiva correlativa e de negação exclusivo-restritiva, e por outro lado, a alta frequência de formas de negação ligadas à interação, como por exemplo, a negação apêndice.

O gráfico 2 apresenta as formas de negação ocorrentes na literatura dramática:

Tipos de Negação da Literatura Dramática



■ neg. predicativa frasal 1	■ neg. em frase interrogativa
□ neg. tipo resposta	□ neg. predicativa frasal 2
■ neg. em frase imperativa	■ neg. pred. e relacional de constituinte
■ neg. com disjunção	■ neg. de reforço
■ neg. apêndice	■ neg. posposta
□ neg. em frase exclamativa	

Alguns tipos de negação ocorreram somente nesse tipo de literatura, e representam, mesmo nesse tipo de literatura, casos de baixa escolha:

- Há 12 ocorrências de negação de reforço (1.54% do total de ocorrências de negação encontradas na literatura dramática), realizada pela duplicação do operador de negação não, como em:

(256) Romana: Isso!? Desculpe, menina, mais isso **não** tem cura **não**. Nem pai de santo adianta mais. (en-ld)

Quanto ao duplo emprego da partícula de negação, Dantas (1994:45) observa que embora esse tipo de reforço da negação seja freqüente no português falado, não aparece nos textos escritos, exceto naqueles que procuram reproduzir a

língua falada. Conclui-se, então, que sendo a literatura dramática a que mais se aproxima da oralidade, é natural que esse tipo de negação tenha presença significativa nesse tipo textual.

- Há 10 ocorrências (1.28% do total) de negação tipo apêndice, como em:

(257) Rita: É que ela sempre que ouve barulhinho no corredor, ela aparece na porta, fingindo que vai despejar o lixo. Eu acho que é porque ela é viúva.

Rubem:(rindo) Ela deve ser novidadeira, **não** ?

Rita: Ah ! Quando ela agarra numa conversa não larga mais. (f-lid)

Urbano (1994:1430) verifica alta frequência na língua falada da série de marcadores conversacionais **não?** **não é?** **né?** que podem funcionar como um expediente de “busca de aprovação discursiva” ou apresentar um emprego próximo ou semelhante ao das chamadas “*tag questions*” do inglês, apresentando função tipicamente interacional. Em seu levantamento, realizado em três inquéritos do Projeto NURC/SP, Urbano verificou que as frequências mais altas são registradas nos inquéritos dialógicos (D1D e D2). A elocução formal, que pelo seu caráter didático aproxima-se dos textos da literatura técnica, foi o tipo de texto que apresentou menor número de ocorrências de **não é/ né**.

Pode-se afirmar que a negação apêndice é típica da literatura dramática porque esses textos são organizados dialogicamente. A presença de dois ou mais interlocutores e as frequentes mudanças de turno favorecem o uso desse tipo de negação. É um uso que está a serviço da interlocução e que mostra a natureza de

co-autoria dos textos dramáticos. Esse tipo de uso também mostra a natureza colaborativa da conversação, principalmente nos casos em que não é?, não? são utilizados como marcadores que buscam aprovação discursiva. Além disso, nos textos técnicos não há sentido em contar com a participação do destinatário, porque esses textos são científicos.

- Há 9 ocorrências (1.16% do total) de negação posposta, como em:

(258) Justino: Dois contos. Quem sabe dá pra guardar um pouco. Você vai ter casa e comida.

Malu: Tem muita diferença **não**, entre isto aqui e o quarto onde vou ter que dormir. Aqui, pelo menos se vê o céu. (in-Id)

A negação posposta é considerada por Dantas (1994:46) como um desdobramento da negação reforçada, em que se dá o duplo emprego da partícula negativa. Esse uso, segundo Dantas, denota uma tendência na língua falada de, por economia, omitir o primeiro *não* do enunciado. Essa autora nota, ainda, que o uso da negação posposta, está restrito a algumas regiões do Brasil e a um nível de linguagem coloquial, popular. Assim, a presença de negação posposta nos textos dramáticos pode ser justificada pela proximidade desse tipo de texto com a oralidade.

- Há 7 ocorrências (0.90% do total) de negação em frase exclamativa. As frases exclamativas que admitem a negação podem ser usadas para expressar

incredulidade diante da realização de um acontecimento inesperado ou para exprimir surpresa, como em:

(259) Leo: Tem um recado para você em cima da tua mesa...

Malu: (lendo o bilhete) Mas essa **não**! Estava muito bem na hora que eu sai!

Foi a minha mãe que telefonou, Léo? (re-ld)

Dentre os três tipos de texto analisados, o mais propenso a apresentar maior número de frases interrogativas e imperativas é o texto dramático, devido ao seu caráter tipicamente interacional. Portanto, é natural que a negação presente nesses dois tipos frasais seja mais recorrente nesse tipo textual.

Há 93 ocorrências (11.90% do total de ocorrências de negação da literatura dramática) de negação em frase interrogativa, como em:

(260) Você **não** percebe a maldade? (f-ld)

Numa frase interrogativa, o operador de negação não significa o mesmo que significa numa frase declarativa. Em geral, uma frase interrogativa não está associada a nenhum valor de verdade; ela constitui uma solicitação do locutor para que este atribua um valor de verdade à proposição nela contida. Contudo, há frases interrogativas nas quais se pode perceber que o locutor já tem uma idéia a propósito da resposta e espera do interlocutor uma resposta conforme essa expectativa, como em:

(261) Romana: Tião **não** ia ficar servindo de pajem toda a vida, ia? (en-ld)

Mira Mateus *et al.* (1983:362) observam que as frases interrogativas negativas são normalmente orientadoras de uma resposta afirmativa. O locutor pressupõe a verdade de uma proposição que faz parte dum saber partilhado pelo locutor e pelo alocutário, ou que já ocorreu no discurso anterior, e utiliza-a como uma estratégia para levar o alocutário a confirmar, por meio de uma resposta afirmativa, a verdade dessa proposição.

O predomínio de uso da negação em frases interrogativas da literatura dramática também pode ser justificado, assim, a partir da observação de que nos enunciados interrogativo-negativos, o elemento negativo pode atuar como operador argumentativo. Borillo (1979:38) diz que a negação que ocorre nas frases interrogativas atua como um fator de integração do discurso. No tipo particular de discurso que é o **diálogo**, a função da negação consiste em assegurar a dinâmica das trocas, em guiar o encadeamento das réplicas controlando sua pertinência. O locutor, antecipando a resposta negativa de seu interlocutor e marcando no seu enunciado essa antecipação, revela dessa maneira sua estratégia dialógica. Na verdade, o locutor, quando diz não (p)?, ao mesmo tempo que formula a eventualidade de uma asserção negativa da parte de seu interlocutor, assinala que ele não está disposto a receber tal qual sem explicação, argumentação ou justificativa.

Os textos dramáticos, apresentaram alto índice de uso de negação em frase imperativa, justificado pelo seu caráter essencialmente interacional. De um total de 55 casos de negação em frase imperativa, 46 ocorrências (83.64%) estão na

literatura dramática, 6 (10.90%) na literatura oratória e somente 3 (5.46%) na literatura técnica.

Nos textos da literatura dramática, devido ao fato de prevalecer o diálogo, os enunciados são curtos, favorecendo a presença de negação tipo resposta. Esse uso de negação possui caráter essencialmente interpessoal, sendo, portanto, característico de textos de caráter interacional. Há 62 casos de negação tipo resposta (7.94% do total desse tipo de texto), em que o operador de negação não tem o estatuto de frase negativa, sendo utilizado como antônimo de sim, especialmente em contextos de resposta a interrogativas gerais, isto é, interrogativas cuja resposta é exatamente do tipo sim/não:

(54) Romana: Ela é muito boazinha. ... tu sabia que ela é diplomada?

Otávio: **Não**. (en-Id)

Verifica-se que mesmo as ocorrências de negação tipo resposta, encontradas na literatura técnica, foram utilizadas em contextos de interação. Dos quatro casos de negação tipo resposta, encontrados nesse tipo de literatura, dois casos foram utilizados como um expediente de argumentação que permite uma aproximação maior entre leitor e escritor. A negação foi utilizada para evitar uma possível inferência errônea do leitor, antecipada pelo enunciado interrogativo:

(262) O leitor poderá se perguntar: é o diplomata que decide a política externa a ser seguida por seu país? A resposta é substancialmente **não** - mas em parte sim. (dip-It)

(263) Adotada uma posição oficial, ele passa a agir como representante do governo, e precisa executar o que foi decidido. Isso não traz dificuldades de ordem ética? Normalmente, **não**. (dip-lt)

As outras duas ocorrências foram utilizadas na discussão de uma sequência de diálogo, encontrada num texto de caráter técnico-didático sobre roteiros de televisão e cinema:

(264) Chefe da agência: Quer que abra o cofre?

Homem alto: **Não**. (rot-lt)

(265) Policial: É preciso ter cuidado com esses grandões, moça. Chegou a bater?

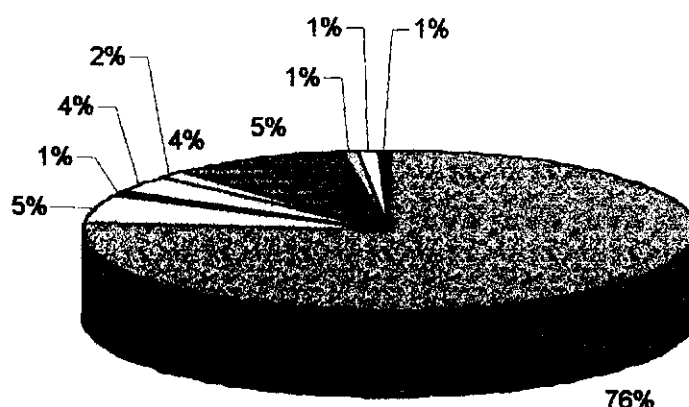
Moça de óculos: **Não**. Foi sorte. (rot-lt)

Por outro lado, a negação aditiva correlativa, a negação exclusivo-restritiva e a negação morfema (= de termo) não ocorreram na literatura dramática. Esses três tipos de negação são típicos de textos de caráter essencialmente argumentativo (literatura oratória) e de textos de caráter expositivo ou informativo (literatura técnica), desempenhando importante papel na sua estrutura argumentativa. Observa-se que essas três formas de negação são típicas de textos mais elaborados, que contêm construções com maior densidade informativa. Não se pode dizer, entretanto, que os textos da literatura dramática não sejam informativos. A questão é que em tais textos é possível obter as informações em outras marcas, que muitas vezes não são explícitas. Além disso, as literaturas técnica e oratória, por serem

mais expositivas e/ou argumentativas, possuem períodos mais longos, o que favorece a maior incidência de negação aditiva correlativa.

A totalidade de ocorrências de negação encontradas na Literatura Oratória está representada no gráfico 3:

Tipos de Negação da Literatura Oratória



- | | |
|------------------------------------|------------------------------------|
| ■ neg. predicativa frasal 1 | □ neg. em frase interrogativa |
| ■ neg. tipo resposta, neg. morfema | □ neg. predicativa frasal 2 |
| □ neg. em frase imperativa | ■ neg. predicativa de constituinte |
| ■ neg. aditiva correlativa | □ neg. com disjunção |
| □ neg. exclusivo restritiva | ■ neg. relacional de constituinte |

Já se esperava que os textos oratórios apresentassem alta frequência de negação aditiva correlativa devido ao seu estilo literato, nos termos de Biber & Finegan (1989). Nesse tipo textual, o maior número de ocorrências de negação aditiva correlativa, com suas múltiplas possibilidades de manifestação, permite concluir que o uso desse tipo de negação é uma característica dos discursos mais elaborados e planejados da modalidade escrita da língua. Das 32 ocorrências desse tipo de negação, exemplificado abaixo, 19 (59.38%) estão na literatura oratória e 13 (40.62%) encontram-se na literatura técnica:

(74) Espero que confiem não só em mim, mas também nos que escolherei para auxiliar-me diretamente na pesada tarefa governamental que se me depara (me-lo)

A literatura oratória abriga praticamente 70% das ocorrências de negação exclusivo-restritiva (5 casos em 7), os 30% restantes encontram-se na literatura técnica.

Nos enunciados com negação exclusivo-restritiva, a expressão restritiva pode incidir sobre um sintagma nominal complemento, como em (266), afetar um sintagma predicativo como em (267), ou atuar sobre um sintagma adjetivo, como em (268):

(266) Enquanto o adulto se obstina a não ver no adolescente senão a criança de ontem, insistindo em comandá-lo do mesmo modo sempre, esse, sentindo em si emoções, sentimentos e desejos, que lhe dão a impressão de possuir capacidade de homem, sofre deveras por ter seus interesses ignorados. (ae-lt)

(267) Os políticos usam e abusam da demagogia, que não é outra coisa senão concordar com cada indivíduo com quem encontram (le-lo)

(268) Devido à diferença de peso molecular os sais de penicilina que não a sódica têm outros valores unitários (ant-lt)

Tais ocorrências correspondem, respectivamente, a:

(266a) O adulto se obstina a ver somente no adolescente a criança de ontem (não vê outra coisa)

(267a) Os políticos usam e abusam da demagogia, que é concordar com cada indivíduo com quem encontram (não é outra coisa)

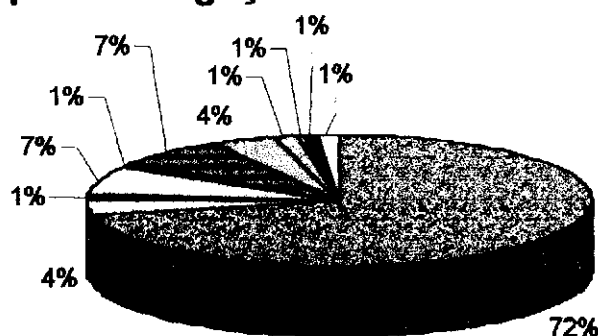
(268a) Os sais de penicilina com exceção da penicilina sódica têm outros valores unitários devido à diferença de peso molecular

Manzotti & Rigamonti (1991:309) consideram as construções com negação exclusivo-restritiva construções de alto nível estilístico. Parece que, em gêneros argumentativos, a tentativa de demonstração da veracidade do que está sendo dito favorece a utilização de negação exclusivo-restritiva. O uso desse tipo de negação pode ser associado à intenção do locutor de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros. O uso da linguagem é inerentemente argumentativo, mas na literatura oratória essa característica é mais acentuada. Os textos oratórios, embora produzidos para serem veiculados oralmente, são produtos da língua escrita mais elaborada. Os discursos políticos, os discursos proferidos na Academia Brasileira de Letras e os discursos e sermões religiosos objetivam persuadir o leitor/ouvinte, por isso apresentam uma estrutura essencialmente argumentativa, com enunciados altamente elaborados.

Considerando as características próprias de cada um dos tipos textuais, pode-se afirmar que a literatura oratória assemelha-se, em alguns pontos, à literatura técnica, de modo que esses dois tipos de texto se opõem à literatura dramática, que tem maior número de ocorrências de tipos de negação ligados à interação. Por outro lado, pode-se apontar uma aproximação entre as literaturas dramática e a oratória no que diz respeito ao uso de negação em frases interrogativas e imperativas.

As formas típicas de negação encontradas nos textos da literatura técnica podem ser vistas no gráfico 4 que apresenta a frequência dos tipos de negação desse tipo de literatura:

Tipos de Negação da Literatura Técnica



- | | |
|-----------------------------|------------------------------------|
| ■ neg. predicativa frasal 1 | □ neg. em frase interrogativa |
| ■ neg. tipo resposta | □ neg. predicativa frasal 2 |
| ■ neg. em frase imperativa | ■ neg. predicativa de constituinte |
| ■ neg. aditiva correlativa | ■ neg. com disjunção |
| ■ neg. exclusivo restritiva | ■ neg. relacional de constituinte |
| □ neg. morfema | |

A negação predicativa de constituinte, a negação morfema e a negação relacional de constituinte são mais recorrentes na literatura técnica.

Na literatura técnica há 4 casos de negação morfema (1.29% do total de negação dessa literatura). Somente 1 caso (0.25%) desse tipo de negação ocorreu na literatura oratória:

(49) Defendiam-na através de uma nota que representava o pensamento unânime do Conselho de Ministros, favorável à autodeterminação dos povos e à **não**-intervenção de nações na vida interna de outros países (g-lo)

Tais resultados mostram que esses tipos de negação são típicos de tipos textuais com alto grau de argumentatividade e de objetividade, e, ao contrário, são pouco usados em textos interativos. Observa-se que essas formas de negação, operam abaixo do nível 2 (negação de predicado / negação de termo) do modelo da cláusula em camadas, proposto pela Gramática Funcional.

Esses resultados também são compatíveis com as indicações de Tottie (1991), que, ao verificar que um terço das palavras negativas da língua escrita do inglês apresentavam afixos (*e.g. unnecessary, impolite*), enquanto 92% das negações da língua falada não apresentavam afixos (*e.g. not necessary, no way*) associa a preponderância de negação afixal na prosa expositiva ao fato de que há mais tempo de sintetizar e compactar a prosa escrita do que a fala. Também Manzotti & Rigamonti (1991: 253) apontaram a negação prefixal, chamada neste trabalho de negação-morfema, como típica de estilo burocrático ou científico.

É possível correlacionar o uso dessas formas mais “sintéticas” de negação às características inerentes à literatura técnica. Tais textos têm como propósito comunicativo predominante a informação, são produzidos em circunstâncias controladas, apresentam um léxico bastante específico, e seus referentes, geralmente entidades abstratas, são apresentados de forma definida e elaborada. Parece possível, ainda, associar o emprego dessas formas de negação à função ideacional da linguagem, ao passo que o uso das formas de negação típicas da literatura dramática podem ser correlacionadas à função interpessoal da linguagem.

Assim, a literatura dramática, que é o tipo textual mais subjetivo, é a que mais recorre ao uso de formas de negação interacionais ligadas à função

interpessoal da linguagem. Por outro lado, a literatura técnica, que é mais objetiva, é a que menos se utiliza desse recurso.

Os resultados comparativos da investigação da negação predicativa de constituintes podem ser visualizados no quadro 6. Verifica-se que a negação de constituintes é típica dos textos técnicos, que abrigam 7.09% das ocorrências desse tipo de negação (22 casos em 310), seguida pelos textos de oratória, que comportam 4.55% do total de ocorrências (18 casos em 397). Os textos da literatura dramática apresentaram apenas 9 casos de negação predicativa de constituintes em 781 ocorrências, o que representa apenas 1.16% do total de negação desse tipo de texto.

A maior incidência de negação predicativa de constituintes na literatura técnica está a serviço dos propósitos comunicativos dos textos técnicos, os quais objetivam informar e instruir o leitor, por isso, são construídos em situações controladas e apresentam seus referentes de maneira definida e elaborada.

A negação predicativa de constituinte também é típica dos textos da literatura oratória, que têm como objetivo principal a persuasão, e são construídos com uma linguagem mais elaborada e acabada, em situações altamente controladas e planejadas.

Também são mais recorrentes nos textos técnicos e oratórios os casos de negação relacional de constituintes, tipo de negação próprio de textos estruturalmente complexos e altamente elaborados. Esses dois tipos textuais comportam praticamente 85% do total das ocorrências (5 casos em 6) desse tipo de negação, que é ilustrado pelas ocorrências abaixo:

(269) O artista apenas organizou para nós, para nosso conhecimento, para nossa contemplação, uma forma-objeto, um objeto-sentimento, um sentimento-imaginação. E esta forma se nos apresenta não como uma comunicação de algo preciso que existia e continua a existir lá fora, no mundo exterior ou num lugarzinho bem determinado do mundo interior do artista, mas como uma aparição que para, como estrutura acabada, e que se repete por inteiro e sempre de súbito, toda vez que entramos em contato com ela. (mh-lt)

(270) Para ele ser a Grande Força Revolucionária, é preciso que todos os meios de produção estejam nas mãos do proletariado, não com os indivíduos que o compõem, mas com a classe como tal. (si-lo)

O quadro 7 apresenta a investigação do tipo de constituinte que mais ocorre no escopo da negação em cada literatura:

Quadro 7: Tipo de constituinte sob o escopo da negação

Tipo de constituinte	Literatura Técnica %		Literatura Oratória %		Literatura Dramática %		Total %	
Adjetivo	13	59.09	10	55.56	2	22.22	25	51.02
Advérbio	6	27.27	6	33.34	2	22.22	14	28.58
Substantivo	1	4.54	-----	-----	3	33.34	4	8.16
Pron. pessoal	-----	-----	1	5.55	2	22.22	3	6.12
Quantificador	2	9.10	-----	-----	-----	-----	2	4.08
Frase em p. SN	-----	-----	1	5.55	-----	-----	1	2.04
Total	22	44.90	18	36.74	9	18.36	49	100

Das 49 ocorrências de negação predicativa de constituintes, 25 incidem sobre adjetivo e 14 afetam advérbio, representando praticamente 80% das ocorrências (39 casos em 49) desse tipo de negação. Considerando-se a natureza inerente dos adjetivos e dos advérbios como modificadores do nome e do verbo, é possível dizer que esses resultados são compatíveis com a observação de Leinfellner (1994:89), segundo a qual geralmente é a informação mais específica que é negada, ou seja, o operador de negação tende a exercer seu efeito, em primeiro lugar, sobre constituintes opcionais. Assim, a negação incide, em primeiro lugar, sobre o advérbio ao invés de atuar sobre o verbo; incide sobre o adjetivo atributivo ao invés de afetar o substantivo. São ocorrências como:

(271) Isto acontece sobretudo com crianças, em virtude de certa semelhança daquele com a cana-de-açúcar, havendo, **não raro**, notícias de desfechos fatais. (beb-lt) → negação de advérbio = sintagma de valor positivo: frequentemente

(272) Apesar de existir extensa literatura sobre esta planta, o princípio ativo não foi, até hoje, identificado. São suas vítimas, quase sempre, animais **não habituados** às pastagens onde ela existe. (beb-lt) → negação de adjetivo

Com frequência baixa, a negação de quantificadores ocorreu apenas nos textos técnicos. Observa-se que nessas ocorrências a negação incide sobre o quantificador, produzindo um sintagma de valor positivo:

(273) Não pouca importância exerceu, nessa mudança de perspectiva, o movimento conhecido como New Archaeology (arq-It) → negação de quantificador = sintagma de valor positivo: muita importância

Pode-se dizer que os casos de negação de pronome pessoal restringiram-se aos textos oratórios e dramáticos, devido à natureza dos enunciados da literatura dramática (que são de envolvimento pessoal) e à assimetria hierárquica na interlocução, característica dos textos oratórios. Por outro lado, esse tipo de negação de constituinte não ocorreu na literatura técnica, devido à imparcialidade pretendida nos textos técnicos. Esse tipo de negação é ilustrado em:

(274) Que Cristo julgue o nosso próximo e **não** nós! (le-olo)

A correlação que pode existir entre o escopo e a posição do operador de negação nos diferentes tipos de enunciados foi examinada a partir do quarto grupo de fatores proposto para a análise do corpus.

O estudo do emprego e da interpretação da negação deve levar em conta a correlação que pode existir entre o escopo e a posição do operador de negação nos diferentes tipos de enunciados.

Quanto à posição da negação predicativa frasal em relação ao verbo, o que se encontrou está registrado no quadro 8:

Quadro 8: Posição da negação predicativa frasal em relação ao verbo

Posição da Negação	Literatura Técnica %		Literatura Oratória %		Literatura Dramática %		Total %	
Anteposta	238	98.35	315	99.05	515	96.62	1.068	97.72
Posposta	-----		-----		9	1.69	9	0.80
Elipse do verbo	4	1.65	3	0.95	9	1.69	16	1.48
Total	242	22.15	318	29.10	533	48.75	1.093	100

Nas frases negativas, a posição habitual do operador de negação é a imediatamente pré-verbal, como em:

(275) A amoxicilina, uma vez absorvida, **não sofre modificações** no organismo (ant-It)

Entretanto, o operador de negação pode ocorrer em posição pós-verbal, posição que é freqüentemente reservada à apresentação de informação nova no discurso (posição remática), como em:

(276) Romana: - Noivado de teu irmão, sem champanhe ... Tu gastou em figurinha, desavergonhado!

Chiquinho: - Gastei não, mãe, pergunta pra Terezinha!

Terezinha: - Gastou **não**, perdeu. Eu vi. (en-Id)

(277) Romana: E teu ordenado ?

Chiquinho: Cabô.

Romana: Então vai ao cinema pro mês, pra aprendê não esbanjá!

Chiquinho: Esbanjei **não**... Seu Álvaro é que descontou uns troços que sumiram do armazém. (en-ld)

A posposição da negação, que é própria de frases mais marcadas, especialmente num registro mais coloquial ou popular, ocorreu apenas na literatura dramática. Nesse tipo de registro, a posposição do operador de negação ocorre também em construções interrogativas:

(278) Santa: Arrumou nada **não**?

Justino: Prometeram, pra semana que vem. Um lugar de vigia, numa construção (in-ld)

(279) Sacristão: Isso o quê?

Beata: está vendo **não**? uma cruz enorme no meio da praça ... (pp-ld)

É necessário considerar também os contextos em que ocorre a duplicação do operador de negação juntamente com outros processos de intensificação da negação que podem ter como objetivo, por um lado, a determinação inequívoca do escopo da negação, e, por outro, a explicitação das intenções do locutor bem como da posição deste em relação aos estados de coisas a que se refere.

Os resultados obtidos na investigação dos contextos de duplicação e intensificação do operador de negação em construções com negação predicativa frasal estão indicados no quadro 9:

Quadro 9: Formas de reforço da negação predicativa frasal

Tipo de Reforço	Literatura Técnica		Literatura Oratória		Literatura Dramática %		Total %	
não ... nada	2	0.82	4	1.25	26	4.96	32	2.96
não ... nem	5	2.06	5	1.57	7	1.34	17	1.56
não ... nenhum	9	3.72	-----		5	0.95	14	1.29
não ... sem	2	0.82	7	2.20	5	0.95	14	1.29
não ... não	-----		-----		8	1.52	8	0.73
não ...ninguém	2	0.82	1	0.32	5	0.95	8	0.73
não ... nunca	1	0.42	-----		2	0.39	3	0.28
não ... sequer	1	0.42	2	0.62	-----		3	0.28
não ... coisa nenhuma	-----		-----		4	0.76	4	0.36
não ... de jeito nenhum	-----		-----		1	0.20	1	0.10
não ... de nenhum modo	-----		1	0.32	-----		1	0.10
sem reforço	220	90.92	298	93.72	461	87.98	979	90.32
Total	242	22.32	318	29.34	524	48.34	1.084	100

Obteve-se maior frequência de duplicação do operador de negação na literatura dramática, motivada pelo caráter interativo e pela estrutura dialógica dos textos desse tipo de literatura, os quais podem ser considerados como fatores essenciais e condicionadores desse tipo de processo de intensificação da negação.

De um total de 524 ocorrências de negação predicativa frasal (1 e 2) da literatura dramática, 63 (12.02%) foram reforçadas por alguma forma enfaticizadora da negação. Das 318 ocorrências de negação predicativa frasal da literatura oratória, somente 20 (6.28%) apresentaram alguma forma de intensificação,

enquanto na literatura técnica isso ocorreu em (9.09%) dos casos, ou seja, em 22 das 310 ocorrências desse tipo de literatura.

Algumas formas de reforço da negação restringiram-se à literatura dramática:

- a duplicação do operador de negação não, como em:

(280) Vicentão: Eu quero falar é com o Delegado, o Cabo Rosinha!

Joaquim: O delegado **não** está aqui **não**, saiu. (pel-ld)

- a locução coisa nenhuma, como em:

(86) Deodato Peralva: O senhor **não** vai tirar coisa nenhuma! Eles vão continuar onde estão. Eu assumo a responsabilidade, já disse. (in-ld)

O reforço efetuado por meio do quantificador pronominal negativo nada predominou na literatura dramática (4.96%), como em:

(83) Eles estão dizendo que **não** sobrou nada. Nada desse meu filho que na cabeça deles seria um dia um operário. (cci-ld)

O uso desse tipo de enfatizador da negação foi menos expressivo nas literaturas técnica (0.82% das ocorrências) e oratória (1.25% do total de ocorrências).

O advérbio sequer é um tipo de intensificador da negação que parece ocorrer em construções mais elaboradas, como em (99) e (281), restringindo sua ocorrência à literatura técnica (0.42%) e à oratória (0.62%):

(99) **Não** concebia sequer, nem podia conceber - honra tão grande obtida tão cedo. (am-lo)

(281) Fotografia é tudo isso e mais um monte de coisas também. Fiz a pergunta a várias pessoas - inclusive alguns fotógrafos - e **não** houve sequer duas respostas iguais. (fot-lt)

As formas de intensificação da negação, exemplificadas em (282) e (283), foram mais recorrentes na literatura técnica:

(282) O certo é que no momento atual nós **não** temos nem ao menos uma carreira universitária aplicada aos Institutos e que encoraje a pesquisa tecnológica. (pt-lt)

(283) Com raras exceções (indicadas abaixo), **não** vemos nenhuma razão médica para utilizá-los em detrimento do composto original, pela ausência de vantagens significativas. (ant-lt)

Para o estudo da referencialidade e do grau de definitude dos argumentos nominais que ocorrem em sentenças com negação predicativa frasal em textos escritos do português, examinou-se a interpretação referencial/não-referencial de sintagmas nominais definidos e indefinidos em construções negativas. Pretendia-se investigar se nos enunciados negativos do português, a negação encoraja a interpretação de um referente objeto direto como não-específico ou não-referencial.

O estudo do grau de definitude dos grupos nominais com função de objeto direto, em sentenças com negação predicativa frasal, foi realizado a partir de categorização de Du Bois (1980), com algumas adaptações. Assim, foram consideradas palavras formalmente definidas:

- nomes precedidos pelo artigo definido genérico;
- nomes precedidos por artigo definido não-genérico;
- nomes próprios;
- nomes precedidos por possessivos;
- nomes precedidos por demonstrativos;
- nomes precedidos por possessivos e demonstrativos;
- pronomes pessoais.

Foram consideradas palavras formalmente indefinidas:

- nomes contáveis sem artigo;
- nomes contáveis plurais, sem artigo;
- nomes precedidos de artigo indefinido;
- nomes precedidos de pronome indefinido;
- nomes plurais com numerais, sem artigo.

A distinção referencial x não-referencial, pertinente na verificação da intenção referencial do falante nos enunciados negativos e da possível interação entre escopo da negação e referencialidade, obedeceu a um critério textual,

proposto a partir das observações de Conte (1980): quando um argumento pode ser retomado, ele é considerado referencial, quando não há essa possibilidade, considera-se o argumento como não-referencial:

(284) a. Comprei um terno de veludo verde e Vera um suéter marrom. O terno me acompanhou por muitos anos (cre-ir)

↓

retomado = referencial.

b. **Não** comprei um terno de veludo verde * O terno me acompanhou por muitos anos.

↓

não pode ser retomado = não-referencial.

Na análise foram consideradas apenas as ocorrências de objeto direto efetivamente realizado e não foram computados os casos de objeto direto oracional. Os resultados obtidos na análise da referencialidade e do grau de definitude de argumentos nominais com função de objeto direto, presentes em enunciados negativos, estão representados no quadro 10:

Quadro 10: Tipos de objeto direto de enunciados com negação predicativa frasal

Grau de Definitude e Referencialidade	Literatura Técnica %	Literatura Oratória %	Literatura Dramática %	Total %
Indefinido não-referencial	47 66.20	44 40.75	37 59.70	128 53.15
Definido referencial	23 32.40	64 59.25	24 38.70	111 46.05
Indefinido referencial	1 1.40	-----	-----	1 0.40
Definido não-referencial	-----	-----	1 1.60	1 0.40
Total	71 29.46	108 44.82	62 25.72	241 100

Verifica-se que os objetos diretos dos enunciados com negação predicativa frasal são na sua maioria indefinidos e não-referenciais (53.15%) ou definidos e referenciais (46.05%). Esses resultados confirmam os resultados de Givón (1979: 95-97), que, ao examinar a distribuição de objetos acusativos de verbos negativos em inglês, verificou que, dos objetos referenciais analisados em dois textos de ficção, 100% eram definidos. Ao contrário, todos os objetos acusativos morfologicamente indefinidos nesses contextos eram não-referenciais. Esses resultados também podem ser associados às observações de Conte (1980), Hopper & Thompson (1980: 287), Manzotti & Rigamonti (1991: 256), Chafe (1995: 362) acerca do comportamento dos grupos nominais definidos e indefinidos em relação à negação. Esses autores apontam que, na frase negativa, a interpretação de elementos indefinidos como não-específicos está diretamente ligada à atuação do operador da negação.

Além de confirmada pelos dados obtidos na análise, a hipótese postulada por Givón (1979), segundo a qual os grupos nominais que se encontram sob o escopo da negação tendem a ser definidos e referenciais, ao passo que os sintagmas indefinidos tendem a ser não-referenciais, ou seja, a não estabelecer a referência, manteve-se nos três tipos de textos examinados. As ocorrências de enunciados negativos com objetos acusativos indefinidos não-referenciais foram significativas nos três tipos de texto, predominando nas literaturas técnica e dramática. Dos 71 casos de objeto direto da literatura técnica, 47 (66.20%) são casos de sintagmas indefinidos não-referenciais. A literatura dramática apresentou resultados semelhantes: das 62 ocorrências de objeto direto 37 (59.70%) são casos de sintagmas indefinidos não-referenciais, 24 são casos de sintagmas definidos referenciais (38.70%). Apesar de na literatura oratória predominarem os enunciados negativos que contêm objetos diretos definidos e referenciais (64 casos em 108, ou seja, 59.25% das ocorrências), os casos de enunciados negativos que apresentavam objeto direto efetivamente realizado com sintagmas indefinidos não-referenciais foram bastante significativos: 40.75% do total de ocorrências (44 casos em 108).

Essa característica de os enunciados negativos apresentarem objetos acusativos definidos e referenciais ou objetos indefinidos e não-referenciais pode ser ilustrada a partir das seguintes ocorrências:

(285) Mas agora **não** vamos tecer a história do comunismo. Podeis encontrá-

la em livros especializados. (si-lo)

↓

↓

Definido

referencial

(286) Não vos trago, desde logo, um novo programa de governo, inteiro e acabado, nem sequer simples esboço. (me-lo) ↓↓

Indefinido não - referencial

Nos textos da literatura dramática ocorreu um único caso de objeto direto morfologicamente definido não-referencial:

(287) Melchior: Posso viver por muito tempo ou morrer amanhã. De qualquer forma, devo estar preparado para tudo. (Contendo um gesto de Robério). Não protestes. Eu **não** conheço o medo. A morte não me assusta. (vp-ld) → definido não-referencial.

Apesar de ser morfologicamente definido, o sintagma nominal o medo tem interpretação genérica ou não-referencial. Além disso, não é possível a retomada anafórica.

Verifica-se que é possível no português a existência de frases que contêm casos de sintagma nominal complemento, classificados como indefinidos, que podem ser retomados por artigo definido genérico, sendo considerados, portanto, como não-referenciais, como em:

(288) Não há coração, meu amigo, que não tenha sido atingido pela seta de Cupido. **O coração** é o órgão do amor e por isso mesmo dele se nutre e vive. (hp-ld)

Admite-se a seguinte interpretação, que evidencia o valor positivo dessa frase negativa:

(289) Todo coração é atingido pela seta de Cupido. O coração é o órgão do amor e por isso mesmo dele se nutre e vive. ↓↓

(todo e qualquer coração = não - referencial)

O único caso de objeto direto indefinido, encontrado no corpus, que pode ser classificado como referencial ocorreu num contexto que apresenta a combinação da negação com um modal de possibilidade:

(290) Dois Estados podem **não** manter relações diplomáticas, ou mantê-las sem chegar a trocar embaixadas. (dip-It) → possibilidade de não X
= É possível que dois estados não mantenham relações diplomáticas

Em (290), a negação não incide sobre o modal, afeta apenas a predicação. O uso do modal de possibilidade permite a extensão com a oração disjuntiva em que há retomada anafórica.

Entretanto, numa frase como (290a) a negação está anteposta ao modal e não é possível uma continuação com retomada anafórica, pois a negação incide sobre o modal e afeta a referencialidade do sintagma nominal complemento:

(290) a. Dois Estados **não podem** manter relações diplomáticas *ou mantê-las sem chegar a trocar embaixadas. → negação da possibilidade de X
= Não é possível que dois estados mantenham relações diplomáticas

Assim, a posição da negação em relação ao modal não só influencia a interpretação e o escopo do modal, como também pode afetar a referencialidade do sintagma nominal objeto, que será obrigatoriamente não-referencial quando a negação incidir sobre o modal, como em (290a), que não permite retomada anafórica.

Encontraram-se com muita frequência no *cópus* frases com negação predicativa frasal que apresentam ocorrências de sintagmas indefinidos não-referenciais com uso atributivo, como em:

(291) O diplomata **não** é um espião. (dip-lt)

(292) Tessala: (ofendida) senhor, eu **não** sou uma espiã, e sim uma escrava.
(teg-ld)

Conclui-se que em frases com negação predicativa frasal, fica favorecida a interpretação de sintagmas nominais indefinidos argumentos do verbo como não-referenciais.

Nos diferentes tipos de texto que constituem o *cópus* de análise, foi realizado, ainda, um levantamento das construções que apresentam a combinação da negação com modais.

A modalização do conteúdo de um enunciado se faz em português por meio de vários expedientes. A coocorrência de modais epistêmicos e deônticos com negação é ilustrada pelas ocorrências abaixo, em que a modalidade é expressa:

a) por verbos de significação plena, indicadores de opinião, crença ou saber, como em

(216) **Não** acho que seja ofensa. (pp-ld) → epistêmico

(293) **Não** sei o que pretendes insinuar. (vp-ld) → epistêmico

b) por um verbo auxiliar modal, como em:

(294) **Não** se pode estragar o que já está estragado. (mo-ld) → epistêmico

(295) Quero prevenir-te de que **não** deves discutir com ele. (vp-ld) → deôntico

c) por um advérbio modalizador, como em

(296) Em artigo de morte, talvez **não** nos sobre tempo útil para tão bela prece. (ne-lo) → epistêmico

(297) E essa submissão **não** implica necessariamente na necessidade de beijar-lhe a mão para tomar a benção (le-lo) → deôntico

d) por um adjetivo em função predicativa, como em

(298) **Não** é provável que encontremos um grande número de situações em que tenhamos de usar logaritmos. (mte-lt) → epistêmico

(299) Aparentemente **não** é necessário nenhuma habilidade especial para produzir imagens fotográficas (fot-lt) → deôntico

e) por um nome modalizador na posição de objeto de verbo-suporte, como em:

(300) Conclui o parágrafo afirmando que **não** tinha ao menos certeza que a fotografia existisse, que possuísse um gênio próprio. (fot-lt) → epistêmico

(301) Para alguns empresários não há necessidade de a indústria engajar-se no setor da pesquisa tecnológica (pt-lt) → deôntico

Quanto à distribuição de construções que associam negação com expressões modais, os resultados obtidos, para cada modalidade de texto examinada, estão representados no Quadro 11:

Quadro 11: Coocorrência de modais com a negação predicativa frasal

Tipo de modalidade	Literatura Técnica %		Literatura Oratória %		Literatura Dramática %		Total %	
Epistêmico	22	9.09	28	8.80	32	6.10	82	7.57
Deôntico	15	6.19	18	5.66	28	5.36	61	5.63
Nenhum modal	205	84.72	272	85.54	464	88.54	941	86.80
Total	242	22.32	318	29.34	524	48.34	1.084	100

Nos três tipos de textos examinados, os modais epistêmicos associaram-se com maior frequência à negação predicativa frasal (1 e 2) do que os modais deônticos. Das 143 ocorrências de associação de negação com modais, 82 casos (58% do total) combinam negação e modalização epistêmica. Os outros 61 casos (42% do total) associam negação com modais deônticos.

Ducrot (1993), para quem o conceito de modalidade, assim como qualquer outro, é opositivo, havendo, então, o modal e o não-modal, liga tal oposição ao contraste entre o subjetivo e o objetivo, ou seja, ao contraste entre a descrição das coisas e a tomada de posição em relação a essas coisas. Relativizando essa oposição, pode-se afirmar que a literatura dramática é mais subjetiva ou mais

modal, pois remete aos aspectos de um discurso relativo às tomadas de posição, às atitudes morais, intelectuais ou afetivas, expressas no discurso. A literatura técnica, por outro lado, é mais objetiva, ou pouco modal, pois está ligada à descrição das coisas, à informação, à objetividade.

Era esperado, portanto, que a literatura dramática apresentasse o maior índice de combinação de negação tanto com modais deônticos como com modais epistêmicos, uma vez que se trata de discurso espontâneo e interativo, e que a literatura técnica apresentasse o menor nível de modalização associada à negação, por se tratar de discurso técnico e objetivo. Entretanto, verificou-se exatamente o oposto. Pelo exame do quadro 11, percebe-se que o tipo de literatura menos modalizado é a literatura dramática, com 60 casos de combinação de modais com negação em 524 ocorrências (11.45%) de negação predicativa frasal.

Os resultados de associação de modais com negação nos textos das literaturas técnica e oratória mostram que esses dois tipos textuais apresentam algumas características em comum e se diferenciam da literatura dramática. Os textos técnicos apresentam índices de combinação de negação muito próximos aos encontrados nos textos da literatura oratória. Ambos apresentaram aproximadamente 15% de modais combinados com negação: 37 casos em 242 (literatura técnica) e 46 casos em 318 (literatura oratória). No que diz respeito à incidência de combinação de modais e negação, pode-se dizer, então, que esse tipo de associação é mais freqüente nas literaturas técnica e oratória do que na literatura dramática.

A combinação de modalização epistêmica e negação foi mais recorrente nos textos da literatura técnica (22 casos em 242, ou seja, 9.09%). Os textos de oratória apresentaram uma frequência próxima à encontrada para os textos técnicos: do total de 318 ocorrências de negação predicativa frasal, 28 casos (8.80%) combinaram negação com modais epistêmicos.

Quanto ao comportamento dos modais deônicos combinados com negação, a mesma tendência foi observada: os textos técnicos abrigam 6.19% das ocorrências (15 casos em 242) seguidos pelos textos de oratória que comportam 5.66% do total de modalização deônica associada à negação (18 casos em 318), e pelos textos da literatura dramática (28 casos em 524, ou seja, 5.36%).

A negação, quando associada aos modais epistêmicos e deônicos, apresenta algumas especificidades de uso, como já foi observado em 6.2.. O estudo da combinação de negação com modais epistêmicos e deônicos revela que a posição do operador de negação exerce, em alguns casos como o do auxiliar modal poder, influência na interpretação e escopo do modal, como se vê nas seguintes ocorrências:

(171) A gravidez pode **não** modificar a evolução da moléstia mas é comum exacerbá-la no primeiro trimestre (obs-lt)

→ possibilidade de não modificar a evolução da moléstia.

= É possível que a gravidez não modifique a evolução da moléstia ...

(171) a. A gravidez **não** pode modificar a evolução da moléstia

→ negação da possibilidade de modificar a evolução da moléstia.

= Não é possível que a gravidez modifique a evolução da moléstia

A negação está anteposta na frase (171a) e incide sobre o modal, pois nega-se a possibilidade de a gravidez modificar a evolução da moléstia. Já uma frase como (171) em que a negação está posposta ao modal, pode ser interpretada como “possibilidade de não modificar a evolução da moléstia”. O escopo da negação é a predicação não modalizada.

O operador de negação apresenta-se anteposto ao auxiliar modal poder, quando há negação de permissão, como em

(302) E é um segredo que eu **não posso** revelar (pem-ld)

→ negação da permissão de X

= Não me é permitido revelar esse segredo

A posposição da partícula de negação ao modal poder parece ser utilizada, principalmente, em contextos de possibilidade epistêmica do tipo de (303):

(303) Podem os nossos amigos objetar que não conseguem entender como Jesus Cristo poderia ter sido homem e Deus, podem **não** compreender como se explica uma Trindade, e como foi possível Ele ter nascido de uma virgem.
(le-lo)

→ possibilidade de não X

= É possível que eles **não** compreendam como se explica uma Trindade ...

Na combinação do auxiliar modal dever e negação, em contextos que exprimem necessidade ou possibilidade, a posição da negação não influencia a interpretação: o modal sempre estará excluído do escopo da negação. Assim, tanto nas ocorrências em que o operador de negação está anteposto ao modal, como em (304), como nas ocorrências em que a partícula de negação está posposta ao modal, como em (169), o significado obtido é de “obrigação de não ... / necessidade de não...”:

(169) Devemos **não** esquecer que há uma soma de energia interior que tem de ser despendida. (ae-lt)

→ necessidade de não X

= É necessário não esquecer que há uma soma de energia interior que tem de ser despendida

(304) E, além das condições materiais, **não** devemos esquecer as influências intelectuais, sociais e morais que são fatores poderosos de desenvolvimento (ae-lt)

→ necessidade de não X

= É necessário não esquecer as influências intelectuais, sociais e morais ...

Embora o modal seja formalmente negado (**não** deve) em ocorrências do tipo de (304), ao se analisar o escopo da negação nota-se que é o verbo pleno que é afetado, e não o auxiliar modal.

Normalmente, a negação de uma frase X serve para inverter a asserção que um falante teria feito, e não afeta outros tipos de informação que o falante teria transmitido, tais como pressuposição, implicaturas, e outras. Ocasionalmente, entretanto, a negação é direcionada precisamente para pressuposições, implicaturas, ou até mesmo para aspectos puramente formais de uma sentença, tais como entonação, pronúncia. A negação pode incidir sobre elementos interpretativos que normalmente não seriam afetados por ela.

Partindo do pressuposto de que o tipo de texto pode determinar a preferência pelo uso de um tipo de negação, pretendeu-se, neste estudo, verificar, e, dentro do possível, avaliar a frequência de uso de negação metalingüística nos diferentes tipos textuais analisados. A distribuição das ocorrências de negação metalingüística por tipo de literatura pode ser visualizada no quadro 12:

Quadro 12: Negação metalingüística em cada literatura

Tipo de Literatura	Número de ocorrências	Porcentagem
Dramática	6 em 781 ocorrências	0.76%
Oratória	3 em 397 ocorrências	0.75%
Técnica	1 em 310 ocorrências	0.32%
Total	10 em 1.488 ocorrências	0.67%

Verificou-se que, das 1.488 ocorrências do corpus, apenas 10 casos de negação apresentaram leitura metalingüística⁵¹. Tomados os três tipos de literatura em conjunto, observou-se que a negação metalingüística foi mais freqüente nos

textos das literaturas dramática e oratória, que apresentaram índices praticamente idênticos. Pode-se dizer que o fator motivador da preponderância da leitura metalingüística da negação nesses dois tipos de textos seja o caráter mais interativo, principalmente dos textos dramáticos, em contraste com a ausência desse traço nos textos da literatura técnica, de caráter eminentemente informativo.

O reconhecimento de um operador de negação como de leitura metalingüística é, segundo Horn (1985, 1989), mais difícil do que a identificação de um operador de negação como de leitura descritiva.

Os exemplos de negação metalingüística tipicamente envolvem objeção a um enunciado prévio, seguido por retificação.

Nos textos da língua escrita, verificou-se que a negação metalingüística é utilizada nos seguintes contextos:

- **Contextos em que a negação metalingüística é utilizada como um recurso que possibilita a correção e apresentação da realização fonética correta de uma determinada palavra:**

(305) F: Acho que tô meio surda, sim senhor... Mas me mandaram vir assim mesmo procurar ao “seu” Durão.

D: Durão, **não**. Duran! Fernandes de Duran! (om-lá)

Os casos de negação metalingüística que afetam a representação fonética são considerados casos extremos desse tipo de uso da negação.

⁵¹ Devido ao número muito pequeno de ocorrências de negação com leitura metalingüística, o estudo qualitativo e o levantamento dos contextos de ocorrência desse tipo peculiar de negação foram realizados num corpus mais amplo.

• Contextos que apresentam aspectos da morfologia como alvo da negação metalingüística:

Há contextos em que a negação metalingüística incide sobre aspectos da morfologia:

(306) Roberto: Seja o chefe e **não** chefete! (re-ld)

(307) Maria: Até que seria bom, hein!

Tião: Seria não, minha nega, vai ser! (en-ld)

(308) Nem um mesmo indivíduo amadurece harmoniosamente em todos os seus órgãos e em todas as suas funções. **Não** há maturidade, mas maturidades: física, fisiológica, emocional, mental, moral, social, educacional. (ac-lt)

(309) "Pode-se **não** ter razão mas ter razões", disse Anna, abrindo, obviamente, um debate. (acm-lr)

(310) Logo, a palavra certa é: heliomorfismo - e **não** "xeromorfismo" nem tão pouco "oligotrofismo". (tf-lt)

Nas ocorrências (308) e (309), a negação incide sobre a categoria morfológica “número”, servindo em ambos os casos como um mecanismo que possibilita a correção de um substantivo inicialmente considerado como singular, para um substantivo plural.

Na morfologia verbal, a categoria “tempo” pode ser alvo da negação metalingüística. Em (307), o operador de negação aparece posposto e incide sobre

o futuro do pretérito (seria) utilizado “metaforicamente” para a expressão da irrealidade. A substituição por uma forma de futuro do presente composto (vai ser) parece assinalar uma atitude modal de maior confiança do falante em relação ao que ocorrerá no tempo futuro.

O aspecto morfológico que está sob o escopo de um operador de negação com leitura metalingüística em (306) e (310) diz respeito ao campo da formação de palavras. A ocorrência (310) é um caso de correção de uso de prefixos. A ocorrência (306) apresenta um caso de negação metalingüística, numa frase imperativa, que contém um sufixo que possui efeito pejorativo (chefete).

• **Contextos em que a negação metalingüística atua sobre predicções escalares:**

Uma investigação de como a negação metalingüística interage com predicados escalares mostra que ela é freqüentemente utilizada como um meio de rejeitar um item lexical que é mais fraco numa escala, a favor de um item mais forte:

(311) - Você não conhece Angela! Não conhece. Não pode conhecer! Só eu.

Não é, por si, uma mulher má. ... mas é uma desgraçada - e é uma desgraça na vida de um homem! (a-lr)

• **Contextos em que a negação incide sobre uma pressuposição:**

Os casos de negação de pressuposição são tradicionalmente considerados como contextos propiciadores de leitura metalingüística da negação.

Carston (1996) observa que os casos de negação de pressuposição são similares aos outros casos, no que diz respeito às propriedades peculiares dos enunciados que apresentam negação metalingüística: são, na sua maioria, facilmente contextualizados como réplicas a enunciados afirmativos, possuem quase sempre o contorno típico de contradição e têm os efeitos marcados de enunciados *garden-pathing*.

O título de um anúncio publicitário, publicado na revista Veja, a propósito do relançamento do veículo Fusca da marca Volkswagen, ilustra um caso de negação de pressuposição que possui leitura metalingüística:

(312) O Fusca **não** voltou. Porque se você olhar na rua vai ver que ele nunca foi embora. (vej-lj)

A negação incide sobre a pressuposição contida no enunciado “O Fusca não voltou”. Nessa propaganda, o uso da negação metalingüística contribui para mostrar a popularidade e a importância desse veículo em nosso país.

Também em (313) há a negação de uma pressuposição:

(313) Folha: O sr. crê em Deus?

Lovelock: Nunca acreditei em Deus, mas **não** sou um ateu. (fsp-lj)

• **Contextos em que o que é negado é a implicatura convencional:**

As implicaturas convencionais assim como as implicaturas conversacionais⁵² são parte do que é transmitido por um dado falante num determinado enunciado, sem fazer parte do que é dito ou literalmente expresso pelo falante naquele enunciado. As implicaturas convencionais e as conversacionais não contribuem para as condições de verdade, mas restringem a adequação das expressões com as quais estão associadas.

As implicaturas convencionais são definidas por Karttunen e Peters (1979:2) não como produto da interação entre as máximas conversacionais e o que é dito mas como resultado dos significados convencionais das palavras e construções gramaticais que ocorrem na sentença.

A negação de um aspecto da semântica da palavra, ou seja, de uma implicatura convencional está presente nas ocorrências abaixo:

(314) - Escute. **Não** é caridade. Aceite como auxílio que um ser humano pode dar a outro ser humano, sem ofender nenhum dos dois. O senhor não faria o mesmo por mim? (ch-lr)

(315) A Lista Diplomática **não** é um mero catálogo, preparado com o objetivo prático de informar. É um documento oficial, editado e mantido em dia pelo Protocolo Cerimonial do ministério do Exterior. (dip-lt)

(316) Antes de Crylor aparecer, as crianças **não** passavam o inverno vestidas. Passavam o inverno embrulhadas. Em blusas de lã, casaco, paletó,

⁵² Os conceitos de implicatura conversacional e de implicatura convencional aparecem primeiramente definidos por Grice (1975). A implicatura conversacional é definida como uma

capote, capa. As crianças não conseguiam nem se mexer direito. As roupas Crylor que Hominho de Ferro fez são leves, confortáveis e quentes. (pfi-lp)

O uso de negação metalingüística em contextos que contêm implicatura convencional também pode ser detectado nas seguintes ocorrências:

(317) Melchior: Mas foi uma violência, o que não é digno de um homem direito.

Robério: Não é digno de um homem direito, mas é de um homem. (vp-ld)

(318) Armando: Ora, Flávio, não há mestres. Há homens mais entendidos, mais experientes, mais estudiosos. Mestres, todos nós somos desde quando nos sobrem pendores e vocações. (hp-ld)

• **Contextos em que o que é negado é a implicatura conversacional:**

Os contextos que envolvem uma implicatura conversacional são considerados contextos propícios ao uso de negação metalingüística:

(319) Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas para não incomodar os moradores, avisava gritando:

- Não é ninguém, é o padeiro! (aid-lj)

(320) Dono de um dos punches mais devastadores da cena política brasileira - tê-lo como adversário é uma das piores coisas que podem acontecer a qualquer pessoa - ACM admite que gostaria de ser presidente. Mas não candidato, ressalva. (ex-lj)

implicação realizável no nível pragmático, partindo do princípio de que o enunciado em interação é entendido como relevante.

(321) O coro é como um espectador que manifesta a emoção do horror, da angústia e do amor, mas **não** é a emoção de alguém. É a emoção da humanidade. (acm-lr)

(322) "Como se vê o problema de vocês **não** é associar idéias. Mas sim ter idéias." (acm-lr)

• **Contextos em que são rejeitados os aspectos pragmáticos associados ao registro ou nível estilístico de uma dada palavra ou expressão:**

Um falante pode empregar a negação para rejeitar aspectos pragmáticos associados com o registro ou nível estilístico escolhido por outro falante no contexto discursivo, tipicamente por causa de delicadeza insuficiente ou excessiva. Isso pode ser ilustrado nas ocorrências abaixo:

(323) Bel: **Não** é meter o dedinho, Marcos. É discutir! Isso é muito saudável! (re-lr)

(324) **Não** me escrevam mais vagina! É o órgão genital feminino e pênis é o órgão genital masculino. Faz um ano que estou repetindo a mesma coisa! (re-lr)

O uso de uma negação metalingüística possibilita que uma descrição possa ser posta de lado (por não ser adequada) em favor de outras, cujas contribuições para o significado de verdade são idênticas no contexto relevante, mas que diferem no foco ou conotação:

(325) O mal da "Igreja Criticante" não é criticar. Até que isso pode ter sua utilidade nos momentos certos. Seu mal é viver criticando a esmo e, em geral, sem saber realmente de quem ou de que se está falando. (ap-lj)

(326) - Bem. Pra começar, eu também não conheço esse tal de dialeto que o senhor está procurando. E, depois, aqui não é hotel, chama é pensão (act-lr)

O emprego de um operador de negação com leitura metalingüística pode servir para indicar a extensão insuficiente de um item lexical utilizado num enunciado:

(327) Terça-feira, início da tarde. Fernanda chegou de manhã de Los Angeles, onde foi participar do almoço de confraternização dos indicados. Ela conta: “não é indicada, é nominada”; eu fui nominada para o Oscar, o que é uma forma de dizer que eu fui nominada dama da ordem do cinema de Hollywood”. (O Estado de São Paulo 13/3/1999-lj).

As suposições estereotipadas ou conotações que vêm com uma palavra ou sintagma particular também podem ser alvo de uma negação metalingüística:

(328) Não te tratava como mãe, e sim como madrasta. (bn-ld)

(329) Ele não é o meu pai. É o padrasto. Dá em cima de mim nas barbas de todo mundo, toda a cidade sabe disso (bb-lr)

- **Contextos que contêm enunciados negativos que expressam ironia:**

A leitura metalingüística pode também ser motivada pelo tipo de enunciado exemplificado em (330), em que o falante utiliza o operador de negação com ironia para insinuar exatamente o contrário do que é dito:

(330) Marta: Você pensa que eu sou idiota? Que sou uma menininha de colégio interno?

Cláudio: **Não**, você é uma sabidona!

Marta: Também não... mas não é preciso ser muito sabida para enxergar certas coisas (sm-ld)

- **Contextos com enunciados que constituem réplica a enunciados afirmativos:**

O uso metalingüístico da negação normalmente ocorre em réplicas a enunciados afirmativos correspondentes, como em:

(331) R: A senhora desculpe, mas nós vamos embora. Vou buscar nossos burros no pasto.

A: Se quiser, pegue o seu, Rui. Eu não vou.

R: Por que não vai?

A: Resolvi não ir. Quero ver a noiva ainda uma vez. E depois, se não fosse eu, isto não acontecia. Não fica bem fugir.

R: Isto **não é fugir. É escapar.**

A: Não vou. Tenho de enfrentar o mal que liberei. (vej-lj)

(332) Tome cuidado seu recruta bisonho! Tome muito cuidado porque sua pessoa está suja ouviu? Suja, mas suja mesmo.

Eu não conhecia a expressão estar sujo como sinônimo de estar pouco cotado e olhei com pasmo minha farda, procurando a porcaria. Foi quando interveio o Frango, puxa conhecido do capitão, esclarecendo meu engano. Não é sujo na roupa não, seu paspalhão! É sujo moralmente que você está e disso é que o nosso capitão está lhe avisando (cf-lr)

• **Contextos que propiciam a comparação:**

A negação metalingüística também pode estar presente em contextos que propiciam a comparação, como em:

(333) No mundo dos alimentos não existe multinacional mais multinacional que a Nestlé. Apenas 2% de seus negócios são feitos na própria Suíça. Nascida num país tão pequeno, a Nestlé nem teria como crescer se não ganhasse o mundo. (ex-lj)

• **Contextos em que a negação é utilizada para exprimir a modalidade de sarcasmo:**

Haiman (1995: 329) afirma que a negação, assim como as modalidades de habilidade e obrigação, tem significado deôntico, epistêmico e significado *de dicto*.

O significado *de dicto* da negação, segundo Haiman, pode ser identificado com a negação metalingüística (= Eu rejeito essas palavras). Como exemplo, ele apresenta casos em que o operador de negação é utilizado para exprimir

modalidade de sarcasmo. Esse tipo de modalidade expressa a crença do falante de que o conteúdo aparente de uma mensagem não é apenas falso, mas ridículo.

O uso metalingüístico do operador de negação para indicar sarcasmo, com o efeito de ridicularizar o conteúdo proposicional de uma mensagem, pode ser obtido, segundo Horn (1985) e Haiman (1995), com o emprego retroativo do não. Esse efeito também pode ser obtido pela utilização da estrutura não que em posição inicial numa cláusula:

(334) Luiz Raul: Falou a voz do bom-senso. .. Os caras lá em cima decidindo o destino de todo o mundo e ele pede calma! Não que pessoalmente eu esteja muito preocupado (re-ld)

No português, o uso metalingüístico do operador de negação para a expressão de sarcasmo pode ser encontrado em ocorrências do tipo de (335):

(335) - Temos aqui a Dona Benedita que está com 82 anos. Começou a engordar...

- É filho! A Dona Benedita está grávida.

- Não diga! Naquela idade?

- Isto é o fim do mundo (qde-lr)

• **Contextos em que a leitura metalingüística da negação é obtida a partir do uso de construções clivadas:**

A negação clivada assume escopo sentencial ou proposicional; o enunciado inteiro rejeitado está no foco da clivagem, e a retificação seguinte informa ao

destinatário qual o aspecto do enunciado que é rejeitado. Uma forma típica desse tipo de sentença é (não é que p, é q):

(336) Não é que os cupins regulem sozinhos a temperatura do ninho, mas os cupins e o ninho formam juntos um sistema que regula sua temperatura sozinho (fsp 31.12.95)

Espera-se, com este estudo, ter-se chegado a uma caracterização mais integrada do comportamento da negação nos textos escritos do português contemporâneo do Brasil.

CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma descrição do funcionamento da negação em textos do português escrito contemporâneo, realizada a partir do aparato teórico da Gramática Funcional, que integra os diversos níveis de análise. Por conseguinte, considerou-se, neste estudo, o nível discursivo em que as frases são efetivamente realizadas. Também foram considerados os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos no funcionamento da negação, tendo em vista a verificação de especificidades de comportamento em ocorrências reais encontradas em três tipos de texto: técnico, oratório e dramático.

A análise possibilitou identificar a diversidade de expressão da negação e apresentar especificidades de comportamento da negação conforme as situações de uso e os objetivos de cada texto.

Verificou-se uma correlação entre o tipo de texto e o tipo de uso do operador de negação. O tipo de texto condiciona usos específicos de negação. Há o favorecimento de um determinado tipo de uso da negação em detrimento de outros, em decorrência da diferente natureza e das características específicas de cada tipo de literatura.

Observou-se que os textos de literatura dramática, que possuem propriedades similares às conversações, principalmente caráter interativo e estrutura dialógica, apresentaram particularidades de uso do operador de negação e maior variedade de construções negativas.

O comportamento diferenciado de uso da negação nos textos dramáticos autoriza afirmar que os textos dramáticos apresentam características bastante

distintas daquelas encontradas nos textos técnicos e nos oratórios. Compostos basicamente por diálogos travados entre as personagens, os textos da literatura dramática apresentam uma estrutura discursiva menos complexa. As peças teatrais são interativas e, embora sejam escritas, simulam as situações de fala, nas quais os participantes não dispõem de muito tempo para uma alta elaboração e planejamento do enunciado. Isso explica a baixa frequência de negação predicativa de constituintes, a inexistência de negação aditiva correlativa e de negação exclusivo-restritiva, e a alta frequência de formas de negação ligadas à interação, como por exemplo, a negação apêndice. Por outro lado, nos textos técnicos e oratórios predominam as formas de negação ligadas à estruturas expositivas, informativas e de caráter essencialmente argumentativo: negação exclusivo-restritiva, negação morfema, negação predicativa de constituinte, negação aditiva correlativa.

Considerando-se que os resultados da investigação revelam especificidades de uso e multiplicidade de funções da negação correlacionadas à diferente natureza e função comunicativa de cada tipo de texto, é possível agrupar os diferentes empregos do operador de negação em dois grupos, de acordo com a natureza dos textos:

(i) Os textos técnicos e oratórios comportam usos de negação que estão proeminentemente a serviço da função ideacional da linguagem:

- negação aditiva correlativa;
- negação exclusivo-restritiva;
- negação predicativa e relacional de constituinte;

- negação morfema.

(ii) Os textos da literatura dramática abrigam os usos de negação especialmente ligados à função interpessoal da linguagem:

- negação apêndice;
- negação em frase imperativa, exclamativa, ou interrogativa;
- negação tipo resposta.

No que se refere à negação de constituintes, observou-se que esse tipo de negação predomina nos textos técnicos e de oratória. A maior incidência de negação predicativa de constituintes na literatura técnica está a serviço dos propósitos comunicativos dos textos técnicos, os quais objetivam informar e instruir o leitor. São construídos em situações controladas e apresentam seus referentes de maneira definida e elaborada. Esse tipo de negação também é freqüente nos textos oratórios, devido a suas características funcionais: tais textos têm como objetivo principal a persuasão e são construídos com uma linguagem mais elaborada e acabada, em situações altamente controladas e planejadas.

Verificou-se que, por sua função de modificadores, adjetivos e advérbios tendem a ser as classes de palavras mais afetadas pela negação, resultado compatível com a hipótese de Leinfellner (1994), segundo a qual geralmente é a informação mais específica que é negada.

Os resultados obtidos em relação à posição da negação mostraram que a posposição da negação é típica dos textos da literatura dramática, predominando em frases mais marcadas, especialmente no registro mais coloquial ou popular.

No estudo da combinação de negação com modais, verificou-se que a posição do operador de negação exerce, em alguns casos, como o do auxiliar modal poder, influência na interpretação e escopo do modal.

No exame do *cópus*, percebeu-se que a associação de negação com modais tanto epistêmicos como deônticos foi mais recorrente nas literaturas técnica e oratória. A literatura técnica apresentou o maior índice de combinação de modais e negação. Os modais epistêmicos associaram-se com maior frequência à negação predicativa frasal do que os modais deônticos. Essa tendência manteve-se nos três tipos de textos examinados.

O estudo do comportamento e da interpretação da negação nos textos escritos permitiu a descrição de algumas funções ligadas aos efeitos da negação.

A negação pode transformar a interpretação específica de um sintagma nominal de uma frase positiva em indefinida não-específica (efeito de desespecificação), ou seja, há a possibilidade de a negação da frase mudar o caráter referencial do sintagma nominal, como foi apontado por Manzotti & Rigamonti (1991).

Pelos resultados obtidos na análise, verificou-se uma tendência ao favorecimento da interpretação não-referencial de argumentos nominais acusativos nos enunciados negativos. A negação predicativa frasal é frequentemente associada a sintagmas nominais definidos e referenciais ou correlaciona-se a sintagmas nominais indefinidos e não-referenciais.

Na análise do *cópus*, percebeu-se que são mais frequentes nas literaturas dramática e oratória os casos de negação que apresentam leitura metalingüística, o

que parece ser justificado pelo caráter mais interativo desses tipos de textos, em contraste com a ausência desse traço nos textos da literatura técnica.

Para reconhecer a leitura metalingüística de um operador de negação, verificou-se essencial a consideração do contexto em que esse operador ocorre.

O uso do operador de negação com leitura metalingüística possibilita a obtenção de efeitos argumentativos e discursivos muito particulares. A

negação metalingüística pode ser utilizada:

- como recurso que possibilita a correção e apresentação da realização fonética correta de uma determinada palavra;
- como recurso que possibilita a correção de algum aspecto morfológico do enunciado;
- em contextos que apresentam aspectos da morfologia como alvo;
- em contextos em que a negação metalingüística atua sobre predicções escalares;
- em contextos que contêm casos de negação de pressuposição;
- em contextos em que o que é negado é a implicatura convencional;
- em contextos em que o que é negado é a implicatura conversacional;
- em contextos em que são rejeitados os aspectos pragmáticos associados ao registro ou nível estilístico de uma dada palavra ou expressão;
- em contextos que propiciam a comparação;
- em contextos que contêm enunciados negativos que expressam ironia;
- em contextos que contêm enunciados negativos que expressam sarcasmo.

Verificou-se, assim, a multiplicidade de contextos em que a negação pode ser usada, o que comprova a necessidade dos estudos da língua em uso, efetivo e real.

Observou-se, ainda, que a negação pode desempenhar nos textos escritos uma multiplicidade de funções. O levantamento de funções atribuídas à negação não é exaustivo. Além disso, as funções não se excluem, podendo ocorrer **sobreposição** de funções da negação.

Nos textos escritos, a negação pode ser utilizada como uma estratégia para evitar o comprometimento do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado ou para obter um efeito de polidez, como é o caso dos enunciados em que é utilizado o processo de alçamento da negação. Esse tipo de uso da negação revela-se, assim, um recurso lingüístico utilizado pelos falantes não só para direcionar a interpretação do destinatário, mas também para atenuar o conteúdo de suas declarações, apresentando uma função marcadamente interpessoal.

No processo de construção de um texto, a negação pode ser utilizada para cumprir basicamente quatro objetivos:

- comparação ou contraste de dois ou mais itens;
- negação da informação compartilhada (de fundo), utilizada quando o escritor supõe que o leitor considera certas idéias errôneas a partir de seu conhecimento prévio;
- negação da informação processada no texto, usada quando o escritor quer evitar uma inferência errônea ou corrigir uma idéia já processada no texto;

- expressão de expectativa não preenchida, empregada quando um escritor quer indicar que uma expectativa não se realizou.

Atuando sobre o valor argumentativo dos enunciados, a negação pode ser utilizada no texto como um expediente que possibilita a objeção ao objeto do discurso ou o descrédito do falante. Em seqüências contra-argumentativas, a negação pode ser utilizada para:

- colocar em questão a pertinência que há em invocar uma razão para uma conclusão, ou seja, questionar a plausibilidade de uma razão;
- mostrar que uma conclusão é menos necessária porque uma de suas razões é refutável, ou seja, discutir a relevância da razão em relação à conclusão;
- intervir sobre a completude, isto é sobre a não-saturação das razões invocadas, isto é, discutir se foram considerados todos os aspectos do problema em consideração, em particular os mais decisivos;
- agir contra-orientando a conclusão, e isso baseando-se numa razão explicitamente invocada; isto é, discutir a orientação argumentativa que o falante atribuiu a uma dada razão, afirmando-se que essa razão é orientada para a conclusão oposta.

Conclui-se que a multiplicidade de usos, características e funções da negação, detectável em uma análise que utiliza as ocorrências concretas da língua, dentro de uma situação real de comunicação, pode ser interpretada, portanto, como possibilidades de escolha que o sistema gramatical oferece e que o enunciador (falante ou escritor) utiliza na produção do texto, segundo objetivos específicos.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE CONSULTA

- ALMEIDA, J. *Novo método de análise sintática*. São Paulo: Editora Obelisco, 1966.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ANSCOMBRE, J. C. "Deux *mais* en français?" *Lingua* 43, 1977, p. 23-40.
- APOSTEL, L. The Relation between Negation in Linguistics, Logic, and Psychology. *Logique et Analyse* 15, 1972, p. 333-401.
- APOTHÉLOZ, D.; BRANDT, P.; QUIROZ, G. De la logique à la contre-argumentation - *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques*, 57, 1989, p. 1-42.
- APOTHÉLOZ, D.; BRANDT, P.; QUIROZ, G. The Function of Negation in Argumentation. *Journal of Pragmatics* 19, 1993, p. 23-38.
- ARRIVÉ, M. *et. al. La Grammaire d'Aujourd'hui*. Paris: Librairie Flammarion, 1986.
- ATTAL, P. Négation de Phrase et Négation de Constituant. *Langue Française* 12, 1971, p. 98-111.
- van der AUWERA, J. On Combining Negation and Modality. Mimeo, 1996, p. 1-4.
- BELLERT, I. On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs. *Linguistic Inquiry* 8, 1977, p. 337-351.
- BIBER, D. *Variation across Speech and Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

- BIBER, D. & FINEGAN, E. Drift and the Evolution of English Style. *Language* 65, n.3, 1989, p. 487-517.
- BORILLO, A. La négation et l'orientation de la demande de confirmation. *Langue Française* 44, 1979.
- BRANDT, P. Contre-argumentation et organisation raisonnée. *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques* 57, 1989, p. 43-57.
- BUBLITZ, W. Transferred Negation and Modality. *Journal of Pragmatics* 18, 1992, p. 551-577.
- BURTON ROBERTS, N. On Horn's dilemma: Presupposition and negation. *Journal of Linguistics* 25, 1989a, p. 95-125.
- BURTON ROBERTS, N. *The limits to debate*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989b.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CARSTON, R. Metalinguistic Negation and Echoic Use. *Journal of Pragmatics* 25, 1996, p. 309-330.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- CHAFE, W. Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subject, Topics and Point of View. In: LI, C. (ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.
- CHAFE, W. The Realis-Irrealis Distinction in Caddo, the Northern Iroquian Languages, and English. In: BYBEE, J. & FLEISCHMAN, S. (eds.)

- Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1995, p. 349-365.
- CHAPMAN, S. Metalinguistic Negation, Sentences and Utterances. *Newcastle and Durham Working Papers in Linguistics 1*, 1993, p. 74-94.
- CHAPMAN, S. Some Observations on Metalinguistic Negation. *J. Linguistics* 32 Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 387-402.
- CONTE, M. E. Coerência Textual. *Lingua e Stile* 15. 1980, p. 135-154.
- CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. 11.ed. Rio de Janeiro: FAE-Ministério da Educação, 1986.
- DANTAS, G. M. *A expressão da negação em português*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.
- DIK, S. C. *Functional Grammar*. Amsterdam: North-Holland, 1978.
- DIK, S. C. *Studies in Functional Grammar*. New York: Academic Press, 1980.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1: The Structure of The Clause. Dordrecht - Holland: Foris Publications, 1989.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part 2: Complex and Derived Constructions. Kees Hengeveld (ed.) Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIK, S. C., K. HENGVELD, E. VESTER & C. VET. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: J. NUYTS, A. M. BOLKESTEIN & C. VET (eds) *Layers and Leves of Representation in*

- Language Theory: a functional view*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990, p. 25-70.
- DU BOIS, J. W. Beyond definiteness: the trace of identity in discourse. In: CHAFE, W. L. (ed) *The Pear Story: cognitive cultural and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- DUCROT, O. *Dire et ne pas dire*. Paris: Hermann, 1972.
- DUCROT, O. *La preuve et le dire*. Paris: Maison Mame., 1973.
- DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.
- DUCROT, O. A quoi sert le concept de modalité? In: DITTMAR, N. & REICH, A. (ed.s) *Modality in Language Acquisition*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 111-130.
- DUCROT, O et al. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- GARCÍA, A. L. *Gramática del español*. I: La oración compuesta. Madrid: Editorial Arco Libros, 1994.
- GIVÓN, T. Negation in Language: pragmatics, function, ontology. In: *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional typological introduction*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.
- GIVÓN, T. *English Grammar*. John Benjamins Publishing Company, 1993.
- GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P. & J. MORGAN (eds.) *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.

- HAIMAN, J. Mood and Metamessages. Alienation as a Mood. In: BYBEE, J. & FLEISCHMANN, S. (eds.) *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 329-345.
- HENGEVELD, K. Layers and Operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistics* 25, 1989, p. 127-157.
- HENGEVELD, K. Cohesion in Functional Grammar. In: CONNOLLY, J. H.; VISMANS, R.M.; BUTLER, C.S.; GATWARD, R.A. (eds.) *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997, p. 1-16.
- HOPPER, P. & S. THOMPSON Transitivity in Grammar and Discourse. *Language* v.56, Baltimore, 1980, p. 251-299.
- HORN, L. R. Remarks on NEG-raising. In: COLE, P. (ed). *Syntax and Semantics: Pragmatics*, v.9. New York: Academic Press, 1978, p. 129-220.
- HORN, L. R. Metalinguistic Negation and Pragmatic Ambiguity. *Language* 61, 1, 1985, p. 121-174.
- HORN, L. R. *A Natural History of Negation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989. Cap. 6: Metalinguistic Negation. p. 362- 444.
- JACKENDOFF, R. An Interpretive Theory of Negation. *Foundations of Language* 5, 1969.
- JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
- JESPERSEN, O. *The Philosophy of Grammar*. London: George Allen & Unwin Ltda., 1948.

- KARTUNNEN, L. & PETERS, S. Conventional Implicature. *In*: OH, C. K. & DINNEEN, D. A. (eds.) *Syntax and Semantics 11: Presupposition*. New York: Academic Press, 1979.
- KLIMA, E. Negation in English. *In*: FODOR, J. & J. KATZ. *The Structure of Language: Readings in the Philosophy of Language*. New Jersey, Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1964.
- KURY, A. G. *Português básico*. 15.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- LANG, E. Zum Status der Satzadverbiale. *Slovo a Slovenost* 40, 1979, p. 200-213.
- LEINFELLNER, E. The Broader Perspective of Negation. *Journal of Literary Semantics* 23, n.2, 1994, p. 77-98.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfossintática do português: aplicação do estruturalismo lingüístico*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1970.
- MANZOTTI, E. & RIGAMONTI, A. La negazione. (capitolo V) *In*: RENZI, L. & SALVI, G. (orgs.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. Vol. II Bologna: Il Mulino, 1991, p. 245-317.
- MIRA MATEUS, M. H. *et al.* *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina, 1983.
- MOESCHLER, J. "Une, Deux ou Trois Négations?" *In*: CALLEBAUT, B. (org.) *Langue Française 94* Paris: Larousse, 1992, p. 8-25.

- NEVES, M. H. M. Polarização e modalização. (Relatório de Pesquisa ao CNPq).
Mimeo, 1990.
- NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do português falado* v. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1996.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. A modalidade: um estudo de base funcionalista na língua portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, 1999a (no prelo).
- NEVES, M. H. M. A negação. In: *Gramática de Usos do Português*. Editora da UNESP, 1999b (no prelo).
- NEVES, M. H. M., LIBERATTI, E.M.S., DOMINGOS, E.C. O uso das construções de negação transferida em português. *Estudos Linguísticos XXV - Anais de Seminário do Gel*. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 667-673.
- NUYTS, J. Negative-Raising Reconsidered: Arguments for a Cognitive-Pragmatic Approach. In: *Journal of Pragmatics* 14: 559-588, North-Holland, 1990.
- NUYTS, J. Epistemic Modal Adverbs and Adjectives and the Layered Representation of Conceptual and Linguistic Structure. *Linguistics* 31, 1993, p. 933-969.
- OITICICA, J. *Manual de análise*. 10.ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1953.
- PAGANO, A. Negatives in Written Text. In: COULTHARD, M. (ed.) *Advances in Written Text Analysis*. London: Routledge, 1994, p. 250-265.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PALMER, F. R. Negation and the Modals of Possibility and Necessity *In*: BYBEE, J. & FLEISCHMAN, S. [eds]. *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1995, p. 453-471.

PAREDES SILVA, V.L. Forma e função nos gêneros de discurso. Artigo baseado em relatório apresentado ao CNPq. Pesquisa de Pós-Doutorado desenvolvida na Universidade de Georgetown (processo nº 211042794), 1995.

PEREIRA, E. C. *Grammatica expositiva*. 8a. ed. São Paulo, 1918.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given-new information. *In*: COLE, P. *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.

QUIRK, A *Comprehensive Grammar of the English Language* 7th. Ed. London: Longman, 1985.

RIBEIRO, E. C. *Serões grammaticaes ou Nova gramatica portugueza*. 6. ed. Salvador: Livraria Progreso Editora Aguiar & Souza Ltda, 1955.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 15.ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1972.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1964.

SEUREN, P. Burton-Roberts on presupposition and negation. *Journal of Linguistics* 26, 1990, p. 425-453.

- SHEINTUCH, G. & WISE, K. On the Pragmatic Unity of the Rules of Neg-Raising and Neg-Attraction. *Chicago Linguistic Society* 12, 1976, p. 548-557.
- SILVA, J. Q.G. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta* 2. Belo Horizonte, 1999, p.87-106.
- SILVA-CORVALÁN, C.S. Contextual Conditions for the Interpretation of “poder” and “deber” in Spanish *In: BYBEE, J. & FLEISCHMAN, S. (eds). Modality in Grammar and Discourse.* Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1995, p. 67-105.
- TOTTIE, G. *Negation in English Speech and Writing: A study in variation.* Quantitative Analyses of Linguistic Structure. San Diego: Academic Press, 1991.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais: o caso do né? Estudos Linguísticos XXIII Anais de Seminários do Gel. São Paulo, 1994, p. 1430-1437.
- VET, C. Predication, Aspect, and Negation. *In: Layered Structure and Reference in a Functional Perspective: Papers from the Functional Grammar Conference in Copenhagen.* Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992, p. 57-71.
- WILSON, D. & D. SPERBER. Representation and relevance. *In: KEMPSON, R. (ed.) Mental Representations: the interface between language and reality.* Cambridge: Cambridge university Press, 1988, p. 133-153.
- WILSON, D. & D. SPERBER. On verbal irony. *Lingua* 87, 1992, p. 53-76.

OBRAS UTILIZADAS NA ANÁLISE

OBRAS DRAMÁTICAS

- (BN) MONIZ, E. (1954) **Branca de neve**. Rio de Janeiro: São José.
- (CCI) ESCOBAR, CH. (1977) **Caixa de cimento**. Rio de Janeiro: Civilização.
- (EN) GUARNIÉRI, G. (1966) **Eles não usam black-tie**. São Paulo: Brasiliense.
- (F) PEDROSO, B. (1967) **O fardão**. Rio de Janeiro: Saga.
- (HP) WANDERLEY, J. C. (1960) **O homem que perdeu a alma**. Rio de Janeiro: MEC.
- (IN) GOMES, A. D. (1962) **A invasão**. Rio de Janeiro: Civilização.
- (MO) ANDRADE, J. (1980). **A moratória**. São Paulo: Agir.
- (MPF) BOAL, A. (1978) **Murro em ponta de faca**. São Paulo: Hucitec.
- (OM) BUARQUE, C. (1980) **Ópera do malandro**. 3 ed. São Paulo: Cultura.
- (PEL) SUASSUNA, A. (1975) **A pena da lei**. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir.
- (PEM) KÜHNER, M.H. (1989) "Pedro Malazarte". *In: Revista de Teatro*, n. 471, Rio de Janeiro, Março.
- (PP) GOMES, A. D. (1967) **O pagador de promessas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização.
- (RC) VIANA FILHO, O.(1980) **Rasga coração**. Rio de Janeiro: MEC / SEAC / FUNART.
- (RE) AMARAL, M.A.S. (1978) **A resistência**. Rio de Janeiro: MEC/DAC/FUNART.
- (SM) Santa Marta Fabril S/A.
- (TB) JABOR, A. **Tudo bem**. (roteiro de filme).
- (TEG) FIGUEIREDO, G. (1964) **Teatro de G. Figueiredo** (4 peças). Rio de Janeiro: Civilização.
- (VP) MONIZ, E. (s/d) **Vila de Prata**. Rio de Janeiro: São José.

OBRAS JORNALÍSTICAS (jornais, revistas e crônicas)

- (AID) BRAGA, R. **Ai de ti Copacabana**.
- (AP) **A província do Pará**. Pará, 26.01.1980.
- (B) BRAGA, R. (1955) **A borboleta amarela**. Rio de Janeiro: Sabiá.
- (CRU) **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro.
- (EM) **Estado de Minas**. Belo Horizonte, MG.
- (EMB) **Embrulhando o peixe**.
- (ESP) **O Estado de São Paulo**. São Paulo, SP.
- (EX) **Exame**.
- (FOC) **Folha de São Paulo - Ciência**. São Paulo, SP.
- (FSP) **Folha de São Paulo**. São Paulo, SP.
- (PFI) **Pais & Filhos**, n.9, Maio de 1972.
- (REA) **Realidade**. Rio de Janeiro, RJ.

(VEJ) **Veja**, ns. 533, 536, 565, 568. Rio de Janeiro, RJ.

(VIS) **Visão**. 15.01.1973 e 26.05.1975.

OBRAS ORATÓRIAS

(AM-O) AMADO, G. (1965) "Discurso de Gilberto Amado". *In: Discursos na Academia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

(AR-O) ARRAES, M. (1963-4) **Palavra de Arraes**. Rio de Janeiro: Civilização.

(CAR-O) CARVALHO, J.C. & SALES, H. (1974) **Discursos na academia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

(G-O) GOULART, J. (1962) **Desenvolvimento e Independência**. Rio de Janeiro: Discursos.

(JK-O) OLIVEIRA, J.K. (1958) **Discursos**. Rio de Janeiro.

(JL-O) LINS, J. (1984) **Discursos no Senado Federal/82**. Brasília.

(LE-O) LESSA (REV. R.V.C.T.). (1976) **Eu era cego e agora vejo**. São Paulo: Pendão Real.

(MA-O) MAYER, A.C. (1963) **Carta Pastoral**. São Paulo: Vera Cruz.

(ME-O) MÉDICI, E.G. (1973) **O jogo da verdade**. Brasília, Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República.

(NE-O) NERY, J. C. (1975) **A rua da amargura**. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas.

(SI-O) SIGAUD, G. P. (1963) **Carta Pastoral**. São Paulo: Vera Cruz.

(TA-O) TAVARES, A.L. (1970) "Discurso do Sr. Aurélio de Lyra Tavares e respostas do Sr. Ivan Lins". *In: Posse na cadeira n.20 da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bibl. G. Readers.

OBRAS ROMANESCAS

(A) FARIA, O. (1963) **Ângela ou as areias do mundo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

(AF) ÂNGELO, I. (1978) **A festa**.

(AFA) SABINO, F. (1985) **A faca de dois gumes**. Rio de Janeiro: Record.

(AM) JARDIM, L. (1980) **O ajudante de mentiroso**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

(ANA) GATTAL, Z. (1979) **Anarquistas, graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record.

(ANB) VERÍSSIMO, J.E. (1982) **O analista de Bagé**. Porto Alegre: LBM Ed.

(BB) CONY, C. H. (1986) **Balé branco**. Rio de Janeiro: Civilização.

(BH) LESSA, O. (1970) **Balbino, homem do mar**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

(BOI) MIRANDA, A. (1989) **Boca do inferno**. São Paulo: Companhia das Letras.

(CA) **Cangaceiros**.

- (CCA) CARDOSO, L. (1959) **Crônica da casa assassina**. Rio de Janeiro: Bruguera.
- (CP) NAVA, P. (1976) **Chão de ferro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- (CH) MENDES, S. (1965). **Chagas, o cabra**. Rio de Janeiro: Civilização.
- (CP) TELES, L.F. (1955) **Ciranda de pedra**. São Paulo: Martins.
- (CRE) GABEIRA, F. (1980) **O crepúsculo do macho**. Rio de Janeiro.
- (FR) CARVALHO, O.G.R. (1981) **Ficção reunida**. Teresina: Meridiano.
- (GRE) **A greve dos desempregados**.
- (ML) ADONIAS FILHO (1974) **Memórias de Lázaro**. Rio de Janeiro: Civilização.
- (SA) ROSA, J.G. (1951) **Sagarana** (Contos) Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- (SL) RIBEIRO, J.V. (1989) **O sorriso do lagarto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- (V) PALMÉRIO, M. (1957) **Vila dos confins**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- (VA) FONSECA, R. (1988) **Vastas emoções e pensamentos perfeitos**. São Paulo: Companhia das Letras.
- (VN) TEIXEIRA, M.L. (1965) **A virgem noturna**. São Paulo: Martins.

OBRAS TÉCNICAS

- (AE) LEÃO, A.C. (1950) **Adolescência e sua educação**. São Paulo, C.E.N. v.52.
- (ANT) FONSECA, A.L. (1984) **Antibiótica da clínica diária**. 2ed. Rio de Janeiro: EPUME.
- (ARQ) FUNARI, P.P.A. (1988) **Arqueologia**. São Paulo: Ática.
- (BEB) **Botânica econômica brasileira**.
- (BIB) FERRAZ, W.A. (1972) **A biblioteca**. 6ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos/MEC.
- (DIP) BATH, S. (1989) **O que é diplomacia**. São Paulo: Brasiliense (Col. Primeiros Passos, n.62)
- (FF) SILVA, M.R. (1973) **Fundamentos de Farmacologia**. 3 ed. São Paulo: Edart.
- (FOT) KUBRUSLY, C. (1988) **O que é fotografia**. São Paulo: Brasiliense (Col. Primeiros Passos, n.82)
- (FS) SANTOS, I.R. (1979) **Os fundamentos sociais da ciência**. São Paulo: Polis.
- (GL) **Globo Rural**. Rio de Janeiro.
- (IFE) BUITONI, D.S. (1990) **Imprensa feminina**. 2 ed. São Paulo: Ática (Série Princípios, n.41).
- (IP) **Interdisciplinaridade e patologia do saber**.
- (JU) BARBOSA, J. C.T. (1984) **O que é justiça**. São Paulo: Brasiliense Col. Primeiros Passos, n.6).
- (OL) ABREU, H. (1979) **O outro lado do poder**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- (PGN) SANTOS, M. (1980) **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec.

- (PT) Pesquisa tecnológica na universidade.** Instituto Roberto Simonsen (resp.) São Paulo: Pioneira, 1968.
- (ROT) REY, M. (1989) O roteirista profissional: TV e cinema.** São Paulo: Ática.
- (TE) Termo física.** Livro Texto 28.
- (TF) PIQUEIRA, J.R.C. *et alii* (1985) Termo-física.** São Paulo: Anglo (Livro Texto, n.22).
- (UM) MAGNANI, J.G.C. (1986) Umbanda.** São Paulo: Ática (Série Princípios, n.34).

ÍNDICE DOS QUADROS E GRÁFICOS

QUADRO 1: Comportamento dos diferentes tipos de predicado em construções de complementação com negação.....	119
QUADRO 2: Corpus da Literatura Técnica.....	161
QUADRO 3: Corpus da Literatura Oratória.....	162
QUADRO 4: Corpus da Literatura Dramática.....	162
QUADRO 5: Número de ocorrências de <u>não</u> nos Textos da Língua Escrita.....	170
QUADRO 6: Tipos de negação distribuídos por Tipo de Literatura.....	173
QUADRO 7: Tipo de constituinte sob o escopo da negação.....	188
QUADRO 8: Posição da negação predicativa frasal em relação ao verbo.....	191
QUADRO 9: Formas de reforço da negação predicativa frasal.....	193
QUADRO 10: Tipos de objeto direto de enunciados negativos em cada literatura	198
QUADRO 11: Coocorrência de modais com negação predicativa frasal.....	204
QUADRO 12: Negação metalingüística em cada literatura.....	209
GRÁFICO 1: Porcentagem de ocorrências de <u>não</u> por tipo de literatura.....	170
GRÁFICO 2: Tipos de negação da Literatura Dramática.....	175
GRÁFICO 3: Tipos de negação da Literatura Oratória.....	182
GRÁFICO 4: Tipos de negação da Literatura Técnica.....	185
FIGURA 1: Relações que se estabelecem entre os diferentes tipos de modalidade.....	96